

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MÍDIA E MEIO AMBIENTE

**Uma análise da cobertura ambiental
em três dos maiores jornais do Brasil**

MÁRCIA SOARES DA SILVA

RIO DE JANEIRO – 2005

MÍDIA E MEIO AMBIENTE

Uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil

Márcia Soares da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Priscila Kuperman

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2005

MÍDIA E MEIO AMBIENTE
Uma análise da cobertura ambiental
em três dos maiores jornais do Brasil

Márcia Soares da Silva

Orientadora: Prof^a Dra. Priscila Kuperman

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada por:

Presidente: Prof^a Dra. Priscila Kuperman

Prof. Dr. José Amaral Argolo

Prof^a Dra. Sonia Aguiar Lopes

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2005

SILVA, Márcia Soares.

Mídia e Meio Ambiente: uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005.

x, 170 f.

Orientador: Priscila Kuperman

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ECO/ Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, 2005

Referências bibliográficas: f.147-152

1. Mídia. 2. Meio Ambiente. 3. Jornalismo. I. Kuperman, Priscila. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura. III: Mídia e Meio Ambiente: uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil.

Dedico

Ao meu pequeno Victor , que no meio desse trabalho
surgiu para dar mais alegrias à minha vida,

Ao meu grande e doce companheiro Flávio de Aguiar,
sempre me dando força nos momentos mais difíceis,

Àquele que ainda está por vir...

Agradeço

Aos meus pais, por acreditarem na minha força de trabalho,
sempre me incentivando a seguir em frente,

Ao meu companheiro Flávio, pela paciência, amizade, troca,
carinho, força, dedicação, amor...

Ao meu pequeno Victor, por trazer alegrias e renovação,

À minha sogra Sílvia Aguiar, pelo carinho e
disponibilidade constantes,

Ao Funbio (Fundo Brasileiro para a Biodiversidade), por
ampliar meu horizonte diante da questão ambiental e
possibilitar a realização desse trabalho,

Aos colegas da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, pela
troca de experiências e colaboração nas idéias iniciais
desta pesquisa,

Aos jornalistas que se disponibilizaram a participar das
entrevistas, dedicando parte de seu corrido tempo de trabalho,

À professora e amiga Sonia Aguiar, pelas orientações
acadêmicas iniciais;

À Priscila Kuperman, pela paciência e carinho.

RESUMO

MÍDIA E MEIO AMBIENTE

Uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil

Márcia Soares da Silva

Orientadora: Profª Dra. Priscila Kuperman

Resumo da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Esta pesquisa tem por objetivo verificar como o tema meio ambiente é tratado, atualmente, pelos três jornais de maior tiragem do país: O Globo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. A temática meio ambiente há algum tempo faz parte da agenda de temas globais discutidos pelas sociedades contemporâneas. No Brasil, ela ganhou força nas duas últimas décadas e isso pode ser verificado pelo espaço que os veículos de comunicação de massa têm dado a assuntos como destruição da camada de ozônio, desmatamento, poluição do ar, acidentes nucleares, reservas florestais etc.. Através de técnicas de análise de conteúdo, pretende-se comparar se a compreensão que os jornalistas têm sobre a questão ambiental se reflete nas notícias publicadas por eles e quais os conceitos que permeiam a notícia ambiental.

Palavras-chave: mídia, meio ambiente, jornalismo

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2005

ABSTRACT

MÍDIA E MEIO AMBIENTE

Uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil

Márcia Soares da Silva

Orientadora: Profª Dra. Priscila Kuperman

Resumo da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

This research has for objective to verify as the subject environment is treated, currently, for three bigger journals of the country: O Globo, Folha de São Paulo and Estado de São Paulo. The thematic environment has some time is part of the agenda of global subjects argued by the contemporaries societies. In Brazil, it is gained force in the two last decades and this can be verified by the space that the mass media have given to the subjects as destruction of the ozone layer, deforestation, pollution of the air, nuclear accidents, protected areas etc. Through techniques of analysis of content, it is intended to compare if the understanding that the journalists have about the environment question it reflects in the published for them and which the concepts of the environmental notice.

Keywords: press media, environment, journalism

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2005

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Figuras

Figura 1 – A faixa no Cristo	Pág. 35
Figura 2 - Distribuição do jornal O Globo no Grande Rio	Pág. 58

Tabelas

Tabela 1 – Circulação média diária dos jornais	Pág. 54
Tabela 2 – Ranking dos jornais em 2003	Pág. 60
Tabela 3 – Temáticas abordadas	Pág. 90
Tabela 4 – Fontes de Informação	Pág. 93
Tabela 5 – Os maiores problemas de sua cidade – jornalistas	Pág.101
Tabela 6 – Os maiores problemas ambientais do país – jornalistas	Pág.102
Tabela 7 – Os maiores problemas ambientais do planeta – jornalistas	Pág.102
Tabela 8 – Quais as principais fontes para meio ambiente?	Pág.138

Gráficos

Gráfico 1 – Penetração do jornal no Brasil	Pág.55
Gráfico 2 – Penetração total de jornais no Brasil – números absolutos	Pág.55
Gráfico 3 – Perfil dos leitores por classe socioeconômica	Pág.57
Gráfico 4 – Penetração do jornal no Grande Rio de Janeiro	Pág.57
Gráfico 5 – Perfil dos leitores por sexo	Pág.58
Gráfico 6 – Penetração do jornal na Grande São Paulo	Pág.59
Gráfico 7 – Perfil dos leitores por classe na Grande São Paulo	Pág.59
Gráfico 8 – Quantidade de notícias por jornalista	Pág.70
Gráfico 9 – Perfil – faixa etária	Pág.80
Gráfico 10 – Editorias	Pág.81
Gráfico 11 – Curso de graduação	Pág.81
Gráfico 12 – Ano de formação	Pág.82
Gráfico 13 – Local de formação da amostragem	Pág.82
Gráfico 14 – consultas a sites ambientais	Pág.83
Gráfico 15 – Conhece a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental?	Pág.83
Gráfico 16 – Textos por editoria	Pág.87
Gráfico 17 – Textos por editoria – por jornais	Pág.88
Gráfico 18 – Textos diretamente relacionados à questão ambiental	Pág.89

Gráfico 19 – Tipo de registro	Pág.89
Gráfico 20 – Fluxo de notícias sobre meio ambiente	Pág.90
Gráfico 21 – Destaque para os biomas	Pág.91
Gráfico 22 – Agenda ambiental	Pág.92
Gráfico 23 – Fontes de informação – por jornais	Pág.94
Gráfico 24 – Notícias positivas ou negativas?	Pág.96
Gráfico 25 – Estaria disposto a viver com mais poluição? Jornalistas	Pág.97
Gráfico 26 – Estaria disposto a viver com mais poluição? ISER	Pág.97
Gráfico 27 – A preocupação com o MA é exagerada – jornalistas	Pág.98
Gráfico 28 – A preocupação com o meio ambiente é exagerada	Pág.98
Gráfico 29 – A natureza é sagrada – jornalistas	Pág.99
Gráfico 30 – O cresc. econômico deve ter prioridade – jornalistas	Pág.99
Gráfico 31 – O crescimento econômico deve ter prioridade – ISER	Pág.100
Gráfico 32 – Os países ricos destruíram a natureza – jornalistas	Pág.100
Gráfico 33 – Faz pesquisa antes das entrevistas?	Pág.129
Gráfico 34 – Recursos mais utilizados nas pesquisas	Pág.129
Gráfico 35 – Como a pauta chegou?	Pág.130
Gráfico 36 – A notícia foi alterada?	Pág.131
Gráfico 37 – Quem elaborou o título?	Pág.133
Gráfico 38 – Os jornais deveriam ter uma editoria de meio ambiente?	Pág.135
Gráfico 39 – Teve notícias de meio ambiente não-publicadas?	Pág.137

SUMÁRIO

1. Introdução	12
1.1 Objetivo geral	14
1.2 Objetivos específicos	15
1.3 Procedimentos	15
1.4 Desenvolvimento	16
2. Comunicação e Meio Ambiente	18
2.1 Conceituando meio ambiente	20
2.2 A percepção pública sobre a questão ambiental	25
2.3 A explosão espetacular do meio ambiente na mídia e a Eco-92	30
2.4 Origens e trajetória do jornalismo ambiental	36
2.5 Dificuldades na relação mídia e meio ambiente	42
2.6 Mídia ambiental segmentada, uma alternativa?	44
3. O jornalismo impresso no Brasil	48
3.1 Reflexões sobre o fazer jornalístico	50
3.2 Quem lê jornal no Brasil?	53
3.3 Os jornais do eixo Rio-São Paulo e sua importância	56
4. Estudo de caso: a cobertura ambiental em três grandes jornais do país	60
4.1 Opção metodológica: a análise de conteúdo	62
4.2 Estrutura da pesquisa	67
4.2.1 Fase da clipagem	68
4.2.2 Fase das entrevistas	69
4.2.3 Fase da análise	71
4.3 Universo de amostragem	79
5. Análise dos dados	85
5.1 Análise categorial (resultados quantitativos)	86
5.1.1 Dos jornais	85
5.1.2 Das entrevistas com os jornalistas	96
5.2 Análise representacional (resultados qualitativos)	104
5.2.1 Dos jornais	104
5.2.2 Das entrevistas com os jornalistas	108
5.3 Cruzando dados: entrevistas X textos publicados	140
6. Considerações finais	143
7. Referências Bibliográficas	147
8. Anexos	153
8.1 Questionário utilizado nas entrevistas	153
8.2 Lista dos textos recortados dos jornais	156
8.3 Lista dos jornalistas entrevistados	164
8.4 Quem cobre meio ambiente no Brasil	165
8.5 Documentos internacionais de referência na área ambiental	168

INTRODUÇÃO

“O crescimento da comunidade ambiental é incontestável, assim como expandem os sinais de sua institucionalização, com a multiplicação de espaços institucionais e políticos (conselhos federais, estaduais e municipais), cursos universitários e extensão e pós-graduação, artigos, teses, revistas especializadas, sem contar com centenas de movimentos espontâneos de organizações que se dizem ambientalistas”
(CRESPO, 1998, p.8)

O tema meio ambiente tem feito parte do universo de assuntos discutidos pela população mundial há algum tempo. No Brasil, ela ganhou força na última década e isso pode ser verificado pela ênfase que os veículos de comunicação de massa têm dado a assuntos como destruição da camada de ozônio, desmatamento, poluição do ar, acidentes nucleares, florestas, animais ameaçados de extinção etc. Além disso, surgiram várias publicações especializadas como as revistas Ecologia e Desenvolvimento, Caminhos da Terra, Meio Ambiente e Indústria, JB Ecológico, Terra da Gente e Horizonte Geográfico, bem como programas televisivos como Globo Ecologia e Expedições, e inúmeros *sites* dedicados ao tema.

De fato a questão ambiental hoje está na pauta não apenas da mídia, mas de governos, empresas, universidades e, em especial, do terceiro setor, com as organizações não-governamentais (ONGs) ambientalistas, principais responsáveis por essa tomada de consciência planetária. Não fosse a pressão exercida pelos movimentos ambientalistas em prol da conservação dos recursos naturais, não tivessem sido eles a chamar a atenção para o tema, utilizando a mídia como principal veículo de divulgação, não estaríamos nesse patamar em termos de preocupação com o meio ambiente.

Em se tratando de Brasil, ocorreu um evento que despertou e consolidou a atenção da mídia nacional para o tema: a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro. Nunca antes o assunto contara com uma cobertura tão grande por parte dos veículos de comunicação (que ofereceram grande espaço ao assunto no decorrer da Conferência), televisivos e principalmente os impressos, que além de fornecerem informações diárias sobre o encontro, criaram cadernos especiais para tratar do tema. Termos como meio ambiente e ecologia, que anteriormente só circulavam em locais restritos como órgãos especializados do governo ou

ONGs, entraram para o vocabulário da população em geral, saindo dos guetos ambientalistas.

Após a Rio-92, um número surpreendente de instituições voltadas à proteção ambiental foi criado e aumentou-se consideravelmente a preocupação por parte dos governos em implementar uma política para a área. Apesar destas importantes iniciativas, pesquisas realizadas recentemente mostram que o ritmo da degradação continua em maior velocidade que a capacidade de desenvolver as ações necessárias para manter a integridade da vida na Terra. Embora essa destruição continue avassaladora, o fato de empresas estarem preocupadas em ter atitudes sustentáveis e de a opinião pública ficar chocada quando ouve uma notícia sobre um desastre ambiental já significa um avanço, significa que é impossível nos dias de hoje ignorar a variável ambiental.

E como os veículos de comunicação tratam o tema meio ambiente? A importância de analisar tal questão reside no fato de que a chamada grande imprensa detém o poder de, entre outras coisas, influenciar a opinião pública e pressionar governos. Como bem afirma BOURDIER em seu texto “Bourdier desafia a mídia internacional” (BOURDIER, 2002), esse poder não é apenas o do dinheiro, mas é o poder que o dinheiro pode ter sobre os espíritos.

Esse poder simbólico, que na maioria das sociedades era diferente do poder político ou econômico, hoje está concentrado nas mãos das mesmas pessoas, que detêm o controle dos grandes grupos de comunicação, ou seja, do conjunto dos instrumentos de produção e de difusão dos bens culturais. (BOURDIER, 2002, p.1)

Embora se tenha clareza que os veículos de comunicação de massa são empresas que visam lucro, que querem vender informação, que estão nas mãos de pequenos conglomerados, que sofrem influência do poder econômico por conta da venda de espaços publicitários, apesar de todos esses fatores, eles mantêm um papel significativo nas sociedades atuais, especialmente nas grandes metrópoles. Por um lado, desfrutam da capacidade de atingir grande parte da população com informações que podem ter um caráter educativo e conscientizador, por outro, têm o poder de manipulá-las de forma inconsequente. Como bem coloca BOURDIER (2002), se remetendo a vários questionamentos que Sócrates dirigiu aos poderosos de seu tempo, “senhores do mundo, vocês tem domínio do seu domínio?” (BOURDIER, 2002). O fato é que essa “poderosa grande imprensa” é formada por jornalistas, de carne e osso, pessoas que fazem parte da

sociedade, cidadãos comuns que também são influenciados pelos temas que estão na pauta mundial. Será que eles têm consciência desse poder que se concentra em suas mãos? Será que o utiliza conscientemente?

Segundo VILAS BOAS, o meio ambiente está na pauta de assuntos do dia da imprensa, mas geralmente ocupa espaços periféricos e recebe uma abordagem exótica e não há uma direção clara das redações para abordagem do assunto, sendo frutos do interesse e da curiosidade dos próprios jornalistas. (VILAS BOAS, 2004)

Difícilmente as matérias resultam de uma decisão das chefias, pois o status editorial ainda não é proporcional ao tamanho da crise ecológica planetária. Por quê? Talvez devido à complexidade dos assuntos e à presença apenas incipiente do jornalismo ambiental nas faculdades de comunicação social... (VILAS BOAS, 2004, p.9)

Compreender os mecanismos de produção da notícia sobre meio ambiente na grande imprensa torna-se fundamental para aqueles que incorporaram a preocupação com o futuro do planeta e que desejam ser agentes propositivos dessa nova consciência planetária. É assunto de especial interesse para as instituições ambientalistas que desejam pautar a mídia e mobilizar a opinião pública para a questão ambiental. Especialmente na era da globalização, e por se tratar de um tema que em sua essência tem uma interface global¹, a mídia assume um papel fundamental enquanto aliada na conscientização ambiental de massa e no monitoramento das políticas públicas neste setor.

1.1 Objetivo geral

A partir de tais constatações, essa pesquisa pretende verificar como o tema “meio ambiente” é tratado nos dias de hoje pelos três jornais de maior circulação no país (Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo), que atingem especialmente o eixo Rio-São Paulo. A abordagem escolhida foi a perspectiva dos profissionais de imprensa para a temática versus sua produção jornalística. Há alguma relação entre o que os jornalistas pensam sobre a questão ambiental e as notícias produzidas por eles? Qual é a opinião desses profissionais para os temas mais recorrentes na grande imprensa atualmente? Eles são influenciados pelos veículos de comunicação onde trabalham na produção destas

¹ O lema da Agenda 21, acordo assinado na Eco-92 que propõe ações objetivas para o alcance de uma sociedade sustentável, é pensar globalmente e agir localmente.

notícias? O quanto o processo de produção jornalística em si interfere na qualidade da notícia ambiental? Essas são algumas questões que serão abordadas ao longo deste trabalho.

SANTAELLA, em Comunicação & Pesquisa (2001), define alguns territórios, dentro da área de pesquisa Comunicação, delimitados de acordo com os elementos do processo comunicativo. Esta pesquisa enquadra-se em dois territórios: o do contexto comunicacional das mensagens e o do emissor ou fonte de comunicação. No primeiro porque busca compreender a que as mensagens se referem, o que indicam, como representam, ou seja, mostra a relação da mensagem com seu contexto representativo, com a referencialidade das mensagens, o conteúdo em si. Enquadra-se no território do emissor quando pretende compreender o que os produtores destas mensagens pensam sobre determinado tema e como as condições de produção os influenciam.

1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- Verificar que conteúdos relacionados ao meio ambiente têm sido veiculados em diferentes editoriais, seja em formato de notícias, reportagens, artigos, editoriais ou notas;
- Verificar qual o argumento preponderante sobre a questão ambiental difundido nos jornais impressos em termos de argumentos econômicos, científicos, sociais, sócio-ambientais e ambientais utilizados;
- Verificar a concepção de meio ambiente para os jornalistas de mídia impressa e suas opiniões sobre assuntos correlatos;
- Analisar se a compreensão dos jornalistas sobre a questão ambiental reflete-se nas notícias produzidas pelos mesmos.

1.3 Procedimentos

Para responder a essas inquietações, foram utilizadas duas principais fontes de dados, ambas de origem primária: clipagem de notícias que envolvem assuntos ambientais nos três jornais inseridos na pesquisa (Folha, Estado e O Globo), entre 5 de abril e 5 de maio de 2004 e; entrevistas com os jornalistas que produziram as notícias publicadas neste período. As entrevistas foram realizadas por telefone, visando obter respostas mais

espontâneas, e foi direcionada por um questionário semi-estruturado (anexo 1), com questões abertas e fechadas, visando obter uma compreensão ampla sobre a opinião dos 32 jornalistas entrevistados para os temas ambientais mais recorrentes na imprensa. Também foi realizada uma revisão bibliográfica, cujo objetivo foi contextualizar o atual estado da arte do tema meio ambiente e o desenvolvimento do jornalismo ambiental no país.

Na análise dos dados obtidos na decupagem dos jornais e nas entrevistas com os jornalistas, utilizou-se como referência a metodologia de Análise de Conteúdo de BARDIN (1977). Segundo BARDIN, trata-se de:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

Foram criadas algumas categorias de análise para que se pudesse compreender que idéias estavam permeando os textos produzidos no período e se coincidiam com as definições apresentadas pelos jornalistas, sobre determinadas temáticas da área ambiental. Como afirma BARDIN, a tentativa daquele que se dispõe a fazer uma análise de conteúdo é “compreender o sentido da comunicação (como um receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira” (BARDIN, 1977). Esse foi o objetivo da análise, perceber que outras significações permeiam os textos e as entrevistas, para além da simples informação jornalística.

1.4 Desenvolvimento

A primeira parte desta dissertação visa apresentar o status da questão ambiental na atualidade e fazer um paralelo entre a mídia e o meio ambiente, mostrando as origens e a trajetória do jornalismo ambiental no Brasil e como o tema se tornou assunto de pauta na imprensa. Além disso, abordará os conceitos utilizados no decorrer do trabalho para os assuntos de meio ambiente.

A importância ainda latente do jornalismo impresso hoje no Brasil, apesar da introdução de inúmeras tecnologias de comunicação e da hegemonia da TV enquanto veículo de massa motivou a escolha do jornal como objeto de estudo dessa pesquisa. Nesta

segunda parte do trabalho será abordado o panorama atual do jornalismo impresso no país e como os jornais escolhidos para a pesquisa se situam nesse contexto. Também será apresentada a questão da gestão do conhecimento dentro das redações dos jornais, entendendo-os como uma empresa como qualquer outra, que possui os níveis de conhecimento explícito, implícito e tácito entre seus funcionários (nesse caso, enfocando seus repórteres).

A terceira parte apresentará o quadro teórico de referência utilizado para a realização da pesquisa e para a análise dos dados. Optou-se pela metodologia de análise de conteúdo, utilizando-se dois procedimentos básicos: a descrição analítica e a inferência (Cf. QUEIROZ, 2004). Segundo QUEIROZ a função da descrição analítica é a exploração do texto tendo como base uma codificação constituída por categorias, sendo cada uma composta por vários indicadores. “Estes indicadores representam determinadas unidades de registro que vamos procurar no texto”. (QUEIROZ, 2004, p.2) Trata-se de uma enumeração das características mais fundamentais e pertinentes encontradas no texto. Já a inferência, permite dar significação fundamentada às características da descrição analítica. Através da inferência pode-se interpretar os resultados da descrição, permitindo que as condições de produção constitutivas da base de um determinado texto sejam identificadas.

Tendo como premissa este caminho investigativo, será mostrada a metodologia detalhada da pesquisa, bem como sua estrutura. Ainda neste capítulo, considerado como o principal de todo o trabalho, serão apresentados os resultados quantitativos e qualitativos da análise dos jornais e das entrevistas com os jornalistas, fazendo um paralelo entre esses dois aspectos. Por fim, serão apresentadas as conclusões da pesquisa e a referência bibliográfica utilizada.

Diante da escassez de produção acadêmica que una os temas comunicação e meio ambiente, esse trabalho ganha uma importância estratégica para as pessoas que atuam no campo da comunicação ambiental.

2. COMUNICAÇÃO E MEIO AMBIENTE

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro... ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar nossa destruição e a diversidade da vida.
(CARTA DA TERRA, 1992²)

O que essencialmente motiva uma aproximação dos temas meio ambiente e comunicação são as premissas de que a vida no planeta Terra está cada dia mais ameaçada e que a mudança deste panorama passa, necessariamente, por uma mudança de atitude do ser humano frente a seus modos de consumo e sua relação com o ambiente em que vive e com os outros seres. Essa mudança de atitude só será viável no momento em que houver uma conscientização ampla dos riscos e ameaças que as atuais mudanças planetárias trazem para o dia-a-dia das pessoas. Por isso torna-se essencial dar visibilidade ao tema meio ambiente para um público mais amplo.

Mas será que apenas dar visibilidade resolveria a questão? Não. Existe uma complexidade muito maior no tema que é abordagem dada ao assunto. Há várias compreensões sobre o que seja ecologia e meio ambiente e há, também, vários interesses envolvidos. Hoje a pauta ambiental foi incorporada aos veículos de comunicação, às agendas governamentais e empresariais e às preocupações da sociedade civil organizada. Mas porque ainda não conseguimos “resolver” os problemas ambientais? Porque resolvê-los significaria mudar completamente o paradigma atual, baseado numa lógica individualista-consumista, para uma nova abordagem, sistêmica-sustentável.

Para CAPRA, “à medida que nosso século se desdobra, um dos nossos maiores desafios é o de construir e manter comunidades sustentáveis”. Ao falar em comunidades sustentáveis, CAPRA se refere ao conceito de sustentabilidade introduzido na década de 80 por Lester Brown, do Worldwatch Institute, e posteriormente incorporado pelo Relatório Brundtland, das Nações Unidas, entendido como a capacidade de o homem satisfazer suas necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras. (Cf. CAPRA, 2003).

O que precisamos é de uma definição operacional de sustentabilidade ecológica. A chave para chegar a esta

² Trecho inicial da Carta da Terra, texto elaborado na Eco-92 e aprovado em 2000 pela Unesco após ampla discussão em todos os continentes.

definição operacional está em reconhecer que não precisamos inventar comunidades humanas sustentáveis a partir do zero, mas podemos moldá-las de acordo com os ecossistemas naturais, que são comunidades sustentáveis de plantas, animais e microorganismos. Como a principal característica da biosfera é sua capacidade intrínseca de manter a vida, a comunidade humana sustentável deve ser planejada de modo que os estilos de vida, negócios, atividades econômicas, estruturas físicas e tecnologias não interfiram nessa capacidade da natureza de manter a vida. (CAPRA, 2003, p.20)

A compreensão desses princípios de organização que os ecossistemas desenvolveram para manter a chamada “teia da vida” foi transformada por CAPRA no conceito de “alfabetização ecológica”, entendida como a capacidade humana de compreender os princípios básicos da ecologia e viver de acordo com eles. CAPRA afirma que as redes constituem o padrão básico de organização de todos os sistemas vivos. “Os ecossistemas são compreendidos em termos de teias alimentares (ou seja, de redes de organismos); os organismos são redes de células e as células são redes de moléculas”. (Cf. CAPRA, 2003). Ou seja, onde existem redes existe vida.

A vida na sociedade também pode ser compreendida em termos de redes, mas neste caso não estamos lidando com reações químicas; estamos lidando com comunicações. As redes vivas das comunidades humanas são redes de comunicações.... Cada comunicação cria pensamentos e significados que dão origem a novas comunicações; é assim que toda a rede está continuamente gerando a si própria. À medida que as comunicações acontecem em uma rede social, elas acabam produzindo um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores – um contexto comum de significados, conhecido como cultura, que é sustentado continuamente por novas comunicações. (CAPRA, 2003, p.23)

Considerando que estamos vivendo uma era em que os processos de comunicação estão cada vez mais em rede, e globalizados, contando com um aparato tecnológico de última geração, onde de qualquer ponto da Terra pode-se enviar informações em tempo real sobre os acontecimentos que envolvem o homem, a sociedade e a natureza, podemos afirmar que os meios de comunicação de massa possuem, nos dias de hoje, uma importância estratégica para a construção de uma nova cultura na relação homem-meio ambiente. “Nesse sentido, a comunicação passou a fornecer subsídios para que a humanidade se coloque diante de si mesma numa perspectiva de avaliação do seu passado, da trajetória de seu desenvolvimento e de projeção de seu futuro”. (RAMOS, 1995, p.13)

...em uma sociedade marcada por uma profunda desigualdade e caracterizada pela degradação crescente do meio ambiente – e que tem nos meios de comunicação de massa um poderoso e eficiente instrumento de interferência em sua dinâmica – torna-se imperiosa a constituição de uma identidade conceitual da questão ambiental sob o ponto de vista sistêmico. A partir desta perspectiva, entende-se como absolutamente necessário que entidades representantes da sociedade civil organizada... concentrem esforços na busca permanente do aperfeiçoamento da qualidade da mensagem ambiental veiculada pelos meios de comunicação de massa. (RAMOS, 1995, p.156).

Mas como construir essa nova identidade conceitual para a questão ambiental se isso significa mexer com interesses de poderosos grupos econômicos, e até de determinados países (como os EUA), que não estão dispostos a mudarem sua forma de produzir ou de dominar os outros? Uma das possibilidades que vem se apresentando é a “conversão” daqueles que produzem o conteúdo dos grandes veículos de massa a uma lógica da sustentabilidade.

Sem dúvida nenhuma esse processo já foi disparado, especificamente a partir da segunda metade do século XX, quando o tema começa a mobilizar a opinião pública de forma mais abrangente. A globalização das comunicações, promovendo um trânsito maior e mais rápido de informações, fez emergir uma questão que em si já era globalizada: os problemas ambientais. As novas formas de se comunicar trouxe à tona a fragilidade do planeta e a urgência de uma atitude. Hoje, por exemplo, há uma cobrança da sociedade para que as empresas sejam ambientalmente responsáveis e há, também, um interesse cada vez maior por parte dos cidadãos de consumir produtos que não agredem o meio ambiente. O que falta, no entanto, é essa consciência ganhar escala. E isso só será possível com o envolvimento da mídia e de todas as formas de comunicação social.

2.1 Conceituando meio ambiente

A amplitude da questão ambiental pode ser percebida claramente na definição das agendas verde, marrom e azul, que inspiram a execução de políticas públicas no Brasil, bem como no conceito de desenvolvimento sustentável. (TRIGUEIRO, 2003, p.77)

Segundo o Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais meio ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica,

que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas. (LIMA-E-SILVA et al, 2002, p.155). Já ecologia é apresentada como a ciência que estuda a dinâmica dos ecossistemas, ou seja, os processos e as interações de todos os seres vivos entre si e destes com os aspectos morfológicos, químicos e físicos do ambiente, incluindo os humanos que interferem e interagem com os sistemas naturais do planeta (Ibidem, p. 89). Conceitos muito próximos, que se confundem, e que ganham diferentes interpretações na sociedade. O interessante é que o Dicionário ainda divide ecologia em diversos tipos: ecologia animal, cultural, de sistemas, de restauração, energética, evolutiva, humana, profunda e vegetal, cada qual com específicas descrições. Na verdade, a palavra “ecologia” tem origem no grego *óikos*, que significa casa. Em linhas gerais, ecologia seria o estudo de como a casa (o planeta Terra) funciona.

GUATARRI, em *As Três Ecologias* (1990), agrupa as práticas sociais e individuais em três rubricas complementares: a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental. Segundo ele, a sociedade vive hoje não apenas uma degradação ambiental, mas uma degradação nas relações humanas de convivência (ecologia social) e uma degradação em sua psique (ecologia mental). Para tornar viável a vida neste planeta é necessário resgatar esses três universos de referência, que só funcionam de forma interligada: social, individual e ambiental.

Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e sobre o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, apreender o mundo através dos três casos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos. (GUATARRI, 1990, p.24)

Para além dos conceitos apresentados, é importante compreender, de uma forma rápida e genérica, como o homem tem percebido sua relação com o ambiente natural historicamente e quais são os verdadeiros conceitos que estão subliminarmente postos na atualidade. Essa compreensão é o caminho proposto para que se consiga trabalhar novas formas de perceber e recriar esses conceitos usando os veículos de comunicação como instrumento.

Como aponta DUARTE (2002), desde o início de sua existência o homem altera o

meio natural. No começo para resolver questões básicas de sobrevivência, retirando apenas o essencial do meio em que vivia. Na medida em que sua vida foi se tornando mais elaborada, foi se transformando num ser mais racional e gregário, provocou maiores alterações no ambiente de forma a adequá-lo a suas necessidades.

Necessidades cada vez maiores, por conta dos modos de vida cada vez mais complexos, somadas à visão utilitarista e imediatista do meio natural que pautou o paradigma de desenvolvimento das sociedades ocidentais e à não-percepção da finitude desses recursos quando expostos à exploração e degradação sistemática e desenfreada, geraram um afastamento crescente do homem de sua condição de animal, a ponto de fazê-lo perder a noção de que é parte integrante e interagente da natureza (DUARTE, 2002, p. 144).

O homem foi, no decorrer de sua existência, aprimorando não apenas sua forma de organização em sociedade, mas também buscando aperfeiçoar e expandir seus meios de intervenção sobre a natureza na busca de matérias-primas essenciais, proporcionando a existência de um outro fator inerente à forma pela qual o homem exerceria seu poder de dominação da natureza para sustentação do seu desenvolvimento: a tecnologia. A tecnologia foi um dos resultados desse processo de domínio do homem pela natureza para sustentação do seu desenvolvimento, entendido como um sinônimo de qualidade de vida.

Entretanto, ao contrário de tudo que tem sido ensinado até hoje, há registros arqueológicos de que desde a pré-história, mais precisamente no período Neolítico, as primeiras civilizações não viam a Terra como um objeto a ser explorado e dominado, "já que o mundo era visto como uma Grande Mãe: uma entidade viva que, tanto nas suas manifestações temporais quanto espirituais, cria e nutre todas as formas de vida". (Cf. EISLER, 1997). As escavações arqueológicas mostraram também que essas sociedades não eram guerreiras e as mulheres não tinham um papel de subordinação diante dos homens. Pelo contrário, ocupavam posições sociais importantes como sacerdotisas, artesãs e anciãs de clãs matrilineares. Essa visão de "terra-mãe" foi preservada até os dias de hoje em muitas culturas tribais.

Pode-se destacar outros exemplos onde o conceito de natureza se definiu em outras bases. A concepção pré-socrática, por exemplo, entendia que os deuses estavam presentes em todas as coisas. Para a mitologia grega, os deuses e os homens tinham a mesma origem e coexistiam num mesmo espaço. Ambos eram parte integrante da natureza. Assim, para os pré-socráticos, não existia um Deus único que criou o Universo e todas as coisas, como

afirmaria, posteriormente, a tradição judaico-cristã.

Os deuses e os homens coexistiam na natureza e isso levava, evidentemente, a uma relação especial entre o homem e a natureza. Na própria terminologia da língua grega, a palavra *Phisis* significa a natureza e o homem com suas ações e pensamentos. Havia, portanto, uma única palavra que englobava o significado natureza-homem (*Phisis*) enquanto que, nas línguas modernas, homem e natureza são dois termos distintos, não apenas na linguagem, mas conceitualmente falando. Pensando *Phisis*, o filósofo pré-socrático pensava o ser e a totalidade do real (VIEIRA, 2002)

A partir do séc. XVIII, com as grandes navegações, surgiram os primeiros relatos dos viajantes sobre o mundo oriental, mundo este que respeitava todas as formas de vida, incluindo insetos, animais e vegetais. Essa visão foi recebida de maneira negativa no ocidente. O Japão, por exemplo, tem suas tradições marcadas por um culto à natureza, embora a expansão econômica nas últimas décadas tenha promovido uma grande e irreversível degradação do ambiente natural. A sociedade japonesa sempre apreciou a natureza como valor supremo de sua cultura. Talvez por causa da precisão das estações do ano e pelas demonstrações de força dos fenômenos naturais como tufões, tremores de terra e maremotos.

Certamente outros exemplos existem ao longo da história, mas a visão que prevaleceu na cultura ocidental, especialmente nas cidades modernas, é uma concepção de natureza submetida ao homem para o seu domínio, e não a compreensão do homem como parte dessa natureza. Foi, sobretudo, com a influência judaico-cristã que a oposição homem-natureza, espírito-matéria, adquiriu maior expressão e se fortaleceu.

Apesar de a religião ser um fator de grande influência na relação homem-natureza, não é o único. Outros locais do planeta que não tiveram influência judaico-cristã também sofreram com a degradação ambiental. O sistema econômico e a cultura são outros potenciais influenciadores na questão.

No momento em que o homem passou a se ver como um elemento externo ao ambiente natural, especialmente com o crescimento das cidades (que o afastou ainda mais da natureza), a relação que antes era de uso controlado passou a ser de falta de compromisso total, afinal de contas, sua sobrevivência “não dependia mais” das condições daquele ambiente.

Foi preciso a humanidade chegar a um ponto crítico de degradação ambiental para

que se começasse a perceber a importância de resgatar a idéia de que o homem depende do meio ambiente para garantir o futuro de suas gerações (como bem aponta o conceito de sustentabilidade, já apresentado anteriormente). Afinal de contas, a maioria das coisas que consumimos e que utilizamos no nosso dia-a-dia necessita de algum recurso natural para sua produção, seja petróleo, água, princípios ativos de plantas (no caso de medicamentos e cosméticos) ou espécies da flora, entre tantos outros. Logo, esses recursos não podem acabar ou isso afetaria diretamente o nosso modo de viver. Quanto mais consumista for o modo de vida – como o da sociedade norte-americana, por exemplo –, mais dependente dos recursos naturais será. Como afirma GONÇALVES (2001, p.99), “nossa sociedade está destruindo as fontes vitais à sua própria sobrevivência”.

Essa percepção, no entanto, não foi suficiente para despertar a consciência, de uma maneira geral, de que o homem é parte desse meio ambiente. Hoje se percebe sim que é importante cuidar do meio ambiente, mas o ser humano ainda é visto como algo à parte desse meio, é visto como alguém que domina esse meio.

Toda sociedade, toda cultura, cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, sua cultura (GONÇALVES, 2001, p. 23)

A série de pesquisas “O que o brasileiro pensa do meio ambiente”, coordenada pelo Instituto de Estudos da Religião nos anos de 1992, 1997 e 2001³, mostrou que mais da metade dos entrevistados vinculam meio ambiente à fauna e flora apenas. Na pesquisa realizada em 2001, ao solicitar aos entrevistados que apontassem, em uma lista de vários elementos, quais fazem parte do meio ambiente, apenas 30% indicaram homens e mulheres como fazendo parte. De um total de 2000 entrevistados em diferentes regiões do país, 73% destacaram as matas como parte do meio ambiente, 72% os rios, 70% a água, 59% os animais, 58% o ar, 50% o solo e a terra, 49% os mares, e apenas 36% os campos e sítios, 25% os índios, 22% os planetas, 18% as cidades e 16% as favelas (CRESPO, 2002, p.9).

Um dos objetivos da pesquisa de mestrado aqui apresentada foi perceber qual é a compreensão conceitual de meio ambiente dos jornalistas entrevistados. E mais, se essa

³ Essa série histórica de pesquisas foi encomendada ao Ibope pelo Ministério do Meio Ambiente, sob coordenação do Iser.

percepção se reflete nas notícias produzidas por eles, como será mostrado posteriormente. Considerando que esses profissionais trabalham nos jornais de maior tiragem do país e que são, portanto, importantes formadores de opinião, a compreensão que têm do tema torna-se essencial para a melhoria da qualidade das notícias ambientais.

Embora possam existir diferentes conceitos de meio ambiente, o mais importante é a compreensão de que este é um tema transdisciplinar, que transpassa diferentes áreas do conhecimento e que tem reflexos nos mais diversos setores das sociedades, seja na cultura, na economia, na saúde, nas políticas governamentais, na educação...

E esse é um ponto fundamental na área de comunicação, porque obriga os profissionais de mídia a perceberem a realidade de uma forma inteiramente nova e, sob alguns aspectos, revolucionária: no mundo moderno, onde o conhecimento encontra-se fragmentado, compartimentado em áreas que muitas vezes não se comunicam, a discussão ambiental resgata o sentido holístico, o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, e nos induz a uma leitura da realidade onde tudo está conectado, interligado, relacionado. (TRIGUEIRO, 2003, p. 77 e 78).

Na perspectiva de uma abordagem holística, transdisciplinar, e na busca de um melhor entendimento do que esses jornalistas pensam sobre o tema meio ambiente, o questionário usado nas entrevistas incluiu alguns assuntos importantes relacionados ao tema, recorrentes na mídia, como desenvolvimento sustentável, aquecimento global, biodiversidade, transgênicos, Agenda 21 e Eco-92. A idéia foi conhecer o entendimento desses profissionais sobre cada um desses temas, com o objetivo de contribuir para uma compreensão e contextualização mais ampla do assunto.

2.2 A percepção pública sobre a questão ambiental

Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar 'transversalmente' as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais (GUATARRI, 1990, p.25).

Nos dias de hoje, parece haver um consenso de que é urgente pensarmos em soluções para os problemas ambientais globais, como a destruição da camada de ozônio, a perda da biodiversidade, a poluição industrial, o destino dos resíduos sólidos nas cidades, entre tantos outros, para garantirmos um futuro mais prolongado para o planeta e

melhorarmos nossa qualidade de vida. Vemos esse discurso estampado em jornais e programas de televisão, na fala de chefes de Estado e de vários organismos internacionais, como as Nações Unidas, que desde meados do século XX vêm promovendo encontros para que acordos internacionais sejam pactuados entre as nações.

Se algum país rejeita implementar os acordos assinados, como fez os Estados Unidos em relação ao Protocolo de Kyoto⁴, logo é condenado pela opinião pública. O fato de o presidente Bush não participar da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento e apenas enviar um representante para a chamada Rio +10, realizada em Joanesburgo no final de agosto de 2002, fortalece a rejeição internacional em relação às atitudes que o país vem tomando no que diz respeito às questões ambientais. Isso nos faz pensar que há um discurso ecológico mundial homogêneo – até certo ponto –, que pode ser considerado como um aumento da consciência ambiental.

Esse discurso é perceptível não apenas no âmbito empírico, mas também no científico. Vários pesquisadores têm mostrado em suas pesquisas a precariedade cada vez maior da vida do planeta Terra. Segundo relatório do WWF (*World Wildlife Fund*) de 2000, se o processo de globalização e inovação tecnológica dos sete países mais ricos continuar nesse patamar, será preciso uma Terra e meia de recursos naturais para suportar esse padrão.

Essa nova visão sobre a questão ecológica não significa que os problemas estejam resolvidos ou que, na prática, todos os países implementem políticas ambientais visando a resolução desses problemas. Significa, apenas, que o tema meio ambiente está na pauta internacional, que há uma opinião mundial comum sobre o assunto e que esta opinião é manifestada de diversas formas, dos veículos de comunicação de massa, às pesquisas científicas.

Mas como o tema é capilarizado para o cotidiano das pessoas, nas cidades, no Brasil, por exemplo? Essa tomada de consciência global não provocou uma conscientização das questões ambientais cotidianas. Apesar de estarmos vivendo um novo paradigma, o ecológico, esta dimensão ainda não faz parte do dia-a-dia das pessoas. A

⁴ O protocolo de Kyoto é um acordo internacional que prevê a redução da emissão dos gases causadores do efeito estufa. O EUA o país mais poluidor do planeta, em termos de emissão de gases, e se nega a executar a redução da emissão dos gases, conforme prevê o tratado.

compreensão de que a falta de energia, a mudança na temperatura ou as condições precárias de esgotamento sanitário causando doenças, por exemplo, são questões ambientais, não existe. Há uma dicotomia de compreensão entre o global e o local, refletido na concepção que as pessoas em geral têm de meio ambiente como algo distante, como florestas e animais apenas, como dito anteriormente.

Na verdade, pensando na percepção pública sobre a questão ambiental na atualidade podemos dividir a compreensão do tema em dois grandes universos: o universo da sociedade, que vive a “moda” do ecológico, que é influenciada e influenciadora direta dos meios de comunicação de massa e que não tem claro ainda como as questões ambientais estão relacionadas com sua qualidade de vida e de suas futuras gerações; e um segundo universo, o ambientalista, formado por instituições (governamentais ou não) que trabalham com a temática há pelo menos duas décadas, e que possuem uma compreensão mais profunda do tema.

Esses dois universos foram alvos da série histórica de pesquisas “O que o brasileiro pensa do meio ambiente”, desenvolvida pelo Iser, que dividiu o trabalho em uma pesquisa de opinião ampla, realizada pelo Ibope com pessoas de vários locais do país, e uma pesquisa qualitativa com lideranças ambientais. A primeira etapa desta pesquisa foi realizada em 92, por ocasião da Rio-92, para suprir a lacuna de não se ter uma pesquisa nacional (foram 3.650 entrevistados) sobre o assunto. A segunda fase ocorreu em 1997 e a terceira em 2001. Como a pesquisa foi realizada em três períodos distintos, foi possível realizar um quadro comparativo para perceber as mudanças de percepção neste período. Algumas perguntas utilizadas na pesquisa de opinião do Iser foram também usadas no questionário desta dissertação, com o objetivo de comparar a opinião dos jornalistas com a da população. Esses resultados serão apresentados posteriormente.

O universo da sociedade se caracteriza por cidadãos comuns, que não possuem um contato próximo com essas questões e que se informam essencialmente por meio dos veículos de comunicação de massa (principalmente pela TV). O resultado da pesquisa do Iser em 1997 mostra que enquanto a maioria da população brasileira nunca havia ouvido falar a respeito da Agenda 21 (95%) – principal documento aprovado na Rio-92 –, sobre a perda da biodiversidade (78%) ou a desertificação de solos (71%), o efeito estufa era

conhecido por 46% da população e 41% afirmavam ter ouvido falar da ECO-92.⁵

A pesquisa de 2001 mostrou duas variáveis determinantes do nível de informação ambiental e da atitude pró-ambiental: o nível de escolaridade e a residência em áreas urbanas, especialmente nas médias e grandes cidades (Cf. CRESPO, 2002). “Assim, a pesquisa revela que a consciência ambiental vai andar de mãos dadas com o esforço para aumentar a escolaridade média da população”, analisa CRESPO, coordenadora da pesquisa. Outra informação que surpreende é que os mais jovens (menos de 25 anos) e os mais velhos (mais de 49) são as camadas da população que se mostram mais alienadas em relação à questão ambiental, não opinando ou mostrando-se indiferentes.

Os resultados da pesquisa mostram que apesar de terem ocorrido poucas mudanças nessa série histórica, elas são bastante significativas porque apresenta uma maior difusão dos conceitos e das políticas ambientais e um comprometimento maior com a solução dos problemas ambientais por parte dos cidadãos (CRESPO, 2002).

A pesquisa de 2001 confirma a simpatia que a população têm para com a coleta seletiva de lixo, a reciclagem e o reaproveitamento de embalagens e produtos, e mostra ainda como ela vem incorporando – provavelmente por questões de saúde – hábitos de compra mais seletivos e que resultam em ganhos ambientais relevantes. Por exemplo, 81% da população declarou que se sentem mais motivados a comprar determinados produtos se o rótulo indica que ele foi fabricado de maneira ambientalmente responsável. (CRESPO, 2002)

Além disso, a pesquisa aponta uma possibilidade de adesão dos brasileiros a campanhas de combate ao desperdício, sobretudo de água e energia. Esse fato já foi comprovado quando, em 2001, o governo realizou uma campanha para economia de energia em virtude da escassez dos recursos energéticos naquele ano, quando ocorreram poucas chuvas e os reservatórios de muitas usinas hidrelétricas ficaram praticamente vazios. Todos ficaram com medo do famoso “apagão” e se empenharam para economizar energia elétrica. A pesquisa, realizada posteriormente, mostrou um aumento de consciência em relação à escassez relativa aos recursos naturais. “Somente 6% dos entrevistados declararam ser a favor de priorizar a oferta de energia, ainda que isso signifique danos ambientais” (CRESPO, 2002).

Se por um lado esses resultados reafirmam a importância do trabalho da

⁵ Dados retirados do site do Ministério do Meio Ambiente, em <http://www.mmma.gov.br/port/SE/pesquisa/capacida.html>

comunicação e dos veículos de comunicação de massa na conscientização ambiental, por outro apontam que empresas podem utilizar o marketing verde e a mídia para conquistar consumidores, visto ser essa uma tendência do mercado. Se uma determinada empresa se converte realmente a uma lógica sustentável e oferece à sociedade produtos “ecologicamente corretos”, mesmo que visando o aumento de seu lucro, não há problema nenhum nesse fato. A questão é que várias empresas, por má-fé, estão recorrendo à maquiagem verde, como alerta TRIGUEIRO (2003, p.84), e os jornalistas mal informados se tornam objetos publicitários nas mãos desse tipo de empresas.

Tratando agora do universo ambientalista, informação ambiental não é um problema colocado. Há bastante informação produzida por pesquisadores e de fácil acesso para aqueles que convivem neste ambiente. Entretanto, outras questões de ordem conceituais e ideológicas se colocam neste grupo. De uma forma bastante ampla, o ambientalismo pode ser dividido em duas grandes correntes de pensamento: uma preservacionista, de princípio biocêntrico, que acredita que a preservação do planeta só será viável se o homem não mais intervir na natureza (isso se consolida com a criação de áreas de conservação de acesso proibido, por exemplo); e uma segunda corrente, conservacionista, que percebe que o homem faz parte dessa natureza, não pode deixar de usufruir o que ela lhe dá, para sua própria sobrevivência, e a saída para o futuro seria o uso sustentável dos recursos naturais.

Para VIOLA, o ambientalismo brasileiro emergiu na década de 70 e até 1985, mais ou menos, se caracterizou pelo bissetorialismo (era formado por grupos de base e agências estatais ambientais). “A progressiva disseminação da preocupação pública com a deteriorização ambiental transforma o ambientalismo num movimento multissetorial e complexo na segunda metade da década de 80”. (VIOLA, 2001, p.135). Viola divide o ambientalismo multissetorial em oito setores principais, com diferentes graus de integração e institucionalização: ambientalismo *stricto sensu* (associações e grupos comunitários ambientalistas, profissionais, semiprofissionais e amadoras); governamental (agências estatais de meio ambiente); socioambientalismo (ONGs, sindicatos e movimentos que incorporaram a questão ambiental como uma dimensão relevante em seus programas de trabalho); dos cientistas (pesquisadores); empresarial; políticos profissionais; religioso e dos educadores (educadores, jornalistas e artistas preocupados com a consciência das massas sobre o tema) (VIOLA, 2001, p.135). Essa classificação foi

utilizada na análise das principais fontes de informação para os jornalistas entrevistados nesta pesquisa, a ser apresentada posteriormente.

A grande questão colocada entre o universo ambientalista e o da sociedade é o tipo de comunicação que foi estabelecida entre eles. Sem dúvida nenhuma, na década de 70, quando o movimento ambientalista no mundo estava em seu auge, a mídia foi bastante influenciada pelas informações deste grupo e ajudou a dar visibilidade às causas ambientais. Mas como está este diálogo nos dias de hoje?

De uma forma geral, as pessoas ainda têm uma visão dos ambientalistas como os “ecochatos”. O que não se percebeu ainda é que a questão ambiental hoje ultrapassa os movimentos ambientalistas tradicionais e está inserida num contexto mais amplo, envolvendo não apenas órgãos públicos ambientais, como pesquisadores respeitadíssimos e profissionais de diferentes áreas que atuam em instituições privadas cuja missão é a proteção do meio ambiente. E os profissionais de imprensa exercem um papel fundamental na promoção do diálogo entre a sociedade e os ambientalistas, e na própria promoção da causa ambiental. As entrevistas realizadas com os jornalistas no escopo desse trabalho mostrarão, nos próximos capítulos, que esses profissionais ainda não estão conscientes desse importante papel que lhes cabe.

2.3 A explosão espetacular do meio ambiente na mídia e a Eco-92

A discussão vazia sobre o espetáculo – isto é, sobre o que fazem os donos do mundo – é organizada pelo próprio espetáculo: destacam-se os grandes recursos do espetáculo, a fim de não dizer nada sobre o seu uso. Em vez de espetáculos, preferem chamá-lo de domínio da mídia. (...) O que é comunicado são ordens; de forma altamente harmoniosa, os responsáveis por essas ordens são os mesmos que vão dizer o que pensam delas. (DEBORD, 1997, pág. 170)

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992 – também conhecida por ECO-92, Rio-92 ou Cimeira – foi a maior da série de Conferências Mundiais que a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou no século passado, com o objetivo de moldar um consenso em torno de valores essenciais ao desenvolvimento. O evento foi um marco importante na história do ambientalismo mundial.

O fato de contar com a participação de mais de 100 chefes de estados, criou a necessidade de a mídia, especialmente a nacional, dar total atenção ao evento. Além disso,

provocou uma completa modificação na rotina da cidade, invadida por um policiamento ostensivo e um tratamento de beleza imediato e superficial, o que também foi alvo da imprensa.

... enquanto em Estocolmo⁶ participaram cerca de mil jornalistas, para a Conferência do Rio foram cadastrados mais de 7 mil jornalistas, fotógrafos e técnicos, representando agências de notícias, redes de TV, jornais e revistas de todas as partes do mundo; um sofisticado aparato técnico foi montado para permitir a transmissão de dados e imagens via satélite, possibilitando que as informações sobre a Conferência pudessem ser transmitidas simultaneamente para diferentes lugares do planeta durante 24 horas por dia. (RAMOS, 1995, pág.40)

O Fórum Global, evento que mais recebeu a divulgação da mídia, “convocou mais de 2.500 entidades representativas da sociedade civil, originárias de mais de 150 países, produzindo um número difícil de calcular de eventos especiais e quase 400 reuniões oficiais, que atraíram um público aproximado de 500.000 pessoas” (LEIS, 1996, p.57). A vigília inter-religiosa “Um Novo Dia para a Terra” foi a atividade de maior significação no Fórum Global, concentrando milhares de participantes.

O encontro gerou 36 tratados ou compromissos de ação da sociedade civil planetária, dentre eles a famosa Carta da Terra, declaração aprovada no âmbito do Fórum Global por mais de 1.300 entidades não-governamentais com atuação em 108 países; e a Agenda 21, documento consensual para o qual contribuíram governos e instituições da sociedade civil de 179 países, estabelecendo um programa de ação que constitui a tentativa de promover um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Regularmente, vemos a mídia eleger algum evento ou temática e direcionar toda a sua atenção para tal objeto, sejam eles eventos políticos, religiosos ou esportivos. Por suas características, podemos afirmar que a Rio-92 foi um desses eventos que rotineiramente a mídia elege e transforma em um verdadeiro espetáculo.

Uma dessas características é a instantaneidade. O espetáculo dura, apenas, o período ao redor do evento (especialmente o antes, chamando a atenção para o que vai ocorrer). Depois de um tempo, aquele tema não recebe mais a dimensão e atenção dada naquele período, pois outros eventos (ou espetáculos) já estão na mira dos veículos. O

⁶ Primeira conferência internacional das Nações Unidas que teve como objetivo debater o tema meio ambiente humano. Realizou-se em Estocolmo, na Suécia, em 1972, vinte anos antes da Rio-92 (nota do autor).

trecho a seguir, retirado do resultado final da pesquisa “O que o brasileiro pensa do meio ambiente, do desenvolvimento e da sustentabilidade”, tendo como público-alvo nesta etapa as lideranças ambientais (ambientalistas, cientistas, empresários, movimentos sociais, técnicos governamentais e parlamentares), reflete bem esta situação em relação a Eco-92:

Predomina, contudo, um sentimento generalizado de que o tema ocupa, na pauta nacional, um lugar ainda pouco importante e que a mídia não dá ao setor a cobertura que merece, podendo ser apontado que os principais jornais deixaram de ter, nos anos que se seguiram ao boom jornalístico registrado na época da Rio -92, editoriais dedicadas aos assuntos de meio ambiente. (CRESPO, 1998, pág. 8)

Outro ponto crucial é o discurso apresentado pela mídia sobre o dito espetáculo. Nem sempre o que os veículos de comunicação estão divulgando é o foco de real importância do evento. Geralmente é dada ênfase apenas ao que pode ser mais interessante à população em geral, ou melhor, ao que pode vender jornais ou alcançar mais audiência. No caso da Rio-92, por exemplo, a mídia deu mais atenção ao Fórum Global (parte do evento realizada no Parque do Flamengo, onde aconteceram atividades culturais e ecumênicas, onde foram montadas tendas e estandes de ONGs - aberto aos visitantes) que às decisões tomadas pelos chefes de estado, reunidos no Riocentro para a Conferência propriamente dita.

RAMOS, em seu livro Meio Ambiente e Meios de Comunicação, apresenta os resultados de sua pesquisa de mestrado que tratou de fazer uma análise da cobertura da imprensa em torno da Eco-92. Ele acompanhou a cobertura de dois jornais impressos de grande circulação (Folha e Estado de São Paulo) e dois telejornais nacionais (Jornal Nacional, da Rede Globo, e Jornal da Manchete, da extinta Rede Manchete), em três momentos distintos: antes, durante e depois da Conferência (RAMOS, 1995, pág. 41).

Para os jornais impressos foi previsto o período de 1º de junho de 1991 a 15 de dezembro de 1992, correspondendo a 12 meses para a fase de preparação, duas semanas da fase de realização e seis meses para a fase de repercussão. ... Para os telejornais foi estabelecido o levantamento de 4 maio de 1992 a 11 de julho de 1992, sendo quatro semanas para a preparação, duas de realização e quatro semanas de repercussão (RAMOS, 1995, pág. 42)

Em sua pesquisa ele verificou que os telejornais deram o mesmo espaço, proporcionalmente falando, para o tema e priorizando os mesmos assuntos na cobertura. “Os resultados globais da fase de preparação revelam que três quartos do material

veiculado no período não chegaram a abordar problemas do meio ambiente, limitando-se a apresentar declarações genéricas sobre a importância da Eco-92”, afirma RAMOS. (1995, pág. 84).

Na fase de realização os resultados globais obtidos refletem o tipo de cobertura efetuada pelos telejornais, que optaram por registrar a movimentação gerada pela Conferência, concentrando-se basicamente no acompanhamento das atividades programadas no Riocentro e no Fórum Global, entremeadas com trechos editados de entrevistas com autoridades, participantes e visitantes. (...) A análise dos resultados proporcionou também a percepção de que os telejornais enfocaram os problemas ambientais prioritariamente a partir da ótica global, ou seja, tratando dos desequilíbrios ecológicos exclusivamente como questões mundiais, negligenciando a dimensão regional da problemática ambiental e diluindo as responsabilidades dos setores dirigentes do país nos problemas locais. (RAMOS, 1995, pág. 85)

Essa intensa cobertura da mídia durante a Eco-92, com a criação de inúmeros cadernos especiais sobre Ecologia em grandes jornais do país, saturou-se com o término do evento. Logo surgiu um outro evento que roubou a atenção da mídia: o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Melo (o caso ficou conhecido na imprensa como *Collor Gate*).

Como afirma DEBORD, “vivemos na sociedade do espetáculo”, onde eventos são produzidos ou simplesmente transformados para que atinja um alto nível de recepção pela sociedade e, simultaneamente, transmita a ela ideologias geralmente marcadas por fatores de ordem político-econômica (DEBORD, 1997). O espetáculo seria a principal produção das sociedades modernas, principalmente após o advento da mídia, que torna-se o seu principal instrumento. Para Debord, a sociedade do espetáculo é o reflexo da sociedade de consumo, codificada sob a forma de imagem. “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”, segundo ele (1997).

Apesar de não ter sido um evento criado com a finalidade principal de receber a atenção da mídia – como acontece muitas vezes em pseudo-eventos políticos – a Conferência do Rio acabou tornando-se um espetáculo, concentrando características como exigüidade de tempo e superficialidade. A forma como a mídia transmitiu o evento é uma prova disto.

“Aquilo que o espetáculo deixa de falar durante três dias é como se não existisse.

Ele fala então de outra coisa, e é isso que, a partir daí, afinal, existe. As conseqüências práticas, como se percebe, são imensas” (DEBORD, 1997). A afirmação de DEBORD encaixa-se perfeitamente no caso da Conferência de 92. Apesar de todo o arcabouço jornalístico e televisivo montado na ocasião do evento, após seu término tudo se esvaiu. É como se o espetáculo tivesse um calendário específico. Como afirma MORAES:

... a época dos calendários mediáticos e dos protocolos audiovisuais redirecionam a nossa recepção: estamos sempre aguardando a chegada de novas informações, porque as que partiram, fugazes e efêmeras, se esvaeceram na memória. (MORAES, 1997, pág. 31)

No entanto, o imaginário popular e da imprensa sobre ecologia e meio ambiente não voltou a ser como antes, retornando ao seu esquecimento, como talvez fosse de se esperar. É fato notório que a mídia tem dado mais espaço para o tema meio-ambiente, apesar de nada chegar próximo à cobertura dada à Eco-92. Será que o espetáculo conceituado por DEBORD também está se transformando, junto com a sociedade? Talvez suas definições não consigam mais dar conta da atual realidade, como pode demonstrar esta citação:

O espetáculo não esconde que alguns perigos cercam a ordem maravilhosa que ele estabeleceu. A poluição dos oceanos e a destruição das florestas equatoriais ameaçam a renovação do oxigênio na Terra; a camada de ozônio não suporta o progresso industrial; as radiações de origem nuclear se acumulam de modo irreversível. O espetáculo conclui que isso não tem importância. (DEBORD, 1997, pág. 193)

Atualmente, as questões ambientais têm importância para a sociedade, como foi mostrado na pesquisa, já citada, “O que o brasileiro pensa sobre ecologia e meio ambiente”. Talvez não sejam tratadas com a profundidade e seriedade que deveriam ser, entrando na questão da superficialidade, mas algo tem transformado a sociedade do espetáculo de DEBORD. Quem sabe os “donos do espetáculo” tenham encontrado novas facetas para manutenção dos mesmos paradigmas. Mudam apenas o discurso, já abordam e questionam assuntos de relevância para a sociedade, mas continuam mantendo as mesmas posturas.

Se alguma coisa mudou no paradigma da sociedade do espetáculo, com certeza não foi o poder da mídia. Este continua o mesmo. Em 1992, o complexo de comunicação já possuía todo o aparato que hoje, em 2004, possui: a televisão já se consolidara há muito tempo como o mais poderoso veículo de massa, com transmissões ao vivo, via satélite,

cobertura ágil; os jornais já possuíam uma tiragem significativa (talvez nem tenha sequer mudado muito). O que realmente foi introduzido de novo no mundo da comunicação, nestes 12 anos, foi o aparecimento da Internet, que não é objeto de estudo desta pesquisa. A mídia, seja em 1967, em 1992 ou em 2004 continua sendo o chamado “quarto poder”.

É interessante notar que, hoje, o interesse da mídia por espetáculos pode ser usado em benefício de causas específicas. Uma das ONGs ambientalistas mais conhecidas mundialmente, o Greenpeace, baseia suas ações em eventos de denúncia criados estrategicamente para chamar a atenção da imprensa. É a forma que encontraram de atuar no movimento ecológico. Se preciso for, montam um verdadeiro show de denúncia, como fizeram em 2002 ao colocar uma faixa no Cristo Redentor escrita “Rio +10 = 2 chance” (Figura 1). A foto foi capa nos principais jornais do mundo inteiro.

Figura 1 – A faixa no Cristo



Legenda: Rio + 10 = 2ª chance, afirma a faixa do Greenpeace.

A Conferência de 92, apesar de toda a cobertura da mídia na ocasião, apesar de ter sido um grande momento de confraternização mundial, de discussão coletiva de problemas comuns, apesar de ter colocado o tema na pauta da sociedade, não conseguiu deixar uma herança forte para tirar do papel os tratados assinados. A Rio+5 avaliou que os avanços na implementação dos acordos firmados em 92 foram tímidos. A Rio+10, posteriormente, realizada em 2002 em Joanesburgo, África do Sul, também não

apresentou resultados animadores em relação às metas estabelecidas.

Como afirmam VIOLA e LEIS, a Rio-92 representou um avanço extraordinário no plano simbólico e de conscientização, com a sustentabilidade ambiental tendo adquirido um peso extraordinário como princípio de legitimidade do mundo contemporâneo, mas significou um fracasso no campo político-econômico, refletido na incapacidade de se construir marcos de referência, mecanismos de implementação e instituições correspondentes à nova consciência e legitimidade (VIOLA E LEIS, 2001, pág. 139).

Pode-se comprovar o quão importante foi a cobertura da mídia durante a Eco-92 para tornar público o tema ecologia, mas não há como comprovar os efeitos sobre o meio ambiente propriamente dito desta divulgação em massa. Os números atuais continuam catastróficos sim, mas será que estariam piores se a sociedade não estivesse sensibilizada para o assunto? Não há como saber.

2.4 Origens e trajetória do jornalismo ambiental

Quando essas idéias justificarem atitudes que se multipliquem pelo mundo inspirando a construção de uma nova civilização, um novo paradigma, talvez não exista mais a necessidade de existirem ambientalistas, assim como os abolicionistas deixaram de existir com o fim da escravidão. Também não haverá razão para ministérios do meio ambiente, secretarias estaduais e municipais, bem como Ongs ambientais. Nesse dia, o jornalismo ambiental terá cumprido sua missão (TRIGUEIRO, 2003, pág. 89)

Conceituar jornalismo ambiental não é uma tarefa fácil, especialmente por não haver consenso por parte daqueles que atuam na área. Para BACCHETTA, jornalista uruguaio que coordena a Rede de Jornalistas Ambientais da América Latina e Caribe, o jornalismo ambiental é um jornalismo investigativo, é uma forma de jornalismo científico, é também um jornalismo educativo, consciente de uma responsabilidade social e, por último, deve exercer-se com profissionalismo, para que não se confunda com a militância ecológica. (BACCHETTA, 2004).

Esta definição, no entanto, exige um envolvimento diferenciado com o tema por parte dos profissionais que o exercem. Extrapola a idéia de ser apenas mais um tipo jornalismo segmentado (como o esportivo, o econômico, o político...). Como afirma BUENO, “é preciso que os comunicadores ou jornalistas ambientais estejam conscientes

de que esta é uma atividade que requer militância, compromisso, capacitação, ética e profissionalismo” (2004).

Para VILLAR, um dos criadores da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental:

Quanto mais especializado, mais o repórter ou editor começa a questionar a sua concepção de mundo e o seu próprio estilo de vida. Como o jornalista pode falar de harmonia entre os homens e a natureza se não sabe o que é a harmonia? Como poderá estimular a solidariedade tendo um espírito individualista? Se é verdade que a destruição da natureza inicia no espírito dos homens, os jornalistas terão que mudar o seu próprio estilo de vida no processo de aprendizado do jornalismo ambiental. (VILLAR, 1997, pág.3)

Na opinião de TRIGUEIRO, jornalista com reconhecida atuação nesta área e que desde 1996 assume a posição de repórter e apresentador do Jornal das Dez, na Globo News, “uma das premissas do jornalismo ambiental é perceber a realidade que nos cerca de um ângulo mais abrangente, privilegiando a qualidade de vida no planeta e do planeta (TRIGUEIRO, 2003, pág. 81).

O jornalismo ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão propalada e discutida nos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza, do transporte coletivo, da energia limpa, dos três “erres” do lixo... e de tudo aquilo que remeta à idéia de um novo modelo de civilização que não seja predatório e suicida, onde o lucro de poucos ameaça a qualidade de vida de muitos e os interesses de consumidores se sobrepõem aos interesses dos cidadãos. (TRIGUEIRO, 2003, pág. 89).

A grande polêmica não está no objeto em si do jornalismo ambiental, está claro que este trata da cobertura da imprensa para os temas relacionados ao meio ambiente (apesar de haver, nas redações, diferentes compreensões do que seja um assunto de meio ambiente). Está claro também que por ser um jornalismo especializado exige um conhecimento específico por parte dos profissionais que o exercem. A maior questão, no entanto, está no tipo de envolvimento que deve ter o profissional que trabalha com o tema, se ele deve assumir uma postura pró-ativa, de defesa da causa, de mudança em seu dia-a-dia, em sua forma de vida, ou se deve meramente relatar os fatos, ouvindo todos os lados envolvidos, fazendo seu papel de jornalista como qualquer outro. Alguns jornalistas da área não gostam do termo e nem querem ser chamados de jornalistas ambientais ou ecojornalistas. Afirmam-se como jornalistas, apenas, que cobrem a área ambiental. Há

quem defina ecojornalista como aquele quem tem um envolvimento maior com a causa e jornalista ambiental os que simplesmente cobrem o assunto.

O jornalismo ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses. O jornalismo ambiental não pode comprometer-se com a isenção porque participa de um jogo amplo (e nada limpo) de interesses. ... O jornalista ambiental (e é isso que precisa ser trabalhado nas escolas e nas redações junto aos profissionais de imprensa do futuro) tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante sempre. (BUENO, 2004, pág. 4)

Para além das conceituações e polêmicas da área, esta pesquisa pretende fazer uma análise da cobertura de grandes jornais brasileiros para o tema meio ambiente, de uma forma genérica, e da compreensão dos jornalistas que escrevem tais notícias, sobre o tema. Não se pretende, aqui, avaliar se os textos publicados por esses jornais se enquadram na definição de jornalismo ambiental ou não. Para efeito de compreensão de texto, somente será chamada de jornalismo ambiental a cobertura da mídia especializada que se dedica mais profundamente ao tema.

Tanto nos EUA e Europa, quanto no Brasil, a introdução de temas ambientais na mídia ocorreu em grande parte por pressão dos movimentos ambientalistas, refletindo, de certa forma, a ênfase dessas organizações até os anos 80, centrados na denúncia, na ação direta e em campanhas de sensibilização. Apesar de haver registros anteriores na imprensa de textos falando sobre natureza, o jornalismo ambiental enquanto um jornalismo segmentado surge na década de 60.

Em 1968, aconteceu em Paris a Conferência da Biosfera. Na mesma época, surgiu na França a primeira entidade de jornalismo ambiental. No mesmo ano, era preso no Brasil - pela Operação Bandeirantes - o jovem repórter Randau Marques, primeiro jornalista brasileiro a se especializar em meio ambiente. Randau foi considerado subversivo na época porque escreveu num jornal da cidade paulista de Franca (berço dos curtumes) reportagens sobre a contaminação de gráfcos e sapateiros com chumbo, e já questionava a expressão "defensivos", mostrando que os agrotóxicos eram responsáveis pela mortandade de peixes e pela intoxicação de agricultores. Depois, Randau se especializou em assuntos urbanos e questões ambientais no Jornal da Tarde. (VILLAR, 1997, pág. 5)

Na verdade, esse tom denunciativo não era a tônica geral da imprensa nas décadas de 60 e 70. Randau era uma exceção, num ambiente onde predominava o retrato da natureza como um entrave ao progresso da nação.

Além do movimento ambientalista, os grandes desastres ambientais mundiais e as conferências da ONU sobre meio ambiente foram outros dois grandes fatores responsáveis pela difusão do tema na imprensa em maior escala. Especialmente após a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, realizada em 1972, em Estocolmo, os assuntos ambientais começaram a aparecer com maior freqüência na mídia, em todo o mundo. No Brasil, porém, ainda prevalecia a imagem de meio ambiente como um impedimento ao desenvolvimento, à industrialização.

No início da década de 70, por exemplo, foi veiculado um comercial do automóvel Fusca que mostrava várias árvores da Floresta Amazônica sendo arrancadas por tratores e máquinas para a abertura da rodovia Transamazônica; em um dos trechos da estrada ainda sendo aterrada surgia o automóvel, provando que era bom em qualquer terreno. (GIACOMINI FILHO, 2004, pág. 164)

É na década de 80 que os temas ambientais ganham força na imprensa internacional, com notícias sobre aquecimento global, o buraco na camada de ozônio e, no Brasil, sobre a Amazônia. Em agosto de 1989 a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e a Associação Nacional de Jornais organizam o seminário "A imprensa e o planeta", em São Paulo, reunindo profissionais de comunicação para discutir o assunto.

Três meses depois, aconteceu o encontro mais importante para o jornalismo ambiental brasileiro. A Federação Nacional dos Jornalistas realizou no final de novembro, em Brasília, o "Seminário para Jornalistas sobre População e Meio

Ambiente". Participaram especialistas internacionais, como o francês François Terrason, especialista em planejamento ecológico e agricultura, a norte-americana Diane Lowrie, da Global Tomorrow Coalition, a jornalista argentina Patricia Nirimberk, da Fundação Vida Silvestre, o tcheco Igor Pirek, da Agência de Notícias CTK, o educador Pierre Weil, da Universidade Holística Internacional e especialistas brasileiros, como o repórter Randau Marques, o professor Paulo Nogueira Neto, o físico Luis Pinguelli Rosa, o agrônomo Sebastião Pinheiro e o jornalista Fernando Gabeira. (VILLAR, 1997, pág. 6)

Esse evento suscitou a formação de vários núcleos de jornalistas ambientais em todo o país. O objetivo era criar uma entidade nacional de jornalistas ambientais. “No entanto, sobrou apenas o grupo gaúcho. O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJRS) nasceu dentro do movimento ambientalista, no dia 22 de junho de 1990”. (VILLAR, 1997, pág. 6). No mesmo ano um pequeno grupo de repórteres, editores e produtores de alguns jornais norte-americanos criam a Sociedade de Jornalistas de Meio Ambiente dos Estados Unidos (*Society of Environmental Journalists*). A entidade se dedica a melhorar a qualidade, precisão e importância das reportagens de meio ambiente por meio de encontros e debates em todo o país e atualmente conta com mais de 1.400 jornalistas e acadêmicos trabalhando em diferentes tipos de mídia nos EUA e em outros 32 países.

No Brasil, a cobertura da imprensa continuava enfatizando catástrofes ambientais, como afirmava o veterano jornalista NOVAES, citado por LOPES (2003)

Um ano antes da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, o jornalista Washington Novaes avaliava que a imprensa brasileira pecava pela ausência ou pela ignorância, exacerbava as catástrofes e era tímida na absorção de novos temas ou soluções inovadoras na área ambiental. Em sua coluna “Sinal Verde”, publicada ao longo de 1991, na revista Imprensa, ele não só monitorava o trabalho dos jornalistas, como sugeria caminhos para uma cobertura mais relevante. (LOPES, 2003, pág. 141)

Em 1992, como parte da agenda oficial da Rio-92, é realizado em Belo Horizonte (MG) o Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento - Green Press. Organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais e pela Organização Internacional de Jornalistas, o Green Press reuniu jornalistas e especialistas em diversas áreas do conhecimento de 33 países. No final do evento, foi aprovado um documento de referência, chamado de Carta

de Belo Horizonte, com propostas para melhorar o desempenho dos meios de comunicação no que diz respeito à cobertura sobre meio ambiente. A carta enfatiza que a comunicação é o principal instrumento para se compreender a sociedade de nosso tempo, caracterizada pela emergência de uma comunidade global, interligada e interdependente.

No plano ético defende o direito à informação sobre questões ambientais e de desenvolvimento como fundamental, pois está em jogo o futuro da humanidade. (...) No plano prático, propõe-se a realização de reuniões por parte das Nações Unidas e de outras organizações internacionais e locais para aprofundar discussões e adotar medidas sobre o papel da comunicação Social nas questões ambientais. (...) A parte da formação também é enfatizada, pois a cobertura dos assuntos ambientais e de desenvolvimento exige preparação profissional. (AMORIN, 1996, págs. 38 e 39)

Além disso, a carta sugere a criação de uma rede mundial de jornalismo ambiental, fato que se concretizou no ano seguinte, em 1993, numa reunião na cidade de Dresden (Alemanha), onde foi criada a Federação Internacional de Jornalistas de Meio Ambiente. O primeiro congresso da recém-criada Federação é realizado em 1994, em Paris, e tem como principal resultado a criação de uma rede virtual de jornalismo ambiental na internet. No final do congresso é aprovada a Declaração pela Liberdade de Acesso à Informação, onde é proposto que a obrigação de prestar informações seja regulada por lei, estabelecendo que o meio ambiente e a saúde pública sempre devem preceder os interesses militares, comerciais, industriais e políticos. (VILLAR, 1995). Hoje a Federação possui em sua rede, direta e indiretamente associados, cerca de 7500 jornalistas ligados a diferentes tipos de mídia.

No Brasil, em 1998 é criada a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, por iniciativa do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul. A rede funciona virtualmente, e agrega cerca de 350 jornalistas e estudantes que estão vinculados a veículos de comunicação, assessorias de imprensa, organizações não-governamentais, universidades e órgãos públicos, pessoas que têm interesse em discutir a relação jornalismo e meio ambiente.

A rede tem como objetivos: discutir jornalismo ambiental; Integrar os jornalistas que cobrem meio ambiente nas diferentes regiões do país; divulgar, acompanhadas de comentários pessoais que destaquem sua relevância, sugestões de pauta, notícias interessantes, cursos, encontros e prêmios com interface relacionada ao jornalismo

ambiental e; encaminhar pedidos ou sugestões de fontes especializadas⁷. A rede constitui um importante espaço para o debate do tema entre os profissionais de comunicação. Porém, como pôde ser comprovado por esta pesquisa e será apresentado capítulo à frente, ela ainda não é devidamente conhecida entre os profissionais da grande imprensa que atualmente cobrem ecologia.

2.5 Dificuldades na relação mídia e meio ambiente

Estamos imersos em uma sociedade opulenta em artefatos e próteses mediáticas, que venera o informacionismo como categoria indicadora de uma manipulação controlada que organiza a sociedade do espetáculo e se alimenta da obstrução dos jogos polissêmicos e dos enfrentamentos dialéticos. (BRASIL, 1997, pág. 239).

Vários são os fatores que dificultam uma relação mais próxima da mídia com o tema meio ambiente. Em primeira mão percebe-se que a lógica do jornalismo diário não é compatível com a lógica ambiental. O jornalismo convencional pensa no hoje, no imediato, no fato, o que vai acontecer daqui a duas décadas não interessa. Talvez por esse motivo uma das formas mais comuns da questão ambiental aparecer na mídia seja por meio dos acidentes, das catástrofes ambientais. Essas sempre são notícia. As grandes questões ambientais, de uma forma mais ampla, são de longo prazo. Trabalha-se na perspectiva de uma previsão sobre o que as atividades humanas afetarão na vida do planeta, no futuro. Os eventos, de uma forma geral, também sempre são considerados notícias. Por isso as conferências da ONU, que sempre reúnem muitos chefes de estado, acabam mobilizando a imprensa.

Outro fator relevante é que a lógica ambiental é uma lógica de sustentabilidade. Os veículos de comunicação dependem de seus anunciantes para sua sobrevivência. E quem são esses anunciantes? Na maioria das vezes grandes empresas que ainda não funcionam nesta lógica sustentável, muito pelo contrário. Muitas vezes são empresas poluidoras, ou que possuem uma cadeia produtiva extremamente degradante. Dessa forma, como poderão os jornais garantir um discurso antagônico à de seus clientes anunciantes, de quem dependem para sua própria manutenção? Há, na verdade, um conflito ético ao se abordar a questão ambiental.

⁷ Informações retiradas do site Jornalismo Ambiental <<http://www.agirazul.com.br/jornalismoambiental/>> - acesso em 04/01/2005

Além disso, os próprios veículos de comunicação, enquanto empresa, na maioria das vezes não têm uma postura sustentável em seus processos produtivos, seja no que diz respeito diretamente à questão ambiental, ao utilizar tintas tóxicas na impressão dos jornais, por exemplo; seja no tratamento que dá a seus funcionários, com salários irrisórios e exploração em horas de trabalho. Afinal de contas, como abordado anteriormente, o ser humano é parte desse ambiente e também merece uma postura que o leve a ter uma vida sustentável, com uma digna qualidade de vida.

O fato é que o jornalismo ambiental ameaça os interesses das empresas públicas e privadas que agem na contramão da sustentabilidade. Para essas empresas, uma exposição ruim na mídia pode desencadear uma sucessão de desastres que vão de um ligeiro arranhão na imagem à perda de credibilidade – com eventuais impactos no faturamento e na cotação das ações no mercado de bolsa (TRIGUEIRO, 2003, pág. 84)

O que ocorre atualmente é que os empresários estão percebendo que os consumidores brasileiros cada vez mais têm uma postura receptiva às empresas que possuem processos industriais ecológicos, ou que apóiam ações de conservação ambiental. A última edição da pesquisa O Que o Brasileiro Pensa do Meio Ambiente e do Consumo Sustentável (Cf. CRESPO, 2002) mostrou que 81% ficariam mais motivados a consumir se ao fazer compras encontrassem um produto cujo rótulo informa que foi fabricado de maneira ambientalmente correta e 73% ficariam mais motivados se encontrassem um alimento cujo rótulo indicasse que foi cultivado organicamente, sem uso de pesticidas e fertilizantes químicos.

Se por um lado está clara essa tendência do mercado e algumas empresas abraçam a responsabilidade ambiental de forma séria e responsável (ou mesmo visando uma fatia específica do mercado); por outro existem aquelas que utilizam a maquiagem verde, chamada também de marketing ambiental, para tirar vantagens, melhorar a imagem institucional ou aumentar o lucro.

ONGs como o Greenpeace lançaram manuais denunciando o *modus opeerandi* de quem faz maquiagem verde, mas nem sempre a farsa é descoberta a tempo nas redações. É comum, por exemplo, ver empresas investirem alto em publicidade para anunciar que estão certificadas pela ISSO 14001 (...), sinalizando para a sociedade que esta certificação, por si, eliminaria o risco de a empresa se envolver em acidentes ecológicos ou até mesmo cometer crimes ambientais, o que não é verdade. (TRIGUEIRO, 2003, pág. 84)

Outro aspecto relevante é que as sociedades capitalistas são em sua essência consumistas. E para alimentar esse consumo as indústrias criam cada vez mais acessórios e novos utensílios que se transformam em alvo de desejo das pessoas, divulgados através dos veículos de comunicação. A lógica ambiental é anticonsumista. Já está claro para os estudiosos da área que o consumo é um dos maiores problemas ambientais das sociedades modernas, porque o consumo gera lixo e super utilização dos recursos naturais.

Enfim, o capitalismo se afirma ao desorganizar os diversos sistemas de produção fundados no valor de uso e a primeira condição para isso é separar os indivíduos da sua ambiência sócio-natural. (...) Alguém compraria máscaras de oxigênio, como já ocorre no Japão, se o ar da sua cidade fosse puro? Alguém compraria água engarrafada se os mananciais que abastecem a cidade fossem limpos? (...) Separar o homem da natureza é, portanto, uma forma de subordiná-lo ao capital. (GONÇALVES, 2001, pág.116)

Como já dizia José Lutzenberger, fundador da primeira ONG ecológica nacional, a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, “o livre mercado não resolve tudo, até porque é manipulado. O mercado só vê demanda, não vê necessidades. Os mercados são cegos para as gerações futuras”. (AGUIAR, 2003, pág.139).

2.6 Mídia ambiental segmentada, uma alternativa?

Diante deste novo "ambientalismo empresarial", uma aliança entre jornalistas, cientistas e ecologistas é de vital importância para a democracia. Um cidadão só tem liberdade de escolha se ele conhece as opções existentes. Se só existe uma versão, não há o que escolher. (VILLAR, 1997, pág. 2)

Diante desse panorama da cobertura ambiental dos grandes veículos de comunicação, uma alternativa que surge como caminho a ser perseguido é a segmentação das publicações sobre meio ambiente, tendência já consolidada nos países desenvolvidos, mas que aqui no Brasil ainda precisa conquistar seu nicho de mercado. Nesse tipo de

veículo há espaço para uma cobertura mais aprofundada, especialmente por contar com profissionais de muita experiência na área.

Durante a Eco-92 vários jornais de grande circulação, como O Globo, a Folha de São Paulo e o Jornal do Brasil, lançaram cadernos especializados sobre ecologia, mas nenhum conseguiu mantê-los por muito tempo. Atualmente são poucos os grandes veículos impressos que possuem cadernos especiais. O jornal Estado de Minas é uma das exceções, conseguiu manter seu encarte Estado Ecológico até os dias hoje. Lançado mensalmente em toda lua cheia, o caderno foi criado e coordenado por muitos anos pelo jornalista mineiro Hiram Firmino, que em 2002 deixou o Estado Ecológico para produzir no Jornal do Brasil a revista JB Ecológico. Simultaneamente ao lançamento desta publicação, o Jornal O Globo lançou um caderno sobre meio ambiente chamado Terra que, no entanto, não conseguiu manter uma periodicidade regular.

Ainda na área de publicações impressas segmentadas, três revistas conseguiram se manter mesmo após o boom da Eco-92: a Ecologia e Desenvolvimento, da editora Terceiro Mundo; a Eco-21, uma iniciativa independente do jornalista Renée Capriles e sua esposa Lúcia Chayb; e a revista Senac e Educação Ambiental, editada pelo Serviço Nacional do Comércio e com distribuição gratuita. As três revistas mantêm uma abordagem socioambientalista, sendo que a Eco-21 conta com muitos artigos assinados por especialistas da área ambiental, enquanto as outras são produzidas essencialmente por jornalistas. Mais recentemente, em 2004, foi lançada a revista Terra da Gente, editada pela jornalista Liana John que por 15 anos esteve à frente da editoria de Ciência e Meio Ambiente da Agência Estado, onde consolidou um importante espaço para as questões ambientais não apenas na internet, no website do jornal Estado de São Paulo, mas em todos os veículos que compõem notícias da Agência.

Seguindo uma outra linha editorial, com ênfase no ecoturismo e na geografia e hábitos de diferentes povos ao redor do planeta, ainda é possível encontrar as publicações Caminhos da Terra e Horizonte Geográfico. Sem contar que eventualmente as revistas semanais Veja, Isto É e Super Interessante lançam edições especiais sobre ecologia.

A Revista Super Interessante, da editora Abril, com o patrocínio da empresa Natura, há alguns anos promove o Prêmio Super Ecologia, onde são premiados projetos ambientais inovadores. Após cada prêmio a revista lança uma edição especial Super Ecologia com notícias sobre os projetos vencedores. Nesta mesma linha, a revista Casa

Claudia, também da editora Abril, que trata de decoração, lançou em 2001 o prêmio Planeta Casa para premiar projetos ambientais relacionados à decoração e ecodesign. Desde então, anualmente premia iniciativas nas categorias projeto arquitetônico, design de interiores, produtos, ação social e estudante, e lança um encarte especial sobre o tema.

Na área de mídia televisiva dois programas conseguiram manter um espaço cativo na área ambiental: o Globo Ecologia, da Rede Globo, que está no ar desde 1990; e Repórter Eco, da TV Cultura de São Paulo. Ambos seguem uma abordagem que valoriza histórias humanas e exemplos de iniciativas bem sucedidas na área ambiental, que sirvam de exemplo e sejam replicáveis pelos telespectadores do programa. Como afirma Andrade, que realizou um estudo sobre o programa Globo Ecologia:

As denúncias de degradação ambiental e as críticas ao padrão de acumulação predatório do regime militar, que pontuavam as páginas dos jornais brasileiros durante os anos 70, cedem lugar às iniciativas da comunidade, às formas de convivência dos cidadãos e à busca de soluções. (ANDRADE, 1998/1999, pág.116).

Para Villar, essa tendência de divulgar histórias humanas e bons exemplos é uma tendência que surge cada vez com mais força no jornalismo ambiental. “Menos catástrofes e previsões científicas assustadoras, e mais dicas práticas para o dia-a-dia das pessoas”. Para ele, este tipo de reportagem educativa é de grande importância, para mostrar que é possível viver em harmonia com a natureza. (VILLAR, 1997, pág. 4).

Um grande espaço para a mídia segmentada ambiental foi aberto pela Internet e constitui atualmente importante fonte de informação para os que desejam se aprofundar no assunto. Hoje existem inúmeros sites especializados no tema, sem contar com as home pages de ONGs ambientalistas que produzem informações bastante consistentes. Além de trazer informação ambiental, a internet se transformou num instrumento de luta ecológica.

Foi através da rede mundial de computadores que em dezembro de 1999 os ambientalistas suspenderam uma manobra da bancada ruralista no Congresso Nacional para aprovar um projeto de lei do deputado Moacir Micheletto (PMDB-PR), alterando o Código Florestal. Na prática a manobra implicaria a redução do percentual de reserva legal obrigatória em propriedades rurais na Amazônia. Num único dia, 189 das principais entidades ambientalistas do país produziram e assinaram via Internet um manifesto que impediu a votação. (TRIGUEIRO, 2003, pág. 85)

Uma das grandes dificuldades para manutenção das mídias alternativas ambientais

é a venda de espaços publicitários. Em geral, governos e empresas preferem investir em jornais e revistas da grande imprensa que em veículos menores, seja nas capitais ou no interior dos estados. Como o objetivo de ser um instrumento a favor da democratização da informação ambiental e fortalecimento das empresas que se dedicam a publicações direcionadas ao meio ambiente, foi fundada a EcoMídias – Associação Brasileira das Mídias Ambientais, que reúne veículos como as revistas Eco-21, Ecologia & Desenvolvimento, Gerenciamento Ambiental, Meio Ambiente Industrial, Saneamento Ambiental, os jornais do Meio Ambiente, Folha do Meio Ambiente, Estado Ecológico, Terramérica e AgirAzul, além de veículos digitais como o site Ecom – Ecologia e Comunicação (da Ong Comam). Juntos atingem aproximadamente 1 milhão de exemplares mensais⁸.

Em março de 2004 a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental divulgou uma lista de quem cobre meio ambiente no Brasil e seus respectivos endereços na internet, como pode ser conferido em um dos anexos deste trabalho. No total foram listados quase 60 veículos de comunicação e colunas específicas sobre meio ambiente, entre programas televisivos, de rádio, jornais e revistas especializados, seções e cadernos fixos em jornais, colonistas e websites com notícias ambientais (de Ongs, Governos e sites informativos), sendo que apenas essa última categoria concentra quase 80% dos veículos listados.

É importante frisar, no entanto, que apesar de estar crescendo o número de veículos dedicados à temática ambiental, a mídia especializada atinge públicos específicos, e não um público mais amplo. Alternativas como os jornais de bairro, rádios e televisões comunitárias muitas vezes são utilizadas para a divulgação de temas ambientais. Para VILLAR (1997, pág. 4), esses veículos permitem um envolvimento mais direto com o público e refletem mais as necessidades regionais. “O principal jornal de bairro de Porto Alegre - Oi! Menino Deus - conseguiu fazer, entre 1995 e 1996, reportagens investigativas na área ambiental que lhe renderam diversos prêmios estaduais, vencendo até os grandes jornais gaúchos”, afirma.

⁸ Informações retiradas do site do Jornal do Meio Ambiente - <<http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-Ecomidias.asp>> - acesso em 04/01/2005. Atualmente o site da Comam encontra-se fora do ar

3. O JORNALISMO IMPRESSO NO BRASIL

Na verdade, a própria escolha do fato a cobrir, a seleção das fontes, sua hierarquização e seu ordenamento orientam, de antemão, a natureza da informação contida na reportagem e o sentido que vai dela ser liberado.
(ELHAJJI, 2002, pág. 128)

A comunicação de massa ganhou uma importância inacreditável nas sociedades modernas. Podemos dizer que, nos dias de hoje, as informações fornecidas pelos veículos de comunicação já fazem parte da rotina das cidades e possuem uma credibilidade popular admirável. Como afirma SODRÉ:

(...) nesse contexto social em que a democracia é mais senso-comum e ambiência cotidiana do que paixão ideológica, os meios de comunicação adquirem um novo estatuto cultural e uma posição de poder sem precedentes na história do mundo. Já não se trata mais da velha imprensa como tribuna de uma consciência liberal, mas de um complexo integrado de formas de expressão escrita, falada e imagística, suscetível de constituir uma verdadeira estrutura de poder. (SODRÉ, 1996, pág. 70)

Mesmo vivendo uma era de grandes avanços tecnológicos, os jornais impressos conseguiram se manter presentes nesta moderna “estrutura de poder” em que se constituiu a imprensa, fazendo parte do cotidiano informativo das pessoas. Mas que artifícios os jornais impressos utilizam para manter cativos seus leitores e não sucumbirem diante dos atuais veículos informatizados? Como se dá o ato de comunicar nos jornais impressos e como eles estabelecem um contrato de leitura com seus leitores?

Podemos dizer que este veículo estabelece suas forma de comunicação com o leitor através de várias estratégias discursivas: via manchetes, título, fotos, ilustrações (charges, quadrinhos), opinião, cartas, tentando através dessas artimanhas estabelecer uma parceria e uma identidade discursiva com o seu leitor. (LIMA, 2000, p.2).

VERON (1983) constrói a noção de contrato de leitura a partir da teoria da enunciação como metodologia para analisar os suportes de imprensa. Segundo VERON, o contrato de leitura dá conta de um elo fundamental que se estabelece entre um suporte de imprensa e seus leitores. Cada suporte de imprensa cultiva, ao longo de sua existência, uma relação que se alimenta de uma permanente negociação com seus leitores. O estudo do contrato de leitura se situa entre os suportes de imprensa e seus leitores por meio da leitura.

São essas características e estratégias de enunciação que asseguram reconhecer o contrato de leitura de um jornal, enquanto instância em que a enunciação da identidade de um jornal toma corpo, toma forma. São os contratos, portanto, que tratam de materializar o oferecimento de uma identidade com que o jornal se apresenta ao leitor (LIMA, 2000, p.2).

Essa suposta identidade do jornal é construída por meio de técnicas que propõe a neutralidade e a objetividade, qualidades tão defendidas, e ao mesmo tempo questionadas, do fazer jornalístico. Entretanto, esse "modo de fazer" pode ser entendido como uma forma de defesa das empresas jornalísticas, e do próprio jornalista, dos eventuais riscos jurídicos que uma notícia mal apurada ou polêmica pode acarretar. Por isso é mais fácil deixar a palavra sempre na boca dos entrevistados. Como afirma LIMA, é através desses procedimentos ritualizados de neutralidade e objetividade que o jornal institui laços simbólicos com seus receptores ao mesmo tempo em que engendra sua identidade, mesmo que mascarada em estratégias de neutralidade e objetividade. (LIMA, 2000, p.3)

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito às tecnologias do veículo. Apesar de todo o avanço das mídias modernas, incluindo o surgimento da televisão e da Internet, consideradas revolucionárias na perspectiva da tecnologização dos meios de comunicação de massa, o jornal continua sendo o espaço onde é possível o aprofundamento das notícias. Quando começaram a surgir os primeiros jornais *on line* – onde o leitor obtém informação de forma extremamente imediata, quase que em tempo real – houve quem acreditasse que estava decretada a sentença de morte dos jornais impressos. Porém, não foi o que ocorreu, muito pelo contrário.

Não é essa diferença física entre materiais, no entanto, que me faz apostar na sobrevivência dos jornais. Eles sobreviverão porque fatalmente mudarão o seu conteúdo. Na verdade, estamos em pleno processo de mudança. Já atualmente, os fatos, os acontecimentos, estão cada vez mais na esfera do jornalismo *on line* e televisivo. Aos jornais, resta o talvez fundamental: a explicação do fato, a sua interpretação, a sua análise, os seus efeitos. Não se trata de fazer um jornal intelectualizado, para as elites, mas um jornal que, com linguagem acessível, possa com clareza dar ao leitor médio os desdobramentos das notícias. Tradicionalmente, pela extensão de sua cobertura, os jornais sempre informaram mais do que a televisão. Trata-se de radicalizar esta postura. (KHAMMEL, 1997, pág. 2)

No Brasil as vendas diárias de jornais aumentaram, como será mostrado à frente. Os veículos de comunicação de massa caminham cada vez mais para uma fusão das diversas tecnologias, mas o jornal continua tendo seu espaço cativo.

3.1 Reflexões sobre o fazer jornalístico

Aliás, nunca é demais lembrar que a atividade jornalística deve ser avaliada e avalizada pelas razões do interesse público, parâmetro gerador dos critérios jornalísticos de valoração da informação. E quanto mais vigorosos forem os atributos de relevância social da informação, maior será a dimensão do interesse público atendido.
(CHAPARRO, 1994, pág. 118)

A produção de notícias nos grandes jornais segue, atualmente, uma dinâmica bastante semelhante e que interfere diretamente na qualidade e características da informação veiculada, inclusive da informação ambiental. Um dos aspectos mais relevantes na produção jornalística contemporânea é a questão do tempo. Quase não há mais espaço para reportagens investigativas, que demandem muito tempo e trabalho dos repórteres nos jornais diários. Conforme depoimentos dos profissionais entrevistados para essa pesquisa, há uma corrida contra o tempo, onde cada jornalista deve produzir várias notícias diariamente, não tendo sequer chance, muitas vezes, de sair à rua para entrevistas. Claro que há exceções, como é o caso dos cadernos semanais e das reportagens dominicais, mas a regra é a produção acelerada de muitas notícias por dia.

Como afirma MORETZSOHN (2000, pág. 3), trata-se de um produto submetido à "lógica da velocidade", embora obviamente incapaz de segui-la, uma vez que o "tempo real" será inevitavelmente o tempo de ontem. O que não deixa de ser curioso, pois o jornalismo impresso seria, por definição, mais reflexivo, até para se distinguir das outras mídias. O rádio, a internet e a TV, são veículos mais propícios à divulgação do imediato, do agora. O jornal seria o espaço ideal para o aprofundamento dos temas, para uma abordagem mais analítica e completa, mas por conta de uma exigência de mercado acaba produzindo informações superficiais e voláteis. E esse novo "fazer jornalístico" se aproveita de instrumentais modernos, como, por exemplo, a Internet.

Hoje a rede mundial de computadores constitui o principal instrumento e fonte de pesquisa dos jornalistas, como demonstrado por essa pesquisa. O advento da Internet em um aspecto agilizou o acesso às informações, mas por outro lado favoreceu e estimulou um jornalismo de redação, ou seja, onde as notícias são produzidas com informações extraídas

da rede e complementadas por entrevistas telefônicas.

Mas a busca pela rapidez não é um fato recente nos jornais. Já em 1987 o Manual Geral de Redação da Folha de São Paulo afirmava que “é essencial combinar qualidade com rapidez. O jornal deve parte de sua grande circulação a uma política agressiva de distribuição, que tem no horário antecipado de chegada às bancas um de seus princípios básicos. Assim, o jornal deve fechar mais cedo que os concorrentes, sem perder em quantidade ou qualidade das informações”. (MORETZSOHN, 2000).

(...) Etimologicamente o termo “jornalista” significa exatamente “analista de um dia”. Supõe-se portanto que ele analisa o que se passou no próprio dia, ainda que deva ser muito rápido para consegui-lo. Mas hoje, com a transmissão direta, e em tempo real, é o instante que é preciso analisar. A instantaneidade tornou-se o ritmo normal da informação. Portanto, um jornalista deveria chamar-se “instantaneísta”, ou um “imediatista”. (RAMONET, 1999, pág. 74)

A questão da instantaneidade da informação acabou por exigir um novo perfil de profissional para atuar nas redações dos jornais diários. Hoje, o jornalista valorizado não é mais aquele que apenas possui boas fontes de informação e tem um faro investigativo aguçado, é fundamental que esse profissional tenha habilidade para responder às demandas do jornal considerando o tempo escasso para a produção de notícias. Ele deve ser ágil e dar conta das muitas pautas que lhe são encaminhadas. Além disso, deve saber lidar com as novas tecnologias, como a internet e os programas de edição, porque seu texto será produzido simultaneamente à diagramação do jornal. O jornalista escreve dentro de uma moldura e espaço já estabelecidos para a notícia no software de editoração. Como afirma RAMONET (1999, pág.61), “a mídia, sacrificando-se à ideologia do direto, do ao vivo, do instantâneo, reduz o tempo da análise e da reflexão”.

O uso de modernas tecnologias de informação nos grandes jornais diários gerou essa perda do tempo para reflexão, mas por outro lado possibilitou a atuação jornalística independente da posição geográfica do repórter. Desde que conectado à Internet, o jornalista trabalha como se estivesse na redação do jornal, com acesso a todos os recursos disponíveis, de forma integrada a seus colegas.

As novas formas de editoração eletrônica permitem que o repórter, antecipadamente, saiba o espaço que terá disponível para sua notícia e qual o formato que ocupará. O profissional escreve diretamente na página desenhada na tela do computador, já com espaços destinados ao título, legenda, olho, etc. O fotógrafo, por sua parte,

também pode inserir remotamente a foto da notícia. O editor já revisa o texto em seu layout quase final. Isso agiliza o processo de fechamento dos jornais.

Diante deste panorama, o grande desafio contemporâneo da produção jornalística é como manter um produto final de qualidade trabalhando num ritmo corrido, com um número cada vez mais reduzido de profissionais e subordinado aos interesses dos anunciantes? Como é possível manter essa qualidade especialmente nas temáticas que exigem uma maior dedicação e especialização, como é o caso da área ambiental?

Para Eugênio BUCCI, os veículos jornalísticos não abandonaram a especialização, apenas mudaram o seu perfil.

As grandes redações ainda contam com profissionais especializados em diferentes áreas, mas, mesmo esses, quando têm de checar um dado, precisam recorrer a ONGs, a universidades, a pesquisadores de institutos ou laboratórios privados. Esse modelo traz pelo menos uma vantagem: o jornalista especializado já não é o comentarista que sabe das coisas; é antes de tudo um bom repórter especializado, com boas fontes alternativas, que sabe, isto sim, a quem perguntar. (BUCCI, 2000, pág. 197)

Os resultados das entrevistas feitas com os jornalistas mostraram que no caso da área ambiental essa especialização, quando ocorre, é geralmente fruto de um interesse pessoal pela temática. Não há uma política dentro dos jornais que incentive a especialização na área ambiental. Valorizam-se, apenas, as especializações nas editorias mais tradicionais como economia, cultura e esportes. Isso se reflete na sociedade, que não oferece aos jornalistas cursos de formação na área ambiental. Mesmo nos cursos de graduação são poucas as instituições no país que criaram uma cadeira para jornalismo ambiental.

Para que as notícias ambientais ganhem força na grande imprensa, para além dos interesses pessoais dos jornalistas, é necessário, então, que haja investimento no processo de formação desses profissionais e que as instituições que trabalhem com a temática conheçam melhor o funcionamento dos jornais e cativem espaços nos veículos de comunicação.

Poucas ONGs já aprenderam a disputar tempo e espaço na mídia. Algumas exceções são a Greenpeace e a Fundação SOS Mata Atlântica. A maioria das entidades ambientalistas não conhece o funcionamento dos veículos de comunicação, o processo de produção das notícias. Por isso, melhorar a qualidade do jornalismo ambiental não passa apenas pela educação ambiental dos jornalistas, mas também pela educação jornalística dos ecologistas (VILLAR, 1997, pág. 3)

Para melhor compreensão do papel do jornal impresso nos dias de hoje, será traçado um panorama brasileiro, mostrando quem é o público leitor, tendências, tiragens e abrangência regional.

3.1 Quem lê jornal no Brasil?

O velho e bom jornal de papel se transformará, então, num definitivo quality paper, instrumento imprescindível de reflexão, do debate e da circulação de idéias, e da informação mais aprofundada e mais depurada? (VAIA, 1996)

Quantos são, qual a idade, o gênero, a raça, a classe social, do público leitor de jornais hoje no país? A quem atinge esses jornais? Antes de abordarmos o perfil atual dos leitores de jornais é importante situar o país no panorama da América Latina.

Dados da década de 90, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), mostram que em 20 principais países da região existiam cerca de 1.146 jornais diários e com uma tiragem conjunta de 28,9 milhões de exemplares, para 452,5 milhões de habitantes. Ou seja, apenas 6% da população da América Latina, aproximadamente, liam jornal. Somente o Uruguai tinha um índice de leitura comparável ao dos países desenvolvidos, com 227 exemplares para grupo de mil habitantes (22,7%). Na outra ponta desta realidade, o Brasil aparecia como o terceiro país com o pior índice de leitura (28 jornais para grupo de mil), à frente do Equador (26) e do Haiti (apenas 6,9 exemplares).

Se compararmos aos Estados Unidos, os dados são ainda mais frustrantes, pois o país contava com cerca de 1.600 jornais diários, com uma tiragem conjunta de 62,5 milhões de exemplares. Assim, nos EUA, registrava-se 251 jornais/dia para cada mil habitantes, enquanto na América Latina esta proporção ficava em modestos 64 exemplares na média. Óbvio que devemos levar em consideração todas as características culturais e, principalmente, econômicas dos diferentes países citados.

No entanto, há uma tendência no Brasil ao aumento na circulação de jornais, segundo especialistas do setor. Entre os anos de 1996 e 2000, o Brasil apresentou um crescimento no número de leitores. Um estudo da consultoria McKinsey & Co. mostrou que as vendas de jornais cresceram 5% ao ano, em média, neste período, segundo eles impulsionadas pela estabilidade econômica do plano Real e pelo aumento do poder aquisitivo nas classes mais baixas. De acordo com o levantamento, o crescimento dos

jornais populares no período foi fundamental para este quadro. As vendas diárias passaram de 6,4 milhões em 1996, para 7,8 milhões em 2000, para uma população de 170 milhões de habitantes (Tabela 1).

Dados da Associação Nacional de Jornais⁹ mostram, entretanto, que houve uma pequena queda na tiragem nos anos de 2001 e 2002. Porém, na avaliação da ANJ, ainda há espaço para o crescimento especialmente se considerarmos que a circulação anual está em torno de 64,2 exemplares por mil habitantes, muito abaixo dos países desenvolvidos, e que há uma tendência ao crescimento econômico no país.

Tabela 1 – Circulação média diária dos jornais

CIRCULAÇÃO MÉDIA DIÁRIA DOS JORNAIS ¹⁰		
ANO	Mil exemplares/dia	Variação %
1990	4.276	
1991	5.340	24,8
1992	5.621	5,26
1993	6.296	12,01
1994	5.896	- 6,35
1995	6.551	11,1
1996	6.472	- 1,21
1997	6.892	6,49
1998	7.163	3,93
1999	7.245	1,14
2000	7.883	8,81
2001	7.670	-2,70
2002	6.972	

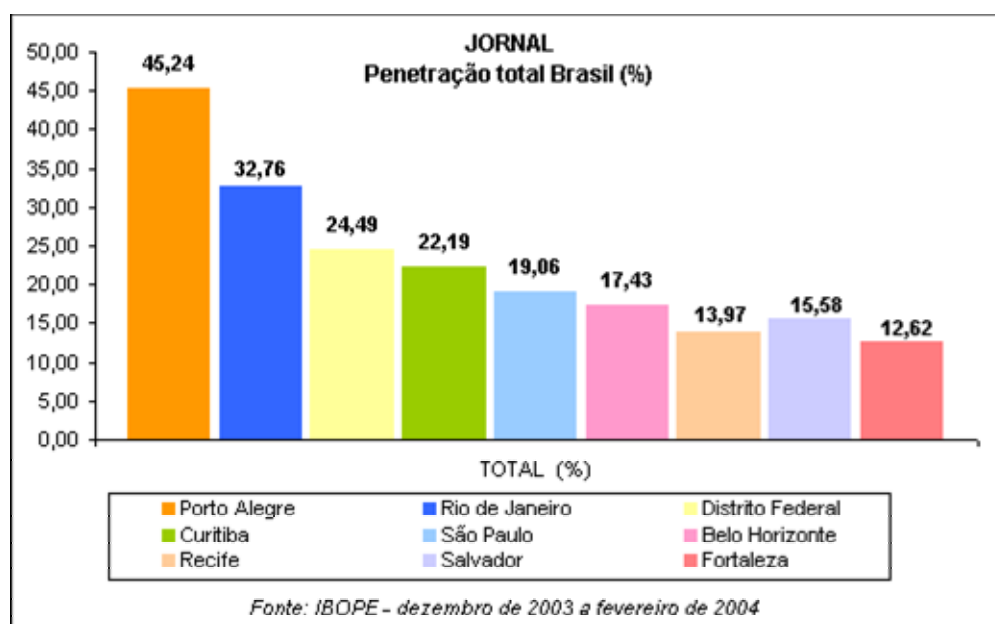
Enquanto a participação dos jornais líderes caiu de 25% para 20% do mercado (O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, O Globo, Zero Hora, Estado de Minas e Correio Braziliense), a participação dos populares passou de 11%, em 1996, para 17% do mercado no ano 2000, o que significa que o jornal está ampliando sua inserção nas camadas mais populares.

Dados do Ibope (disponível em www.ibope.com.br) mostram como é a penetração do veículo jornal nas maiores capitais brasileiras, comparando-se a tiragem com o número de habitantes do local. Percebe-se, no quadro (Gráfico 1), que a cidade onde o jornal tem maior penetração é Porto Alegre (45,24% da população lêem jornal), seguido pelo Rio de Janeiro (32,76% da população) e pelo Distrito Federal (24,49%). A cidade com o maior percentual de leitores é justamente o local que abrigou o berço do movimento ambientalista do país. Estes números sugerem que pode haver uma relação direta entre índice de leitura, acesso à informação e conscientização ambiental.

⁹ Retirados do site www.anj.org.br - em 05/04/2004

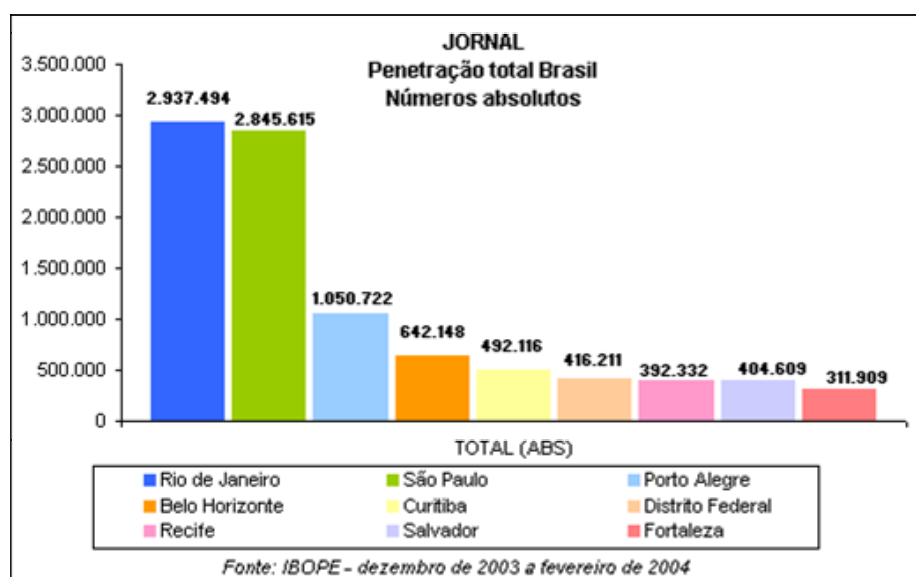
¹⁰ Fonte: Associação Nacional de Jornais (ANJ) – www.anj.org.br - acesso em 5/4/2004

Gráfico 1 – Penetração do jornal no Brasil



Quando tratamos de números brutos, o Rio de Janeiro fica em primeiro lugar com o maior número de leitores (2,9 milhões aproximadamente), seguido por São Paulo (2,8 milhões) e Porto Alegre (1 milhão) (Gráfico2). Apesar de grande parte dos maiores veículos diários impressos estar localizada em São Paulo, a penetração do jornal nesta cidade é baixa se considerarmos seu contingente populacional: apenas 14,14% têm acesso aos jornais. Esses dados servem para nos fazer refletir até que ponto o jornal realmente tem poder de manipulação, como muito se é dito, se a maior parte da população brasileira não lê jornal e, além disso, aqueles que lêem concentram-se nos centros urbanos e nas camadas mais privilegiadas da população.

Gráfico 2 – Penetração total de jornais no Brasil – números absolutos



Mesmo nos grandes centros, onde o jornal tem um papel mais significativo, mais de 50% dos leitores do jornal são pessoas das classes A e B. Isso mostra que se o jornal tem algum poder de intervenção, é nas classes mais ricas que isso se dá. O que não quer dizer que as outras classes não queiram ter acesso ao jornal, ao contrário, o surgimento de jornais populares provocou um aumento no número de leitores desta categoria, como vimos anteriormente.

Todos esses números mostram apenas um lado da recepção do jornal no Brasil. É importante frisar dois aspectos elementares, porém condicionantes na recepção do jornal: um é o fato de que para ler jornal é preciso saber ler e ter hábito de leitura, o que no Brasil se complica pelo alto índice de analfabetismo. Outro aspecto restritivo é que para ler jornal é necessário comprá-lo, ou seja, precisa de recursos financeiros para isso.

Além dessas, existem ainda as mediações situacionais, ligada à situação e modos de recepção. Quem de nós já não viu várias pessoas paradas na rua em frente a uma banca de jornal, pela manhã, lendo as manchetes do dia nos jornais que ficam expostos. Uma pessoa que lê jornal em casa, tomando seu café da manhã, num ambiente tranquilo, terá um outro nível de percepção que aquele que lê o jornal dentro do ônibus ou do trem, por exemplo, indo para o trabalho. Ou seja, o modo como o jornal é lido e o ambiente, também interferem no processo de recepção. Sem contar os interesses pessoais (difícilmente uma pessoa lê o jornal inteiro, mas sim as partes que lhe interessam) e as mediações institucionais, pois cada pessoa carrega consigo uma subjetividade construída nas instituições às quais pertence: família, igreja, trabalho etc.

De qualquer forma, mesmo levando-se em consideração todos os aspectos aqui colocados para melhor compreensão do papel e inserção do jornal no Brasil, a importância de se analisar a cobertura dada a determinado assunto pela grande imprensa na mídia impressa reside no fato de que esta ainda é uma importante formadora de opinião e influenciadora de políticas públicas, na medida em que exerce pressão sobre as camadas de maior poder da sociedade.

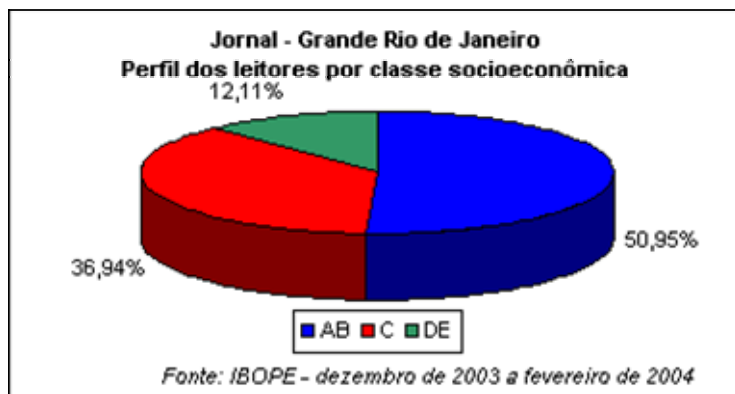
3.2 Os jornais do eixo Rio-São Paulo e sua importância

Vale considerar, entre outras coisas, que em todo o país existem apenas 338 jornais diários para um universo de cinco mil municípios e dos 10 diários com tiragem superior a 100 mil exemplares/dia, sete estão concentrados no eixo Rio-São Paulo (Dados do

Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal).

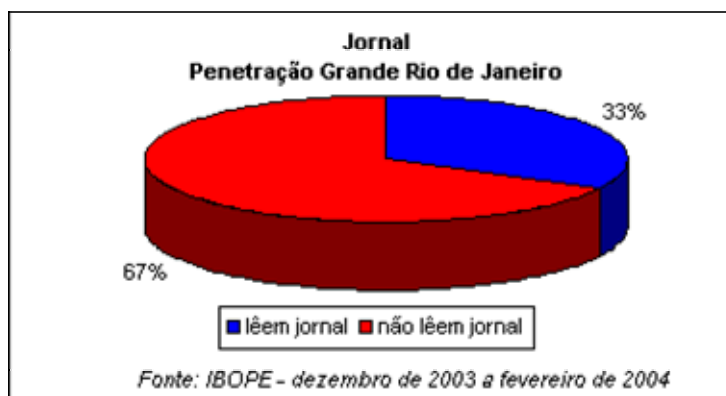
Considerando a cidade com o maior número de leitores, o Rio de Janeiro, 50,95% dos leitores são das classes A e B, 36,94% da classe C, enquanto que apenas 12,11% são das classes D e E¹¹. (Gráfico 3)

Gráfico 3 – Perfil dos leitores por classe socioeconômica



Quanto à penetração do jornal no chamado Grande Rio de Janeiro (que inclui a cidade do Rio, mais a baixada fluminense), 67% da população não lê jornal, contra os 33% que lêem (Gráfico 4). Em relação ao sexo esse número está bem dividido, sendo que a mulher lê um pouco menos jornal. Dos leitores do Grande Rio, 53% são homens, enquanto que 47% são mulheres¹². (Gráfico 5)

Gráfico 4 – Penetração do jornal no Grande Rio de Janeiro



¹¹ Fonte: Ibope, dezembro de 2003 a fevereiro de 2004 – www.ibope.com.br

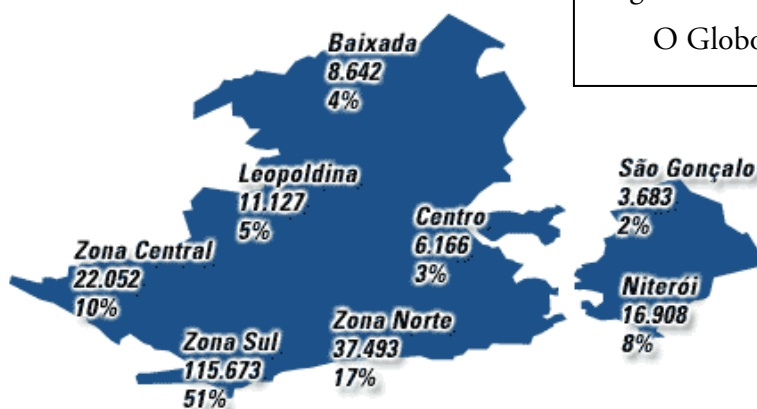
¹² Idem

Gráfico 5 – Perfil dos leitores por sexo



Para exemplificar um pouco mais, o jornal de maior tiragem no Rio de Janeiro é O Globo, um dos veículos objeto de estudo desta pesquisa, com aproximadamente 250 mil exemplares/dia durante a semana. Entretanto, desse total, 51% é vendido na Zona Sul da cidade e apenas metade da tiragem segue para as outras áreas da cidade e demais cidades do país (Figura 2).

Figura 2 - Distribuição do jornal O Globo no Grande Rio



Fonte: Ibope. dezembro de 2003 a fevereiro

Já em São Paulo, a segunda cidade com maior número de leitores, 81 % não lêem contra os poucos 19% que lêem (Gráfico 6). Dos que lêem, 61,25% são das classes A e B, 30,72% da classe C e 8,03% das classes D e E (Gráfico 7).

Gráfico 6 – Penetração do jornal na Grande São Paulo

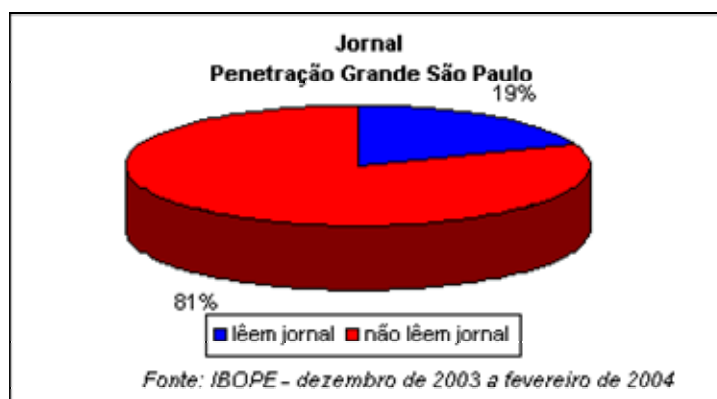


Gráfico 7 – Perfil dos leitores por classe socioeconômica na Grande São Paulo



Está claro que os jornais O Globo, Folha e Estado de São Paulo, objetos dessa pesquisa, possuem grande influência nas maiores capitais do país (São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) e nas classes A e B. Por um lado isso significa que esses veículos possuem boa penetração nas classes formadoras de opinião e tomadoras de decisão, o que é, de certa forma, muito bom para a questão ambiental; por outro, se consideramos que as classes populares são as mais atingidas pelos efeitos da degradação ambiental, o fato de não terem acesso à leitura de jornais as tornam mais suscetíveis aos impactos e mais ignorantes sobre o assunto.

4. ESTUDO DE CASO: A COBERTURA AMBIENTAL EM TRÊS GRANDES JORNAIS NO PAÍS

A rigor qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo. Isso implica considerar o sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. (MINAYO, 1999, pág. 22)

Partindo dos pressupostos de que a temática ambiental precisa ser fortemente incorporada pela humanidade para garantia de seu futuro e que os jornais diários são importantes formadores de opinião e possuem um poder de cobrança e pressão sobre as estruturas governamentais e sobre as instâncias decisórias da sociedade, essa pesquisa buscou compreender como é feita, atualmente, a cobertura ambiental por esses veículos. Considerando, ainda, que é escasso o número de estudos e publicações sobre o tema comunicação e meio ambiente, o trabalho busca contribuir para um entendimento do assunto, visando ser um instrumento que possa ser utilizado por aqueles que atuam na área.

Para compreender como a mídia impressa diária trata atualmente as questões ambientais, essa pesquisa elegeu os três jornais de maior tiragem do país à época da pesquisa¹³ – Folha de São Paulo, O Globo e, O Estado de São Paulo – como objeto de estudo (Tabela 2). Foi utilizado como dados de análise textos publicados nestes periódicos e entrevistas com jornalistas que nele trabalham. Juntos esses três veículos perfazem uma tiragem média diária de 800 mil exemplares e atingem, essencialmente, o eixo Rio-São Paulo-Brasília, nas classes AB, o que significa que são concorrentes.

Tabela 2 – Ranking dos jornais em 2003

RANKING DOS JORNAIS EM 2003		
Posição	Veículo	Média Diária
1º	Folha de S. Paulo	314.908
2º	O Globo	253.410
3º	O Estado de S. Paulo	242.755
4º	Extra	228.764
5º	O Dia	196.846
6º	Correio do Povo	181.560
7º	Zero Hora	176.696
8º	Diário de S. Paulo	81.143

¹³ Em 2004, o Jornal Extra ultrapassou a tiragem de O Estado de São Paulo, alcançando o terceiro lugar no ranking, segundo dados do IVC.

9º	Agora São Paulo	79.929
10º	Lance	78.140
11º	Estado de Minas	74.017
12º	Jornal do Brasil	72.469
13º	Jornal da Tarde	56.792
14º	Correio Braziliense	52.441
15º	Gazeta do Povo	47.808

Fonte: IVC. Média janeiro a dezembro 2003

A idéia não é fazer um estudo comparado entre esses jornais, o que eventualmente acontecerá em um tópico ou outro, mas sim compreender o que os jornalistas que atuam nesses veículos pensam sobre a questão e como isso se reflete na produção de textos cotidiana. O olhar dos jornalistas para o tema é de fundamental importância na medida em que não há isenção na produção mediática. Ao escolher uma fonte para entrevista, ou um determinado depoimento na hora da composição do texto, o repórter é parcial, faz um recorte sobre as possibilidades que lhe foram disponibilizadas.

O jornalismo é construído tendo como base as chamadas externalidades, sejam elas os fatos, as relações de poder, os contextos sociais, as decisões políticas, os interesses econômicos, as crenças religiosas, as concepções estéticas ou o interesse dos leitores. Na verdade, o jornalismo mostra e esconde o que convém por meio de estratégias discursivas.

O repórter, nesse sentido, não se contenta em retratar o que observa, mas dele extrai aquilo que mais possa interessar seu público, cedendo, portanto, a uma intencionalidade de sentido e a uma interpretação presumível. Na verdade, a própria escolha do fato a cobrir, a seleção das fontes, sua hierarquização e seu ordenamento orientam, de antemão, a natureza da informação contida na reportagem e o sentido que vai dela ser liberado (ELHAJJI, 2002, pág. 128)

Além da percepção dos jornalistas sobre o assunto meio ambiente, também serão levadas em consideração as condições de produção da notícia, que podem variar devido a fatores como quantidade de notícias diárias produzidas pelo repórter, editoria da qual faz parte (diária ou caderno semanal) ou cidade onde mora, por exemplo.

Para analisar os dados extraídos dos textos publicados e das entrevistas realizadas será utilizada a metodologia de análise de conteúdo, como descrito a seguir.

4.1 Opção metodológica: a análise de conteúdo

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 1979, pág. 38)

A análise de conteúdo tem sido uma das técnicas mais usadas para o tratamento de dados brutos de comunicações (sejam entrevistas, mensagens ou documentos em geral) nas ciências sociais, especialmente nas pesquisas qualitativas. Para que um pesquisador possa tratar os dados coletados em uma pesquisa é necessário lançar mão de procedimentos para sistematizar, categorizar e, assim, tornar possível sua análise.

Consolidada no livro *Análise de Conteúdo*, por Laurence Bardin, em 1977, a técnica que dá nome à publicação visa “obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (BARDIN, 1979, pág. 42).

São essencialmente duas as funções da análise de conteúdo, funções estas que podem coexistir de maneira complementar, segundo BARDIN (1979). Primeiramente tem uma função heurística, cujo objetivo é enriquecer a pesquisa exploratória, aumentando a propensão à descoberta e proporcionando o surgimento de hipóteses quando se examinam mensagens pouco exploradas anteriormente. A outra função é de administração da prova, ou seja, funciona como um teste para a verificação de hipóteses, apresentadas sob a forma de questões ou de afirmações provisórias.

BARDIN organiza a análise de conteúdo em três grandes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (a inferência e a interpretação). A pré-análise é a fase de organização do material, da escolha dos documentos que serão submetidos à análise, da formulação dos objetivos da pesquisa e dos indicadores que irão fundamentar a interpretação final.

Para BARDIN o analista deve começar com uma primeira leitura flutuante sobre o material, intuitiva, aberta a idéias, reflexões, hipóteses, mesmo que parcialmente organizada. O objetivo é levantar hipóteses ou objetivos provisórios. Num segundo momento devem-se escolher os documentos a serem analisados para a construção de um *corpus*, definindo critérios de inclusão e de não-seletividade. Parte-se, então, para a formulação de hipóteses ou dos objetivos e posteriormente para a referenciação dos índices

e elaboração de indicadores, ou seja, o recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e codificação para o registro de dados. No final, realiza-se a preparação do material: organização, transcrição ou formatação para determinado software (se for o caso). (BARDIN, 1979).

“O analista é como um arqueólogo”, afirma BARDIN (1979). Deve trabalhar os documentos como os seus vestígios, abrindo-se para a descoberta, para o que eles podem suscitar.

Mas os vestígios são a manifestação dos estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos (BARDIN, 1979, pág. 39)

Na fase de exploração do material é o momento da codificação, da enumeração dos temas, em função de regras previamente formuladas. Na última etapa, a de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, são feitas operações estatísticas, no caso de pesquisas quantitativas; seguindo para as inferências e interpretações em cima dos objetivos previstos, ou mesmo de descobertas inesperadas, tratamento dado tanto para as pesquisas quantitativas, como qualitativas.

Essa pesquisa foi realizada com dados originais, numa perspectiva de análise híbrida, que releva tanto aspectos quantitativos, quanto qualitativos. De acordo com BAUER (2003), “considerando que a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminam em algumas descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, esta é uma técnica híbrida, que contempla quantidade e qualidade”. Segundo a professora Ana Albuquerque Coimbra, através da pesquisa qualitativa são obtidos dados como opiniões, atitudes, sentimentos e expectativas, “itens que não podem ser quantificados por serem de pessoa para pessoa. O que se descobre é uma linha de conduta/opinião dos entrevistados”. (Cf. COIMBRA, 2005).

O objetivo das pesquisas nesta perspectiva não é responder a questões prévias ou testar hipóteses. As questões específicas sobre a problemática tematizada vão se reestruturando e reelaborando à medida que o trabalho de campo se desenvolve e as aproximações ao foco de investigação

ocorrem de forma a incorporar as variáveis emergentes. (COIMBRA, 2005, pág. 8)

As abordagens quantitativas visam a apresentação e a manipulação numérica de observações com vista à descrição e à explicação de algum fenômeno, sobre o qual recaem as observações. Já a análise qualitativa remete-se para um exame interpretativo das observações com vista à descoberta das explicações subjacentes e os modos de inter-relação. (Cf. COIMBRA, 2005)

O material básico da investigação qualitativa é a palavra que expressa o falar quotidiano, tanto ao nível das relações quanto ao nível dos discursos. No entanto, sociologicamente, a análise das palavras e das situações expressas por informantes personalizados não permanece nos significados individuais, mas nos significados compartilhados. Assim, ao entender-se a linguagem de um grupo social, pode-se prever as respostas deste grupo. (COIMBRA, 2005, pág. 6)

Tanto nas análises dos textos dos jornais, quanto nas dos depoimentos dos jornalistas, trabalha-se no campo da linguagem, seja ela escrita ou falada. É a linguagem do ponto de vista do emissor, em ambos os casos. Como afirma ELHAJJI, a linguagem é o único quadro sócio-simbólico o qual e pelo qual a realidade pode ser elaborada e configurada. “Isto não quer dizer apenas que a linguagem é indispensável para a representação do real, mas, antes, que toda apreensão do real passa necessariamente pelo filtro semântico e ideológico da linguagem”. (ELHAJJI, 2002, pág. 121).

Ora, se o texto, o discurso, a fala e a linguagem não nos trazem a realidade, mas sim a reconstroem em função dos quadros culturais e ideológicos que os constituem e dos quais são constitutiva, a pergunta que o profissional da comunicação e o estudioso das ciências sociais em geral devem se colocar é relativa à verdadeira função de toda a narrativa e seus aparatos discursivos e enunciativos. (ELHAJJI, 2002, pág. 122)

Diferente da análise de discurso, que busca descobrir o que está por trás da informação e identificar as relações de poder permeadas por mecanismos de dominação escondidos sob a linguagem, a análise de conteúdo pretende estabelecer uma relação entre as estruturas semânticas ou lingüísticas identificadas no texto e as psicológicas ou sociológicas dos enunciados, estabelecendo uma relação entre a superfície dos textos, descrita e analisada, e os fatores que determinaram estas características, deduzidos logicamente. (Cf. BARDIN, 1979).

Se o campo da produção jornalística já é demasiadamente complexo porque sofre

interferência de inúmeras variáveis, como abordado várias vezes neste trabalho, imagine o campo da recepção onde o leitor pode adicionar ao texto suas subjetividades, experiências vividas, conhecimento anterior sobre o tema, entre outros aspectos. Por isso, Bardin sugere que na técnica de análise de conteúdo não sejam consideradas as possibilidades de inferências sobre a recepção da mensagem, em casos como este.

O termo condições de produção é suficientemente vago para permitir possibilidades de inferência muito variadas: variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas ou culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou contexto de produção da mensagem. (BARDIN, 1979, pág. 40)

Ao submeter textos, ou outros tipos de manifestações (simbólicas, por exemplo), à metodologia de análise de conteúdo, o pesquisador pretende ir além do receptor normal: pretende compreender sim o sentido da comunicação, tal qual os leitores dos jornais, mas principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. (BARDIN, 1979, pág. 41).

A metodologia de análise de conteúdo apresentada por Bardin é composta por várias técnicas, que tem como objetivo promover a compreensão dos significados manifestos e latentes do material estudado (Cf. MINAYO, 1999). Elas podem ser usadas de forma isolada ou combinadas em uma pesquisa. São elas:

- a) **Análise temática ou categorial:** Consiste no desmembramento do texto em unidades (categorias), visando descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação. Preocupa-se com a frequência desses núcleos, sob a forma de dados segmentáveis e comparáveis e não com sua dinâmica e organização.
- b) **Análise de avaliação ou representacional:** Visa medir as atitudes do locutor quanto aos objetos de que ele fala (pessoas, coisas, acontecimentos) e fundamenta-se no fato de que a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza. A análise de avaliação atém-se à direção e à intensidade dos juízos, atendo-se, basicamente, à atitude, ou predisposição do emissor da mensagem para reagir sob a forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), em presença de objetos, de uma maneira determinada (Cf. BARDIN, 1979; MINAYO, 1999).
- c) **Análise da expressão:** é um conjunto de técnicas que trabalham indicadores (estrutura da narrativa) para atingir a inferência formal. A análise da expressão

parte do princípio de que há uma correspondência entre o tipo de discurso e as características do locutor e de seu meio. Existe a necessidade de se conhecer o autor da fala, sua situação social e dados culturais que o moldam para se partir para a análise (Cf. MINAYO, 1999).

d) **Análise das relações:** Busca extrair do texto as relações entre elementos da mensagem, completando a análise freqüencial simples, ou seja, procura a aparição associada de dois ou mais elementos no texto, atendo-se às relações que eles mantêm entre si. Pode ser subdivida entre dois subtipos. O primeiro é a análise de co-ocorrências, que visa a identificar a presença simultânea de elementos; o segundo subtipo consiste na análise estrutural, que procura a manifestação de uma mesma estrutura em fenômenos diversos. Os procedimentos adotados na análise estrutural partem da desestruturação do texto, a fim de explicá-lo, para, posteriormente, reconstruí-lo (Cf. BARDIN, 1979).

e) **Análise da enunciação:** diferencia-se das outras técnicas de análise de conteúdo porque se apóia na concepção da comunicação como um processo e funciona desviando-se das estruturas e dos elementos formais presentes no texto. De acordo com BARDIN (1979), deve seguir o seguinte roteiro: constituição do *corpus*, preparação do material e etapas de análise (alinhamento e dinâmica do discurso para encontrar a lógica inerente à estrutura da mensagem, análise do estilo e análise dos elementos atípicos e figuras de retórica). O confronto entre as etapas de análise percorridas deve permitir a compreensão do seu significado.

Esta pesquisa fará uso de duas dessas técnicas: a de análise temática ou categorial; e a de análise de avaliação ou representacional, por serem as que melhor se enquadram no objeto de estudo deste trabalho.

4.2 Estrutura da pesquisa

A Fase Exploratória da Pesquisa é tão importante que ela em si pode ser considerada uma Pesquisa Exploratória. Compreende a etapa da escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto e dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual, dos instrumentos de coleta de dados e da exploração do campo. (MINAYO, 1999, pág. 89)

Saber como está atualmente a cobertura da mídia para o tema meio ambiente foi a principal motivação desta pesquisa e foi o argumento que deu início à sua fase exploratória. É sabido entre aqueles que atuam na área da comunicação ambiental, e já foi comprovado por algumas pesquisas, que a Eco-92 foi um grande marco para incorporação do tema pela mídia. O evento suscitou a criação de vários cadernos especiais sobre ecologia, colunas específicas nos periódicos, e o assunto conseguiu um espaço como nunca tivera. Passados praticamente 13 anos do evento, a impressão que ficou entre os profissionais é que o tema nunca mais atingiu tamanha audiência e que os veículos de comunicação não oferecem, nos dias de hoje, o espaço devido ao assunto, sendo exceções os desastres ambientais. Ou melhor, há hoje uma consciência entre os jornalistas ambientais de que o meio ambiente conseguiu sim abrir um espaço nos veículos e se tornar assunto de pauta mundialmente, mas a abordagem dada ao assunto ainda é bastante superficial e equivocada.

Como afirma VILLAR (1997, pág. 2):

A imprensa brasileira dificilmente trata dos problemas ambientais com profundidade na pauta das discussões públicas. As exceções são fruto de um esforço pessoal e isolado. O meio ambiente é manchete e ganha espaço e tempo na cobertura diária quando acontecem desastres, ou quando os assuntos repercutem no exterior, como a morte de um ecologista famoso, as queimadas e os desmatamentos na Amazônia e na Mata Atlântica. A pauta ambiental ainda vem das agências internacionais.

Para comprovar esses pressupostos, foram escolhidos os três jornais de maior tiragem do país à época da pesquisa – Folha de São Paulo, O Globo e Estado de São Paulo – para uma análise sobre sua cobertura para o tema. A pesquisa trabalhou, essencialmente, com dois tipos de dados de campo para análise, sendo ambos de origem primária: textos publicados nos jornais e entrevistas telefônicas realizadas com jornalistas que atuam nesses periódicos.

Além da utilização dos dados primários, com o objetivo de enriquecer o trabalho e fornecer um embasamento teórico-conceitual foi realizada também uma revisão bibliográfica como referência. A pesquisa como um todo se estruturou, basicamente, em três fases: clipagem, entrevistas com os jornalistas e análise dos dados.

4.2.1 Fase da clipagem

Durante um mês, entre os dias 5 de abril e 5 de maio de 2004, foram recortados todos os registros publicados nesses jornais, que de alguma maneira citavam o tema meio ambiente, sob forma de diferentes gêneros: notícias, artigos, editoriais, nota, fotolegenda ou charge. O critério de clipagem dos textos foi o aparecimento de alguma oração que remetesse à questão ambiental, mesmo que este não fosse o assunto principal do texto. O que motivou este critério foi o fato de que muitas vezes a questão ambiental faz parte do contexto de determinada notícia, mas é relegada ao segundo plano pelo jornalista que cobriu o assunto e fez a reportagem. Na verdade, por ser uma temática transdisciplinar, meio ambiente é uma das variáveis na maioria dos assuntos que hoje são notícia nos jornais, mas por falta de uma visão holística e integrada dos jornalistas, acaba sendo deixada de lado.

Inicialmente levantou-se a possibilidade de fazer uma análise de tamanho de espaço ocupado pelas notícias ambientais nesses periódicos. Esse critério foi abandonado considerando que muitas vezes não é o tamanho de uma notícia que representa o impacto por ela causado. Uma nota numa coluna famosa pode render muito mais visibilidade que uma grande reportagem numa segunda-feira, por exemplo. Além disso, optou-se por dar ênfase à comparação das notícias publicadas com as entrevistas com os jornalistas, ou seja, priorizando o conteúdo e a abordagem, ao tamanho.

Dos 239 registros recortados no período, 188 possuem identificação de autor (sendo que deste número vários autores assinavam mais de um texto, há redundância de autores), entre eles repórteres dos jornais, *free lancers*, colunistas, especialistas que assinavam artigos (nacionais e internacionais) e correspondentes internacionais. A partir dessa referência foram selecionados como potenciais entrevistados 110 jornalistas que atuavam de forma regular nos veículos, sendo descartados os demais por não fazerem parte do grupo foco desta pesquisa e os correspondentes pela dificuldade para realização das entrevistas.

Nesta fase foram estabelecidos também os tópicos referenciais (indicadores iniciais) para análise dos registros selecionados, visando a utilização da técnica de análise temática ou categorial para todo o *corpus* de registros clipados, e a técnica de avaliação ou representacional para os registros produzidos pelos jornalistas entrevistados (Cf. BARDIN, 1979).

4.2.2. Fase das entrevistas

Durante o mês de agosto e início de setembro de 2004 foram realizadas as entrevistas com os jornalistas. Optou-se pela entrevista por telefone com o objetivo de obter respostas mais espontâneas. O questionário utilizado não era do conhecimento prévio do jornalista. Apesar de alguns jornalistas afirmarem preferir responder por e-mail, essa possibilidade não foi aberta para manter a integridade desse critério, considerado essencial.

Há que se ressaltar que a maioria das entrevistas foi realizada em ambiente de trabalho, ou seja, na redação do jornal, local normalmente conturbado. No entanto, esse é o espaço onde tais profissionais se concentram para produzir suas reportagens. Pressupõe-se, diante disso, que estão acostumados a se concentrarem mesmo com muito barulho ao redor. Talvez se as perguntas tivessem sido respondidas num ambiente calmo e tranquilo as repostas fossem diferentes. Mas intencionalmente deu-se preferência pelo local de trabalho. Os profissionais, entretanto, mostraram ter pressa em responder às questões. Apesar disso, as entrevistas tiveram uma média de duração de 40 minutos.

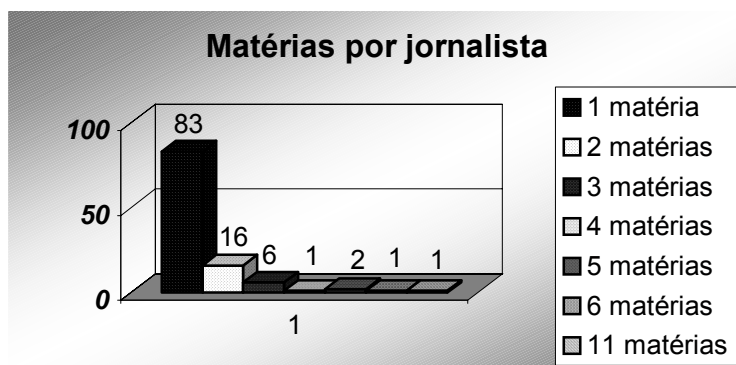
Para realização das entrevistas foi utilizado um questionário semi-estruturado (com perguntas subjetivas e objetivas), sendo composto por 40 questões (ver em anexo), além de alguns dados pessoais, organizado em três grandes blocos de perguntas: formação do jornalista, concepção de meio ambiente e processo de produção da notícia.

O primeiro bloco, formação do jornalista, buscou dados pra traçar o perfil dos entrevistados. O segundo bloco, concepção de meio ambiente, foi dividido em duas partes: uma subjetiva, buscando extrair dos jornalistas a concepção deles sobre as grandes questões ambientais atuais como ecologia, biodiversidade, transgênicos, mudanças climáticas, eco-92 e desenvolvimento sustentável, além de constatar se no nível pessoal esses profissionais já haviam tido alguma atuação em movimentos ambientalistas; outra

parte objetiva, com perguntas já utilizadas na série histórica de pesquisas “O que o brasileiro pensa sobre meio ambiente”, com o intuito de estabelecer um comparativo entre o que a população e os jornalistas pensam sobre o tema. O terceiro bloco foi dividido em três partes: a primeira teve por objetivo obter dados sobre o processo produtivo dentro do jornal; a segunda visou captar informações específicas sobre a notícia produzida pelo entrevistado, inserida na amostragem de notícias clipadas; a terceira buscou verificar a opinião do entrevistado sobre as notícias de meio ambiente em geral. Para testar o questionário, foi realizado um pré-teste com dois profissionais, o que gerou alguns ajustes finais no instrumento de pesquisa.

De um total de 110 potenciais entrevistados, 32 fizeram parte da amostragem da pesquisa, ou seja, 32% do universo total representativo selecionado. O critério de seleção foi, inicialmente, os jornalistas com maior quantidade de notícias publicadas no período. No entanto, 75% deste universo publicou apenas uma notícia no período (Gráfico 8), o que significa que a grande maioria das pautas ambientais param nas mãos de repórteres que não costumam escrever sobre o tema.

Gráfico 8 – Quantidade de notícias por jornalista



Diante desse fato, optou-se por um critério aleatório de escolha dos jornalistas levando-se em consideração as limitações da pesquisa, a saber:

- Foram excluídos os jornalistas que não moravam no Brasil, os correspondentes, pelo fato de não haver recursos para financiar ligações internacionais de 40 minutos de duração;
- Entre o período de clipagem dos textos (abril/maio) e a realização das entrevistas (agosto/setembro) o jornal Folha de São Paulo demitiu uma grande leva de profissionais, o que esvaziou bastante a amostragem potencial selecionada. Sem contar com os jornalistas que também saíram

dos outros periódicos, pois é importante ressaltar que estamos tratando de um campo de trabalho que possui grande rotatividade profissional;

- Alguns dos jornalistas inseridos na amostragem estavam de férias.

O percentual de 32% do universo total é considerado bastante significativo por se tratar de uma amostragem com características semelhantes: faixa etária média idêntica, profissionais com mesma formação acadêmica e que atuam em empresas de idênticos perfis, o que demonstra fazerem parte de um mesmo grupo social, com representações sociais idênticas. Como afirma MINAYO (1999, pág. 102), “a amostragem qualitativa privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer e considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares”.

4.2.3 Fase da análise

Tendo como ponto de partida o referencial teórico de análise de conteúdo apresentado por BARDIN (1979) no que ela chama de pré-análise, após o recorte dos jornais e realização das entrevistas ocorreu a organização e sistematização dos dados. Os textos dos jornais foram organizados em pastas e os indicadores para análise foram revistos, tendo como pano de fundo os objetivos previamente estabelecidos na pesquisa, a saber:

- Verificar que conteúdos relacionados ao meio ambiente têm sido veiculados em diferentes editorias, seja em formato de notícias, reportagens, artigos, editoriais ou notas;
- Verificar qual o argumento preponderante sobre a questão ambiental difundido nos jornais impressos em termos de argumentos econômicos, científicos, sociais, sócio-ambientais e ambientais utilizados;
- Verificar a concepção de meio ambiente para os jornalistas de mídia impressa e suas opiniões sobre assuntos correlatos;
- Analisar se a compreensão dos jornalistas sobre a questão ambiental reflete-se nas notícias produzidas pelos mesmos.

A partir de uma leitura inicial intuitiva, flutuante (BARDIN, 1979), houve um contato mais detalhado com o material de análise, com o objetivo de sistematizar alguns critérios e estabelecer o *corpus* da pesquisa. Os critérios de escolha dos documentos, conforme já apresentado, foram os textos publicados nos três jornais diários de maior

tiragem do país (à época da pesquisa) que em alguma de suas frases fazia uma referência sobre a questão ambiental. Por se tratar de documentos adequados aos objetivos da pesquisa, tanto os textos quanto as entrevistas enquadram-se perfeitamente nas regras de pertinência e de homogeneidade (BARDIN, 1979). Os textos tiveram critérios semelhantes de seleção e as entrevistas foram realizadas com uma amostragem de indivíduos do mesmo grupo social, apenas os jornalistas funcionários dos jornais estudados. Tendo como base a regra de exaustividade (não-seletividade), foram excluídos da pesquisa os jornalistas *free lancers*, bem como os correspondentes internacionais e os especialistas (não-jornalistas) que assinaram artigos sobre a temática no período.

Tanto os textos selecionados, quanto as entrevistas realizadas passaram por dois tipos de análise: temática e representacional, sendo que no caso dos textos dos jornais o *corpus* inteiro sofreu análise temática (mais objetiva), mas apenas os textos produzidos pelos jornalistas entrevistados (um total de 63, de um universo de 239 textos selecionados no período) passaram pela análise representacional (mais subjetiva), para que assim pudesse ter o mesmo padrão comparativo com as entrevistas, utilizando-se de pressupostos e indicadores semelhantes, atendendo à regra de representatividade. Nesta pesquisa, optou-se por não levantar hipóteses a respeito de cada tópico referencial levantado, se sim “deixar o texto falar” (BARDIN, 1979), ou seja, aguardar os resultados apresentados pela análise, de forma livre e exploratória.

Ainda nesta fase de pré-análise foram redefinidos e consolidados os indicadores, a partir de um recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de codificação para o registro de dados. Seguindo-se, então, para a categorização em si do material.

A) Análise temática (ou categorial)

Para a análise temática dos textos retirados dos jornais (aplicada nos 239 registros selecionados para a pesquisa) foram utilizados os seguintes indicadores:

Fluxo de notícias – Esse indicador teve como objetivo mensurar se no período houve algum assunto específico que tenha gerado uma quantidade maior de publicações nos jornais ou se foi um período de rotina.

Editoria – Esse indicador teve como objetivo verificar qual a editoria em que o texto foi publicado, com o intuito de observar se há uma editoria que concentre as notícias sobre a temática ou se o assunto é tratado de forma dispersa nos jornais.

Capa – A meta foi verificar se o texto recortado contou com uma chamada na capa do jornal, o que dá um valor diferenciado ao tema e atrai o leitor. Se determinada notícia é selecionada para a capa, entre uma avalanche outras que ocorrem diariamente, significa que o assunto chama a atenção e é interessante para o veículo colocá-lo numa posição de destaque. Outro objetivo dessa verificação foi ver qual a frequência com que o assunto meio ambiente é capa em cada periódico e quais os assuntos mais valorizados pelos veículos para merecerem capa.

Tipo de texto – Os registros foram categorizados em notícia, artigo, nota, editorial, fotolegenda e charge (ou cartum). Compreendendo que cada tipo de texto tem um valor diferenciado nos veículos impressos, o objetivo foi verificar qual a ocorrência de cada um deles.

Direta X indireta – Este indicador teve como objetivo verificar se o texto tratava diretamente a questão ambiental, ou seja, se era o assunto central do texto, ou se o tema apenas era citado em algum contexto específico.

Subtema – O objetivo foi verificar os temas ambientais de maior recorrência atualmente na mídia impressa. Nos textos, na maioria das vezes, houve ocorrência de mais de um subtema, mas o critério de classificação foi o de maior recorrência, ou seja, o subtema considerado o assunto principal do texto. Os subtemas foram categorizados nos seguintes itens:

- Acidente ambiental: desastres, vazamentos, derramamento de óleo;
- Amazônia: floresta amazônica em geral, análise da situação amazônica;
- Biossegurança: transgênicos;
- Conservação: áreas protegidas, conservação da biodiversidade: unidades de conservação, espécies em extinção, parques, áreas verdes urbanas, preservação de forma mais genérica;
- Consumo verde: mercado orgânico, produtos sustentáveis;
- Desmatamento: queimadas, índices de desmatamento;
- Ecoturismo: turismo ecológico, parques, programas ecológicos;
- Educação ambiental;
- Empresas e meio ambiente: marketing ambiental, marketing verde;
- Fontes de Energias: energia nuclear, fontes alternativas de energia;
- Fauna: proteção a animais, tráfico de animais, caça ilegal ;
- Florestas;
- Legislação ambiental: multas ambientais, licenciamento ambiental, fiscalização;
- Lixo: reciclagem, lixo industrial, dejetos industriais;
- Mudança climática: aquecimento global, efeito estufa, camada de ozônio;

- Pesquisa: biotecnologia, descobertas científicas, estudos recentes;
- Política ambiental: ministra do Meio Ambiente, Ibama, MMA, Agenda 21;
- Poluição: atmosférica, sonora, visual, nos mares, nas praias, industrial;
- Populações tradicionais: índio, cultura indígena, projetos com populações tradicionais.
- Projetos ambientais: iniciativas de sucesso;
- Recuperação ambiental: reflorestamento, recuperação de áreas degradadas;
- Recursos hídricos: mares, rios, água potável, esgoto, saneamento;
- Recursos pesqueiros: controle da pesca;
- Rio-92: Unctad, Eco-92;
- Zonas costeiras: oceanos, praias, manguezais, biomas costeiros;

Bioma – De acordo com o dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais (LIMA-E-SILVA et al, 2002, p.31), bioma é uma “categoria de habitat em uma determinada região do mundo como, por exemplo, a floresta pluvial da bacia amazônica, a Mata Atlântica e o Cerrado”. O objetivo deste indicador foi verificar se os biomas – classificação mais genérica do ambiental natural – aparecem na pauta da mídia ou não, e qual a frequência, considerando a última classificação apresentada pelo Ibama/IBGE: Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado, Caatinga e Zonas Costeiras. Como já citado nesse trabalho, durante a década de 80 houve uma ênfase muito grande na Amazônia, pelo fato desse bioma ser alvo de atenção internacionalmente (é a maior floresta tropical do mundo), e muitas reportagens foram feitas sobre o assunto. Este indicador também teve por objetivo verificar se o tema ainda é destaque na mídia. O critério de avaliação foi a ocorrência da palavra nos textos analisados.

Agenda – O poder público na área de meio ambiente trabalha essencialmente em cima de três grandes agendas: verde, marrom e azul. O objetivo deste indicador foi verificar qual a agenda tem obtido mais espaço na mídia e o que isso significa. Como critério classificatório foi utilizada a descrição de RIBEIRO (1998, pág. 150), descrita a seguir.

Agenda verde: inclui a preservação das matas e florestas, a criação e manutenção de parques e unidades de conservação, o controle do desmatamento, a proteção da biodiversidade, as questões de fauna e flora ameaçadas de extinção

Agenda azul: trata dos temas relacionados com a água, a proteção dos mananciais de abastecimento, o uso dos recursos hídricos para finalidades múltiplas, drenagem, controle de enchentes, regularização da vazão de rios e também qualidade da água.

Agenda marrom: cuida da prevenção e correção dos problemas de poluição e

degradação ambiental causados pelas ações humanas. As atividades minerárias, industriais, de infra-estrutura, de agropecuária e de empreendimentos florestais causam impactos sobre o ambiente natural e humano. Essa agenda cuida de reduzir e minimizar tais efeitos negativos e de garantir que a transformação do ambiente se faça com o mínimo de danos e perdas para a qualidade de vida.

É importante ressaltar, como indica RIBEIRO (1998) que há interfaces entre as agendas e que muitas vezes determinado assunto envolve mais de uma delas, quando, por exemplo, um empreendimento industrial que precisa de licença ambiental (marrom) doa uma área para se transformar em unidade de conservação (verde). No entanto, para critério de classificação, foi considerada apenas a agenda do principal assunto do texto.

Fonte – Para redigir uma reportagem os jornalistas entrevistam pessoas, ou consultam especialistas no assunto. Esses indivíduos são chamados de fontes no meio jornalístico. Muitas vezes, mesmo para escrever um artigo opinativo algumas fontes são consultadas. Geralmente no texto jornalístico são inseridos depoimentos dessas pessoas, o que indica qual a fonte consultada. Esse indicador teve como objetivo perceber quais são as fontes mais consultadas atualmente pelos jornalistas na produção de notícias ambientais. Para categorizar esse item foi utilizado como base a classificação de VIOLA (2001, pág. 135) tendo como premissa a idéia de ambientalismo como um movimento multissetorial complexo, defendida pelo autor, onde ele apresenta os agentes envolvidos na questão ambiental, a saber:

- Ambientalistas: participantes de associações ou grupos comunitários ambientalistas;
- Órgãos ou instituições públicas: poder executivo federal, estadual e municipal, administração direta e indireta, agências estatais de meio ambiente, poder judiciário e ministério público;
- Movimentos sociais e organizações não-governamentais: ONGs brasileiras e estrangeiras, sindicatos, organizações trabalhistas;
- Universidades: incluindo pesquisadores e cientistas;
- Empresas privadas: incluindo empresários;
- Políticos brasileiros;
- Religiosos: padres, monges, pastores, freiras ou qualquer outra pessoa vinculada a movimentos religiosos;

- Fontes internacionais: agências de notícias, imprensa, governo, políticos, pesquisadores e personalidades estrangeiras;
- Personalidades brasileiras: artistas, esportistas e pessoas de destaque na mídia;
- Sociedade civil em geral: educadores, profissionais liberais e autônomos, pessoas da sociedade em geral sem vínculos institucionais;

Factual X educativa – A idéia foi perceber se o texto tratava-se de uma notícia meramente factual ou se tinha um caráter educativo, trazendo algum conceito ou informação ambiental mais relevante em seu conteúdo.

Positiva X Negativa – Há uma certa unanimidade em torno da idéia de que a mídia adora tragédias, escândalos, desastres, sangue... Este indicador teve por objetivo verificar se o enfoque atual dado pela mídia para as notícias de meio ambiente também gira em torno de desastres e problemas ecológicos (incluindo escândalos políticos) ou se há alguma iniciativa no sentido de enfatizar experiências inovadoras, sucessos, projetos ambientais exemplares, notícias que de alguma forma traga uma informação positiva sobre o assunto.

No que diz respeito à análise das entrevistas realizadas com os jornalistas tanto o Bloco 1, que trata de estabelecer o perfil da amostragem, quanto a segunda parte do Bloco 2, que utiliza como referência a pesquisa “O que o brasileiro pensa sobre meio ambiente”, foram submetidos a uma análise temática (categorial).

Para identificar a formação do jornalista na área ambiental e interesse pelo assunto, foram utilizados os seguintes indicadores:

Capacitação ambiental – Fez algum tipo de capacitação na área ambiental? Qual? Gostaria de fazer?

Educação informal – Já participou de algum evento sobre o tema (seminário, simpósio, workshop etc...)? Lê regularmente, ou já leu, livros sobre meio ambiente? Destacaria algum (ns)? Lê ou consulta regularmente publicações ou sites especializados em meio ambiente? Quais?

Rede – Conhece a Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais (RBJA)? Caso positivo, faz parte?

Na segunda parte do Bloco 2, que se refere à concepção de meio ambiente, o objetivo foi comparar a resposta dos jornalistas às dos cidadãos comuns, utilizando a

pesquisa realizada pelo Iser, em parceria com o Ibope. Os indicadores apresentados são:

Problemas ambientais – Quais são os três maiores problemas ambientais da cidade, do Brasil e do planeta.

Disposição a colaborar – Estaria disposto a conviver com mais poluição se isso trouxesse mais emprego?

Concepção de meio ambiente – A preocupação com o meio ambiente no Brasil é exagerada? O Brasil tem uma natureza tão rica que não precisa controlar a exploração de seus recursos naturais como outros países? A natureza é sagrada e o homem não deve interferir nela? O crescimento econômico deve ter prioridade sobre o meio ambiente? Os países ricos são os principais responsáveis pela atual destruição da natureza?

B) Análise de avaliação ou representacional

Os textos redigidos pelos jornalistas que foram alvo de entrevistas foram submetidos à uma análise mais aprofundada, dentro dos critérios de análise de avaliação (ou representacional) apresentados por BARDIN (1979). Os 32 jornalistas entrevistados produziram, juntos, um total de 63 notícias.

Buscou-se nesses textos palavras (termos avaliativos) que dessem indícios sobre as concepções e idéias dos indicadores abaixo descritos, usando um esquema de classificação bipolar (certo/errado, é/não é, favorável/desfavorável, sim/não etc.). Nas entrevistas com os jornalistas também foram utilizados os mesmos indicadores deste tópico (entre outros) e posteriormente foi feita uma comparação entre os dados subtraídos dos textos e os das entrevistas, com o objetivo de verificar se o que os jornalistas pensam sobre essas questões se refletem nos textos por eles produzidos.

Vale frisar que nem todos os textos apresentaram indicadores para as questões definidas, até porque como os textos analisados foram todos jornalísticos (não entrou nessa amostragem os artigos assinados, por exemplo), fica mais difícil extrair de reportagens que se propõe à objetividade informações mais subjetivas.

Os indicadores utilizados nas notícias foram:

Concepção de meio ambiente e transversalidade – O meio ambiente é relatado como elementos da natureza (flora e fauna apenas) ou abordado de forma sistêmica, incluindo o homem e suas relações com a natureza? Os problemas ambientais têm relação com os problemas sociais e econômicos?

Antropocêntrico x biocêntrico – Como é apresentada a relação homem X

natureza? O homem como dominador da natureza (enfoque antropocêntrico), a natureza como um ser superior, intocável (enfoque biocêntrico/preservacionista), ou a possibilidade do homem utilizar a natureza de forma ordenada e manejada (conservacionismo)?

Geopolítica ambiental – O texto analisado faz alguma relação entre os eixos globais norte e sul? Traz à tona questões como a globalização, internacionalização da Amazônia ou neoliberalismo? De que forma trata essas questões? Faz menção (positiva ou negativa) à cooperação financeira de mecanismos internacionais para o meio ambiente e conflitos no âmbito internacional?

Global X local – As questões ambientais mundiais possuem dimensões regionais, que implicam em responsabilidades dos setores dirigentes do país e da sociedade nos problemas locais. Como as notícias enfocam a questão?

Nas entrevistas realizadas com os jornalistas, os dados resultantes do Bloco 2 (Concepção de meio ambiente – parte 1) e do Bloco 3 (processo de produção da notícia) foram submetidos à análise representacional.

Para os itens relacionados à concepção de meio ambiente foram utilizadas as seguintes categorias:

Conceito geral – Qual a concepção de meio ambiente e ecologia para o entrevistado. As questões ambientais ajudam ou atrapalham o desenvolvimento do Brasil?

Transversalidade – Há alguma relação entre meio ambiente e política? E entre meio ambiente e economia?

Subtemas – O indicador teve como objetivo verificar o entendimento dos entrevistados sobre temas ambientais mais recorrentes na mídia como desenvolvimento sustentável, transgênicos, biodiversidade, aquecimento global, Eco-92 e Agenda 21.

Disposição à colaboração – A idéia foi saber se no nível pessoal há (ou houve) envolvimento do jornalista com a temática, por meio da participação em movimentos ambientais (ong, campanha etc.).

O item sobre o processo de produção da notícia buscou verificar como ocorre, no dia-a-dia desses profissionais, a produção de notícias. Se eles fazem uso de instrumentos de pesquisa e quais os mais utilizados, quanto tempo levam para produzir um texto, quantas pautas são destinadas a eles semanalmente, aspectos que podem interferir de alguma forma

na qualidade do que é publicado.

No tópico seguinte a pesquisa verificou qual foi o caminho percorrido pelas notícias produzidas por esses jornalistas, inseridas na amostragem da pesquisa. Como surgiu a pauta, quem fez o título, se houve modificação por parte do editor, foram alguns dos indicadores levantados.

Por último, a pesquisa buscou a opinião desses profissionais sobre as notícias ambientais em geral, usando como referências os tipos de assunto que eles acham mais pertinentes serem publicados, se o tema deveria ter uma editoria específica e quais são as melhores fontes para o assunto.

4.3 Universo de amostragem

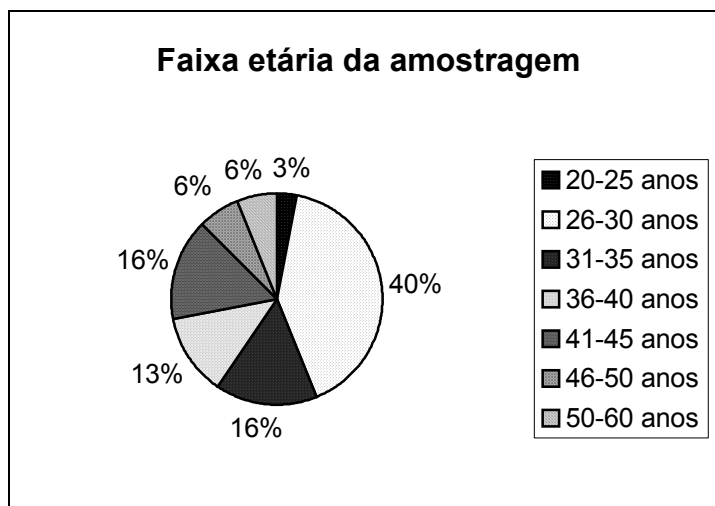
Numa abordagem quantitativa, definida a população, busca-se um critério de representatividade numérica que possibilite a generalização dos conceitos teóricos que se quer testar. Numa busca qualitativa, preocupa-nos menos a generalização e mais o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação
(MINAYO, 1999, pág. 102)

Conforme já apresentado, essa pesquisa contou com dois tipos de materiais de origem primária: textos publicados nos jornais objetos do estudo, durante um período de um mês e entrevistas com jornalistas que atuam nesses veículos. O objetivo principal da escolha desses dois tipos de dados foi a confrontação de indicadores para verificar se o que os jornalistas pensam sobre a questão ambiental de alguma forma se reflete em sua produção.

A amostragem escolhida para participar da pesquisa constituiu-se de jornalistas que tiveram notícias publicadas no período da pesquisa (de 5 de abril a 5 de maio de 2004). De um universo de 110 jornalistas, 32 foram entrevistados. A escolha dos jornalistas foi aleatória, não privilegiando aqueles especialistas no tema, mas propositalmente envolvendo profissionais que por acaso tiveram em suas mãos uma pauta ambiental para cobrir. O que motivou essa escolha foi o fato de que dos 110 jornalistas identificados no período, 83 redigiu apenas uma notícia no período de um mês, 16 redigiu duas, 6 produziu três, um escreveu 4, dois 5 notícias, um redigiu 6 e apenas um (um caso excepcional que será trabalhado isoladamente) foi responsável por 11 notícias.

Em relação ao perfil dos entrevistados, 56% são do sexo feminino e 44% do masculino, o que representa uma mostra balanceada neste quesito. No que diz respeito à faixa etária, mais da metade tem entre 26 e 35 anos (56%), significando uma geração de jornalistas jovens na redação. No total, 72% dos entrevistados têm menos de 40 anos de idade (Gráfico 9).

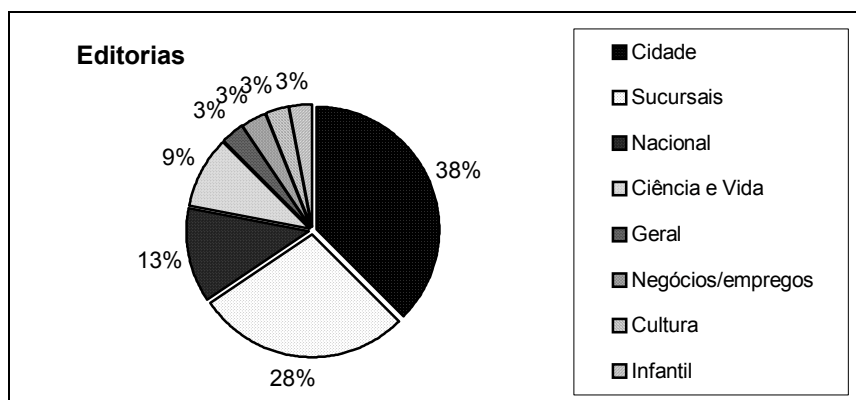
Gráfico 9 – Perfil – faixa etária



No que diz respeito à divisão da amostragem entre os jornais, 44% são de O Globo, 28% do Estado de São Paulo e também 28% da folha de São Paulo. Como a escolha da amostragem foi aleatória, houve maior disponibilidade dos profissionais do jornal carioca na hora do agendamento das entrevistas, o que gerou um percentual maior para este periódico. Do universo de 110 jornalistas, 47 foram contatados e, destes, apenas dois se recusaram a participar da pesquisa.

Na divisão dos jornalistas entrevistados entre as editorias, 66% estão concentrados nas editorias Cidade e Geral, 13% na Nacional, 9% na de Ciência e 12% nas demais (negócios, cultura, infantil e sucursais) (Gráfico 10). O que demonstra que a pauta ambiental geralmente é classificada como um assunto de cidade e geral. Diferentemente do que pensa, não há um monopólio de notícias sobre meio ambiente pelos jornalistas que cobrem Ciência. Esta editoria abrigou apenas 9% os profissionais entrevistados.

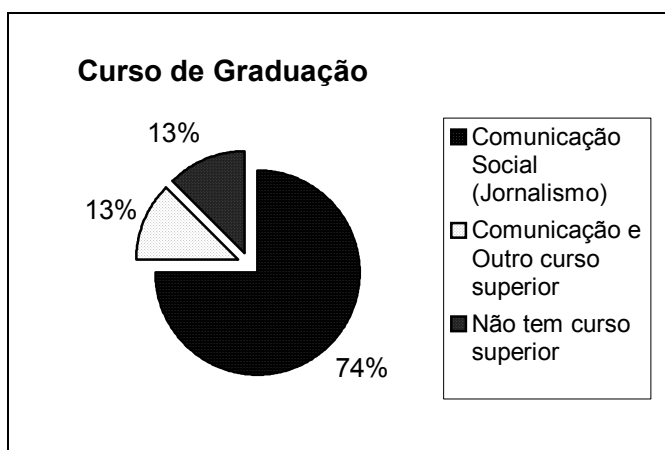
Gráfico 10 - Editorias



Em relação à cidade onde atuam esses profissionais, 14 deles moram no Rio de Janeiro (a maioria do Jornal O Globo), 9 em São Paulo, 5 em Brasília e 4 em outras cidades (Belo Horizonte, Belém, Porto Velho e Salvador), por trabalharem nas sucursais.

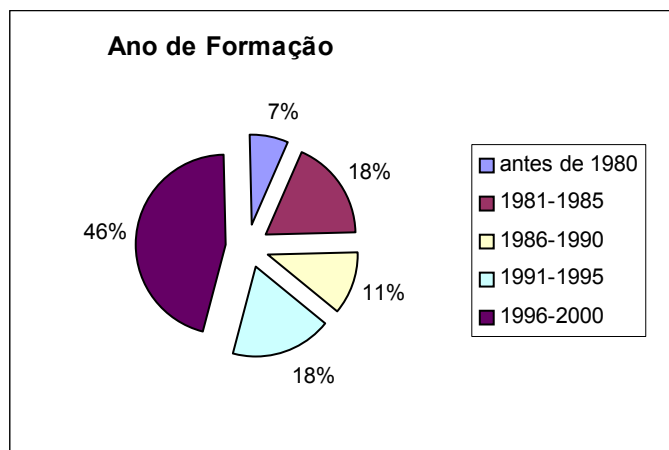
Quanto à formação acadêmica da amostragem dessa pesquisa, a grande maioria concluiu o curso de graduação em Comunicação Social (87%), sendo que do total 13% possuíam dois cursos de graduação (Comunicação Social e outro curso) e 13% não possuíam curso algum de graduação (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Curso de graduação



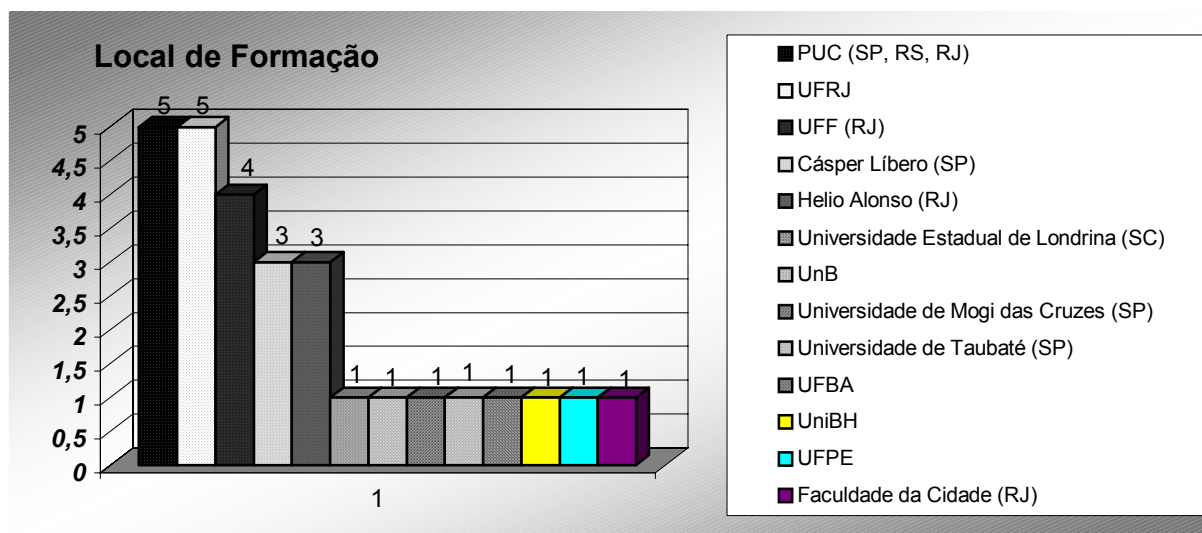
Quanto ao ano de formação, do total de formados 64% concluíram a faculdade entre 1991 e 2000 (Gráfico 12). Ou seja, trata-se de uma amostragem com profissionais relativamente jovens, sendo quase a metade formada há menos de 8 anos. Não há, entretanto, nenhum recém-formado (com menos de três anos) participando dessa pesquisa. Entre os jornais, o Estado de São Paulo é o que apresentou o maior número de jornalistas formados após 1996 (56%).

Gráfico 12 – Ano de formação



Quando constatamos o local de formação desses jornalistas, verificamos que há um balanceamento entre os oriundos de instituições públicas (46%) e privadas (54%), sendo que a segunda atinge um percentual um pouco maior (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Local de formação da amostragem

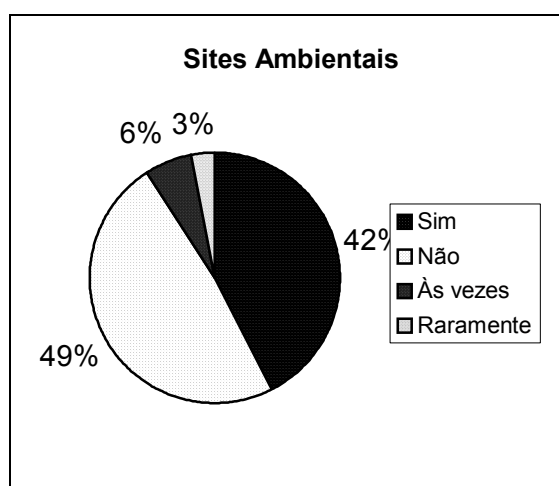


Do total de formados, exatamente a metade já fez algum tipo de pós-graduação ou capacitação profissional após a faculdade nas áreas de produção de texto, Língua Portuguesa, extensão em jornalismo, economia, contas públicas, história contemporânea e direito para jornalistas. Na área ambiental, apenas 9% realizaram algum curso. Entre os que fizeram pós-graduação (22% do total de entrevistados), 5 fizeram cursos de pós *lato sensu* (Marketing, Comunicação Jornalística, Políticas Públicas, Literatura e Segurança Pública) e 2 *stricto sensu* (mestrado em Geografia e em Ciência Ambiental). Quando

perguntados se gostariam de fazer alguma capacitação na área ambiental, 54% responderam que não e 46% que sim, o que demonstra que há um interesse pela área por parte dos jornalistas.

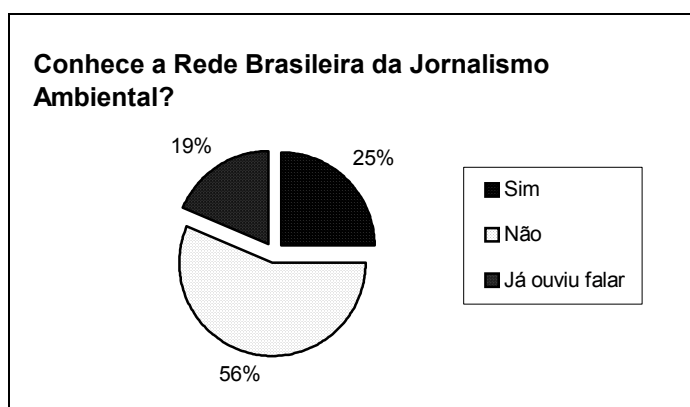
Quando tratamos de aspectos de educação informal sobre o tema, 75% afirmaram ter participado de algum evento na área ambiental, na maioria das vezes a trabalho, cobrindo o evento. Em relação à leitura, 44% afirmou já ter lido algum livro da área ambiental. No entanto, a grande maioria não soube citar o título do livro. Quando questionados se costumam consultar sites ambientais, 49% afirmaram que não (Gráfico 14).

Gráfico 14 – consultas a sites ambientais



Sobre a participação desses profissionais na Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, que funciona virtualmente através de uma lista de discussão na Internet, promovendo a discussão sobre o assunto e a troca de experiência e informações entre seus membros, apenas um afirmou fazer parte da rede. Do total da amostragem, 56% nunca ouviu falar da rede, 19% já ouviu falar e 25% afirmou ter conhecimento sobre ela (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Conhece a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental?



Os resultados relativos ao perfil dos entrevistados demonstraram que a pesquisa lidou com um público que possui um bom nível de educação formal (metade já fez cursos após a faculdade), não são jovens demais (a grande maioria tem mais de 25 anos) e contam com um tempo de atuação na área considerável (não há recém-formados), o que são bons indicadores iniciais para apostarmos na qualidade da produção desses profissionais. Por outro lado, relativamente à formação ambiental, os dados não são muito animadores. Pouquíssimos fizeram algum tipo de capacitação na área ou participam da Rede de Jornalistas Ambientais.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Antes de partirmos para o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, última fase da pesquisa segundo a técnica de análise de conteúdo, vale a pena ressaltar algumas balizas dentro das quais se processa o conhecimento, a partir de uma perspectiva dialética, abordada por MINAYO. (1999, pág. 89)

Segundo ela, é importante destacar o caráter aproximado do conhecimento, ou seja, “a construção que se faz a partir de outros conhecimentos sobre os quais se exercita a apreensão, a crítica e a dúvida” (MINAYO, 1999, pág. 89). Ou seja, como em outras pesquisas, esta partiu de um conhecimento já existente para, em cima dele, levantar novas questões e abordagens sobre a relação comunicação e meio ambiente.

A segunda baliza apresentada por MINAYO (1999) é o caráter de inacessibilidade do objeto. “A idéia que fazemos dos fatos são sempre mais imprecisas, mais parciais, mais imperfeitas que ele”, afirma. Assim como os jornalistas nunca conseguirão a objetividade completa ao redigir seus textos, o pesquisador também não alcançará isenção total ao realizar uma pesquisa. Por mais que busque a imparcialidade, não conseguirá se livrar de conceitos pré-estabelecidos, experiências vividas, visão de mundo, nunca conseguirá descrever o objeto em si, como ele é. O objeto sempre será uma representação por parte daquele que o estuda. Toda a construção de um estudo é parcial, desde a escolha do tema, à definição de indicadores, inferências e a própria interpretação.

O terceiro ponto fundamental no processo de construção de conhecimento, para MINAYO (1999), é a vinculação entre o pensamento e a ação.

Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática. Isto quer dizer que a escolha de um tema não emerge espontaneamente, da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo. Surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 1999, pág. 90)

A questão levantada por essa pesquisa, por exemplo, não teria legitimidade se a questão ambiental não fosse, nos dias de hoje, uma das grandes inquietações da humanidade, especialmente quando se pensa no futuro das gerações. E ainda, se não fosse a mídia responsável pela formação de opiniões e influenciadora de instâncias decisórias da sociedade.

O último ponto levantado por MINAYO (1999, pág. 90) “ênfatiza o caráter originalmente interessado do conhecimento, ao mesmo tempo que sua relativa autonomia”. Ou seja, o olhar sobre o objeto está condicionado historicamente pela posição social do cientista e pelas correntes de pensamento em conflito na sociedade (LOWY, 1985, pág. 15 citado por MINAYO, 1999, pág. 90). Significa que as questões levantadas por essa pesquisa só puderam ser percebidas e apontadas nesse trabalho pelo fato de estarem inseridas na experiência e campo de atuação profissional da autora, que pretende, com isso, contribuir para a melhoria do entendimento sobre a questão.

Essas reflexões serviram como base para o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação que serão apresentados a seguir.

5.1 Análise categorial (resultados quantitativos)

Fazer uma análise temática (categorial) consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. (...). Qualitativamente a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso. (MINAYO, 1999, pág.209)

Na análise categorial (temática) foram feitas operações estatísticas simples (percentuais), a partir do recorte do texto em unidades de registro que, segundo MINAYO (1999), podem ser uma palavra, uma frase, um tema, um personagem, um acontecimento tal como estabelecido na pré-análise. Com esses dados, propõem-se inferências e interpretações em cima dos objetivos previstos, ou mesmo de descobertas inesperadas (BARDIN, 1979).

5.1.1 Dos jornais

Os 239 textos recortados dos jornais no período da pesquisa foram publicados em determinadas seções dos jornais, sendo 42% publicados no Estado de São Paulo, 30% em O Globo e 28% na Folha. Do montante total, quase 70% ficou concentrada nas editorias Cidade, Geral, Opinião e Ciência (Gráfico 16), sendo que só a editoria Cidade abrigou 34% de todo o material selecionado. Isso demonstra que a questão ambiental se torna notícia para a mídia em seus aspectos mais locais, no que diz respeito aos problemas ecológicos das cidades, dos bairros. Percebe-se que especialmente os problemas ambientais

urbanos foram alvo da mídia nesse período, em assuntos como poluição do ar, enchentes, lixo, entre outros.

Quando analisamos os jornais separadamente, há diferenças significativas entre as editorias que dão destaque ao assunto meio ambiente (Gráfico 17). No Globo, por exemplo, a seção Rio (referente à Cidade) concentra em disparado as notícias de meio ambiente, enquanto que no Estado de São Paulo o caderno Geral (que não existe nos outros dois jornais da pesquisa) é quem mais pauta as questões ambientais. Na Folha a cobertura do tema fica na seção Cidade, seguido por Ciência. É interessante notar que o Estado de São Paulo não incluiu na seção Ciência um texto sequer sobre meio ambiente neste período. Por outro lado, possui uma subseção chamada Ambiente, localizada dentro da Geral, onde abriga a maior parte dos textos alvo desta pesquisa. Este jornal também teve significativo número de registros ambientais publicadas nos cadernos Viagem e na seção Opinião (composta por artigos assinados e por editoriais).

Gráfico 16 – Textos por editoria

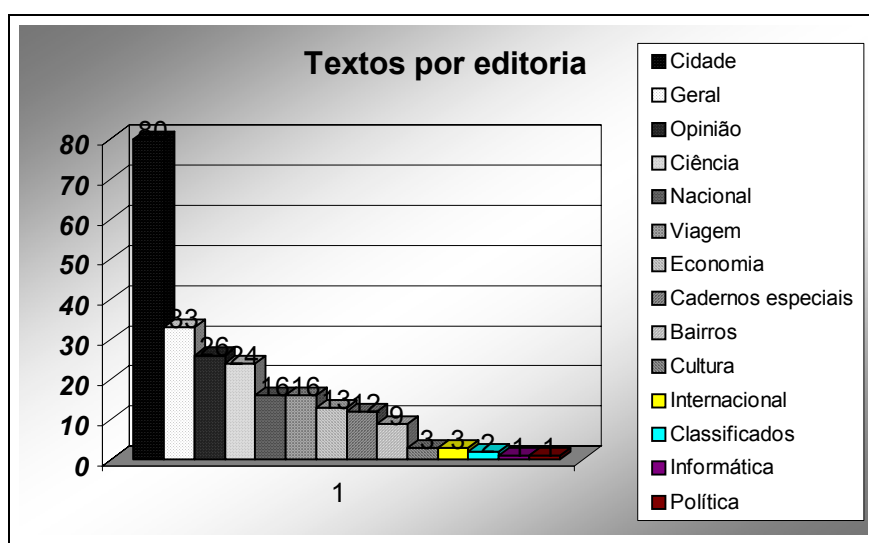
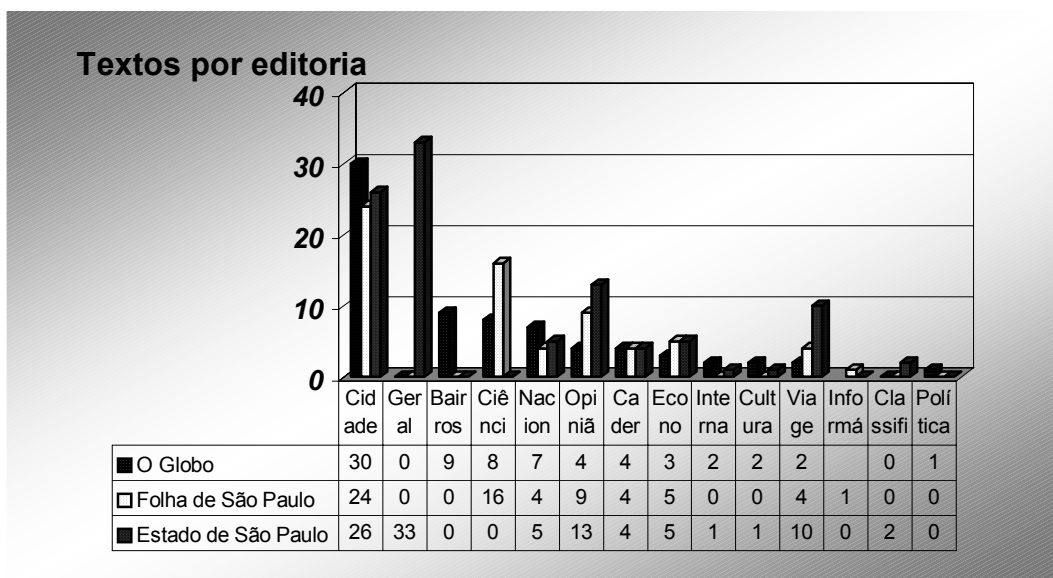


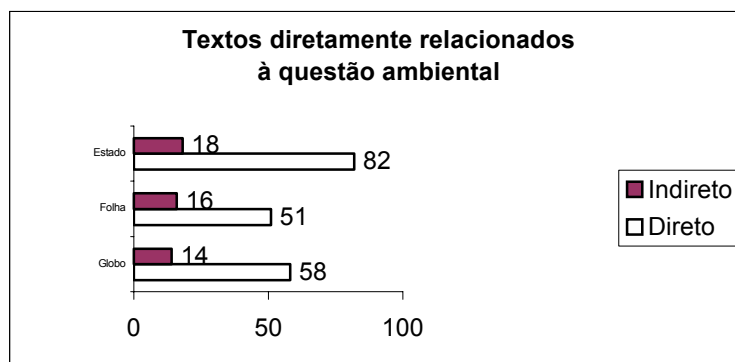
Gráfico 17 – Textos por editoria – por jornais



O jornal Estado de São Paulo foi o que mais publicou no período, perfazendo 42% do total. Isso se justifica porque o veículo tem um histórico voltado para o tema, com uma forte editoria de Ciência e Meio Ambiente na Agência Estado, que foi coordenada por muitos anos pela jornalista Liana John, que no ano passado deixou o jornal para editar a revista Terra da Gente. O site desta editoria da Agência Estado é referência entre os ambientalistas. Além disso, o Estado conta com a forte colaboração do jornalista Washington Novaes, um dos profissionais de comunicação mais reconhecidos e com uma trajetória importante na área de meio ambiente. Não por acaso o jornal foi o que mais deu capa para o tema, no período (6 chamadas de capa, contra 5 da Folha de São Paulo e 3 de O Globo), e foi o que mais publicou editoriais sobre o tema (7 editoriais, contra 2 da Folha e nenhum de O Globo).

Em relação ao texto ser diretamente relacionado à questão ambiental ou não, dos 239 publicados no período, 191 diziam respeito a temas ambientais, ou seja, 80% deles tiveram como tema central algum assunto da área de meio ambiente, se encaixando perfeitamente no critério de representatividade da técnica de análise de conteúdo (Gráfico 18).

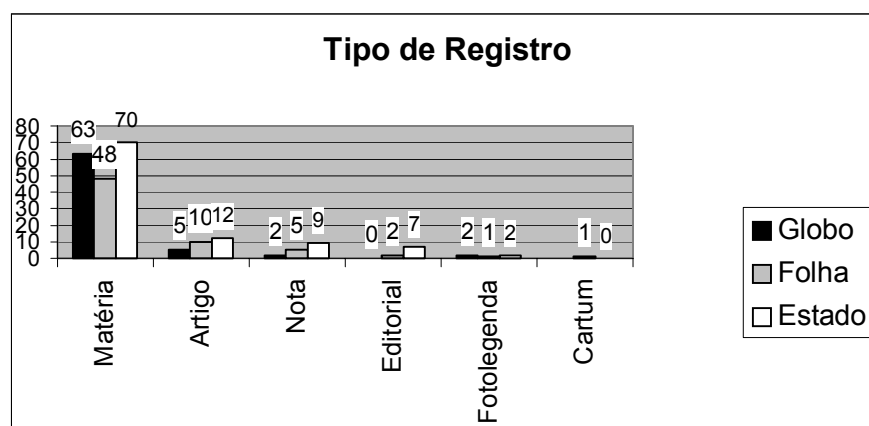
Gráfico 18 – Textos diretamente relacionados à questão ambiental



Tipo de registro

Quanto ao tipo de registro, os textos foram classificados em notícia, artigo, nota, editorial, fotolegenda e *cartum* (ou charge). A grande maioria dos registros (76%) são notícias (reportagens) noticiosas produzidas por jornalistas (Gráfico 19). Isso indica que aqueles que quiserem pautar a mídia com assuntos de meio ambiente devem tentar sensibilizar os jornalistas para a causa, porque a maior parte do que é publicado é produzido por eles.

Gráfico 19 – Tipo de registro



Temáticas abordadas

Sobre as temáticas mais abordadas no período, os cinco assuntos que mereceram maior destaque foram conservação, recursos hídricos, fauna, ecoturismo e biossegurança, totalizando 133 textos, dos 239 da amostra (ou seja, 56%) (Tabela 3). É interessante notar que assuntos como Amazônia ou Mudanças Climáticas, que já tiveram seu auge de cobertura nos veículos de comunicação, hoje permanecem numa posição secundária.

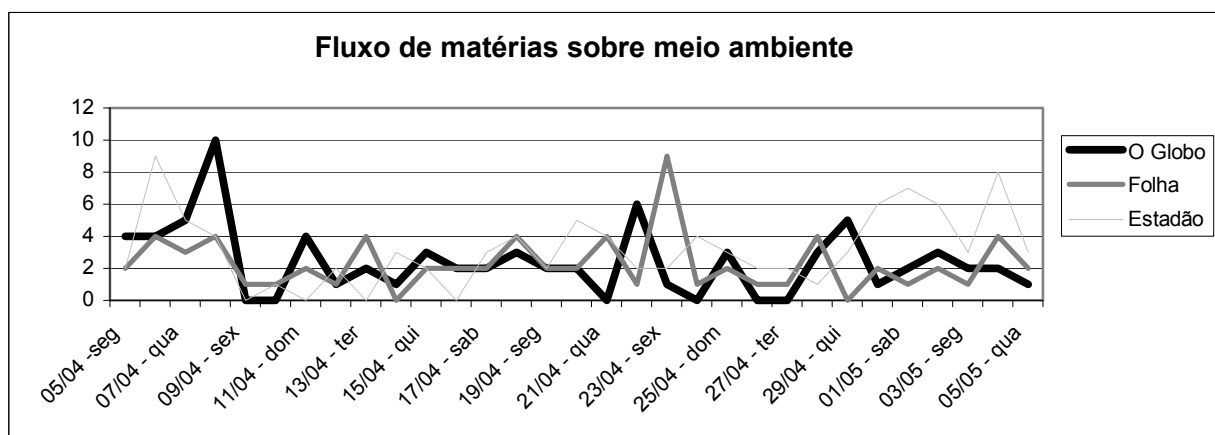
É claro que não se pode esquecer que a mídia gira em torno de grandes acontecimentos, de espetáculos. No período pesquisado não houve nenhum

acontecimento que mobilizasse uma atenção maior da imprensa para um determinado tema ambiental, como pode ser observado no Gráfico 21, que mostra o fluxo de textos publicados sobre meio ambiente no período. Há uma certa regularidade entre os jornais, o que demonstra que o período em questão foi um período padrão, típico, sem acontecimentos extras.

Tabela 3 – Temáticas abordadas

Assunto	Quantidade de textos
Conservação	32
Recursos hídricos	29
Fauna	27
Ecoturismo	23
Biossegurança	22
Desmatamento	15
Mudanças climáticas	14
Fontes de energia	12
Legislação ambiental	8
Lixo	8
Política ambiental	7
Amazônia	6
Poluição	6
Populações tradicionais	6
Recursos pesqueiros	5
Pesquisa	4
Recuperação ambiental	4
Consumo verde	3
Florestas	3
Educação ambiental	2
Empresas e meio ambiente	2
Acidente ecológico	1

Gráfico 20 – Fluxo de notícias sobre meio ambiente



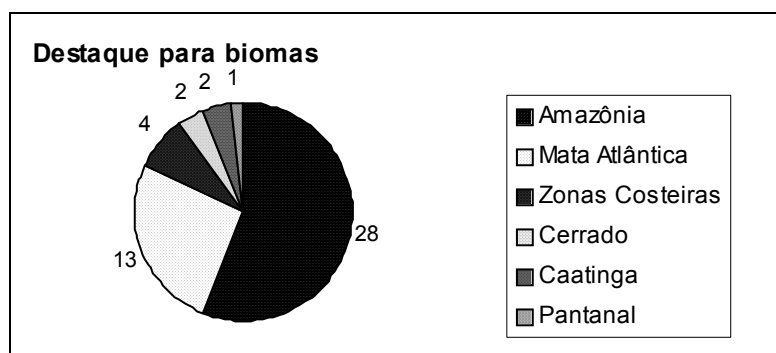
O tema biossegurança tem ocupado espaço na mídia por conta da questão dos

alimentos geneticamente modificados (OGMs), também conhecidos como transgênicos, principalmente depois das sucessivas liberações de safras de soja transgênicas no Rio Grande do Sul, autorizadas pelo governo Lula, o que deixou os ambientalistas bastante decepcionados com a política ambiental.

Outra categoria utilizada na análise temática dos jornais foi o bioma, por entender que eles podem se tornar grandes palavras-chaves para a conservação da natureza. A idéia foi verificar quais os biomas brasileiros que mais aparecem na mídia. A Amazônia já teve grande repercussão na imprensa (até porque existem vários movimentos e instituições que atuam em defesa da Amazônia), assim como a Mata Atlântica. Mas será que ainda mantém espaço cativo? E os outros biomas, tão ou mais ameaçados que estes, também são alvo dos veículos de comunicação? A pesquisa mostrou que 79% dos textos da amostra não citam bioma algum. O que demonstra que não são os biomas os principais “ganchos” para as notícias ou artigos. Entre os 21% que citam um dos biomas nacionais, 56% tratam da Amazônia, 26% da Mata Atlântica e 18% ou outros (Zonas Costeiras, Cerrado, Caatinga e Pantanal). (Gráfico 22)

Algumas hipóteses podem ser levantadas para compreender este resultado. A Amazônia e a Mata Atlântica são os biomas que mais recebem recursos para sua conservação, logo, são os que mais têm projetos dedicados a eles e os que mais divulgam suas ações. Os outros biomas, especialmente o Cerrado e a Caatinga, são ainda desconhecidos do grande público e passam uma imagem (reforçada pela mídia) de locais inóspitos, secos, que não contam com biodiversidade, logo, que não merecem serem preservados. Sem contar com o fato de que as sedes dos jornais objeto de estudo desse trabalho localizam-se em áreas de Mata Atlântica, o que pode gerar uma simpatia maior para o bioma devido à proximidade, lembrando que o maior número de notícias publicadas está na editoria Cidade.

Gráfico 21 – Destaque para os biomas

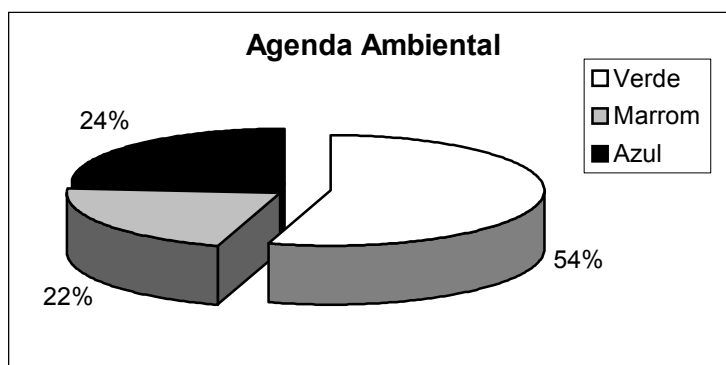


Agendas ambientais

As políticas ambientais são direcionadas a partir de três grandes agendas: a verde, que trata da questão das florestas, áreas protegidas, fauna e flora e temas correlatos; a azul que trata das águas, saneamento, enchentes entre outros temas; e a marrom, que trata da questão dos resíduos, da poluição, dos temas ambientais mais ligados ao desenvolvimento industrial e urbano. Pela importância dessas agendas, a pesquisa verificou quais as agendas que mais são alvo da mídia impressa. Os dados mostraram que 62% dos textos selecionados na amostra tratam diretamente de uma das três agendas e que 38% não tem relação direta com nenhuma delas. O critério para avaliar qual o tipo de agenda da qual tratava-se o material foi a partir da temática principal do texto.

Dentre os registros que citam alguma das agendas, 54% diz respeito à agenda verde, enquanto que 24% a agenda azul e 22% a marrom (Gráfico 23). Isso demonstra que para a imprensa meio ambiente ainda é relacionado à fauna e flora, ou seja, meio ambiente tem mais afinidade com florestas e preservação de áreas protegidas do que com as temáticas urbanas da agenda marrom, por exemplo, como esgoto, saneamento e enchentes, ou a questão de abastecimento, um dos pontos da agenda azul.

Gráfico 22 – Agenda ambiental



Fontes de informação

Alberto Dines, em entrevista ao professor Jose A. Argolo (ARGOLO, 2002, pág. 16) afirmava que “o jornalismo brasileiro – sobretudo o que ocupa posição de destaque – geralmente deixa-se amarrar às fontes”. Como as fontes definem, na verdade, a essência do conteúdo das notícias jornalísticas, saber escolhê-las, ou melhor, ter fontes confiáveis e idôneas é fundamental para os jornalistas, principalmente em se tratando de um jornalismo especializado. E para aqueles que pretendem influenciar a produção jornalística, tornar-se uma fonte pode ser uma das maneiras mais garantidas para atingir

esse objetivo. Diante disso, essa pesquisa buscou verificar quais os tipos de fontes de informação mais consultadas para as notícias de meio ambiente.

Para verificar esse indicador, usou-se como critério a identificação dos depoimentos que geralmente compõem os textos publicados nos jornais, principalmente as notícias. É importante lembrar que um texto jornalístico muitas vezes conta com mais de um tipo de fonte de informação, por isso foi necessário mapear todas elas. Não raro um único texto possuía três ou quatro fontes mapeadas.

Do total de 239 registros, em 12% deles não foi possível identificar a fonte ou não havia mesmo uma fonte, como é o caso dos artigos de opinião ou editoriais. As fontes de informação mais consultadas segundo os resultados da pesquisa são os órgãos ou instituições públicas (32%). Em seguida, aparecem empatados com 11%, a sociedade civil, os movimentos sociais e ONGs, as empresas privadas e os políticos brasileiros. As universidades, que no caso das pautas ambientais poderiam ser excelentes fontes de consulta, aparecem em 8% do total de referências e os ambientalistas em apenas 1%. (Tabela 4).

Tabela 4 – Fontes de informação

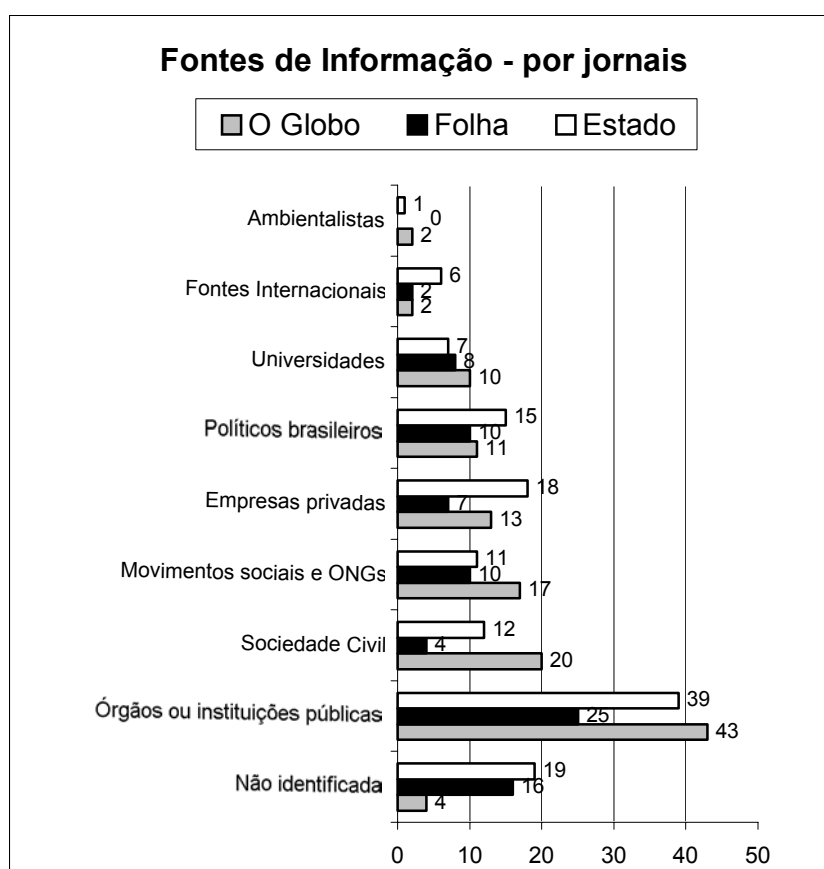
Fontes de Informação	Percentual
Não identificadas	12%
Órgãos ou instituições públicas	32%
Sociedade civil	11%
Movimentos sociais e ONGs	11%
Empresas privadas	11%
Políticos Brasileiros	11%
Universidades	8%
Fontes internacionais	3%
Ambientalistas	1%

Quando partimos para a análise individual dos jornais, há resultados bastante distintos. No jornal O Globo, por exemplo, apenas 3% das fontes não foram identificadas, enquanto na folha esse percentual sobe para 20% e no Estado de São Paulo 15%. Esse número, entretanto, é reflexo do baixo número de artigos publicados em O Globo, onde, também, nenhum editorial sobre o tema foi produzido no período clipado. Nos três jornais as fontes de informação mais consultadas são os órgãos ou instituições públicas, em disparado na frente das outras fontes. Enquanto que na Folha e no Estado de

São Paulo aparecem em segundo lugar os movimentos sociais e as Ongs (14% e 12% respectivamente), no Globo a segunda fonte mais consultada é a sociedade civil (16%), mostrando que uma das características das notícias produzidas no jornal é a consulta à população. Na folha o percentual para a sociedade civil é de 5% apenas.

O periódico que mais utiliza as universidades como referência para informação é a Folha de São Paulo (10%), seguido de O Globo (8%) e do Estadão (5%). Dentre os periódicos estudados, o que dá mais destaque para as empresas é o Estado de São Paulo (14%), em segundo aparece O Globo (11%) e por último a Folha (9%).

Gráfico 23 – Fontes de informação – por jornais



A diferença entre os periódicos no que diz respeito a fontes de informação demonstra que esse aspecto varia muito de veículo para veículo e vários fatores contribuem para esse panorama. Como a maioria das notícias ambientais é motivada por interesse do próprio jornalista – pois os jornais não possuem uma política institucional para a questão como será comprovado na análise representacional, em capítulo posterior –, a escolha da fonte acaba se tornando um aspecto quase que de ordem pessoal dos profissionais.

O caráter educativo

Uma das características apontadas no jornalismo ambiental é o seu caráter educativo. Para além de apenas noticiar, esse tipo de jornalismo deveria trazer informações um pouco mais aprofundadas sobre as temáticas ambientais, com o objetivo de sensibilizar a sociedade para uma mudança de atitude.

A carta aprovada durante o Green Press, evento oficial da Eco-92 que reuniu profissionais de comunicação para discutir o tema, trata dessa questão. Um dos princípios éticos citados no documento diz que “são deveres da imprensa informar sobre as práticas lesivas ao meio ambiente, alertar quanto aos seus efeitos sobre os ecossistemas e contribuir para a educação da sociedade”. Segundo o jornalista ambiental e ecologista Vilmar Berna:

A educação ambiental deve contribuir principalmente para o exercício da cidadania, para estimular a ação transformadora. Além de aprofundar o conhecimento sobre as questões ambientais e as melhores tecnologias, deve estimular a mudança de conduta e a construção de novos valores éticos, menos antropocêntricos (BERNA, 2000, pág. 23).

No entanto, há quem defenda que jornalismo não pode ser confundido com educação, por ser apenas um instrumento informativo da sociedade. A educação seria um movimento mais complexo, que envolve práticas pedagógicas. De qualquer forma, partindo do princípio de que a imprensa, ao divulgar informações sobre determinado assunto, está contribuindo para a educação da sociedade, foi incluído como um dos indicadores dessa pesquisa a avaliação dos textos selecionados em seu caráter educativo. O critério utilizado foi perceber se o registro trazia apenas informações factuais de determinado evento, ou se seu conteúdo agregava alguma informação ambiental mais aprofundada, mais conceitual.

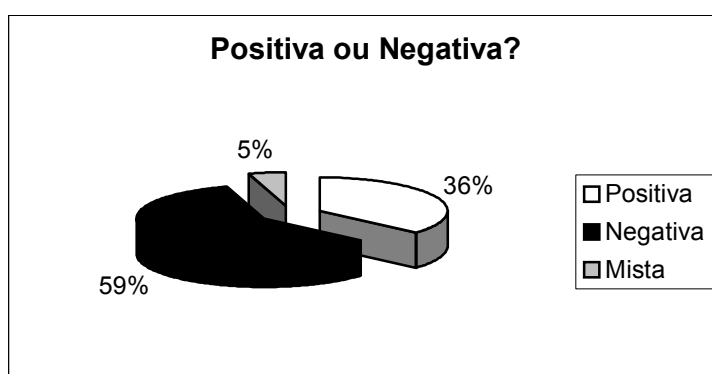
Do total da amostragem, 63% dos textos apresentaram informações apenas factuais, enquanto que 37% foi além da informação noticiosa e acrescentou alguma explicação mais aprofundada sobre o tema tratado. Esse resultado demonstra que o grande enfoque da imprensa é factual e que o lado educativo nas notícias sobre meio ambiente precisa ser mais bem trabalhado e incentivado nos veículos de comunicação.

Ainda nesta linha educativa, a pesquisa verificou se os textos tinham um cunho mais negativo, enfocando tragédias, desastres, a destruição irrevogável do meio ambiente, brigas políticas na área ambiental, ou se enfatizava o aspecto positivo, mostrando experiências exitosas na área, ou alguma descoberta inovadora, que pudesse servir de

exemplo para replicação ou trouxesse esperanças sobre o futuro do planeta.

Do total de registros, 59% apresentou uma cobertura negativa, 36% positiva e 5% mista (Gráfico 26). Ou seja, o aspecto negativo é mais valorizado na imprensa que o positivo. No entanto, esse não é um privilégio da cobertura ambiental. De uma forma geral a imprensa dá mais destaque à divulgação de crimes, escândalos, roubos, brigas políticas, enfim, de características noticiosas negativas. Talvez o índice de 36% para textos positivos de meio ambiente seja maior que os números encontrados em temas como política, economia ou segurança, por exemplo.

Gráfico 24 – Notícias positivas ou negativas?



5.1.2 Das entrevistas com os jornalistas

Quanto aos resultados das entrevistas com os jornalistas, além do perfil dos profissionais entrevistados (já apresentados anteriormente), a segunda parte do Bloco 2, referente à concepção de meio ambiente, também foi submetida a uma análise temática (ou categorial), conforme a metodologia de análise de conteúdo. Nessa parte, o objetivo foi comparar alguns tópicos da Pesquisa Nacional de Opinião “O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável” – realizada em 2001 pelo Iser (Instituto de Estudos da Religião) com o apoio do Ibope (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Opinião Pública) e do Ministério do Meio Ambiente – com a opinião dos profissionais entrevistados. A idéia foi verificar se os jornalistas que hoje atuam na grande mídia impressa nacional compartilham das mesmas opiniões da população em geral sobre o tema meio ambiente, tendo em vista que eles são profissionais formadores de opinião.

Na pesquisa do Iser foram realizadas 2000 entrevistas domiciliares, nas cinco regiões do país, com diversos níveis de instrução e faixas etárias variadas. Vale lembrar que o perfil da amostragem da pesquisa com os jornalistas é completamente diferente

daquela realizada pelo Iser, pois conta como profissionais de faixa etária relativamente próxima, formação profissional idêntica e que trabalham em três empresas de comunicação de perfis semelhantes.

A forma de questionamento foi diferente do restante da pesquisa, que em sua maioria contou com perguntas abertas. Nesse tópico os jornalistas reagiram de forma estimulada, sendo submetidos a afirmativas sobre as quais eles deveriam dizer se concordavam, discordavam ou se não concordavam, nem discordavam ou não sabiam e preferiam não opinar.

A primeira questão foi “Estaria disposto a conviver com mais poluição se isso trouxesse mais emprego”. Segundo resultados da pesquisa do Iser (e não apenas dessa de 2001, mas das outras duas realizadas em 1992 e 1997) há indicadores consistentes de que a consciência ambiental no país evolui porque, entre outras coisas, mais da metade da população vem dizendo, desde 1992, que prefere menos poluição à geração de empregos, embora se saiba que este é um tema que desperta grande preocupação nos dias de hoje. (CRESPO, 2002, pág. 8). A respostas dos jornalistas confirmou essa tendência, sendo os números bastante parecidos com os da enquête do Iser.

Gráfico 25 – Estaria disposto a viver com mais poluição? Jornalistas

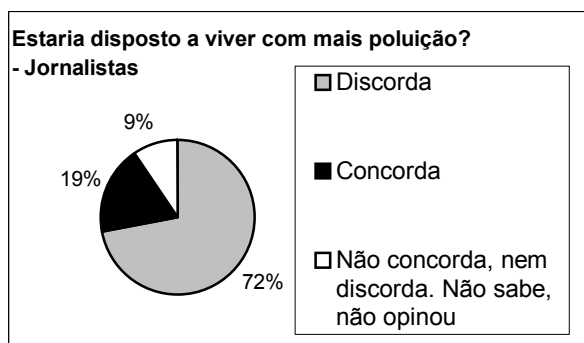
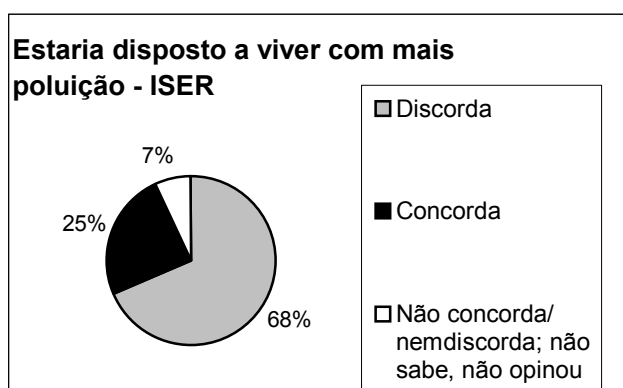


Gráfico 26 – Estaria disposto a viver com mais poluição? Iser



Já no item “A preocupação com o meio ambiente no Brasil é exagerada”, os resultados foram bastante distintos. Entre os jornalistas, 97% discorda dessa afirmativa (Gráfico 27), enquanto entre a população apenas 69% discorda (Gráfico 28). O que demonstra que há um nível maior de conscientização dos jornalistas nesse ponto.

Gráfico 27 – A preocupação com o meio ambiente é exagerada - jornalistas

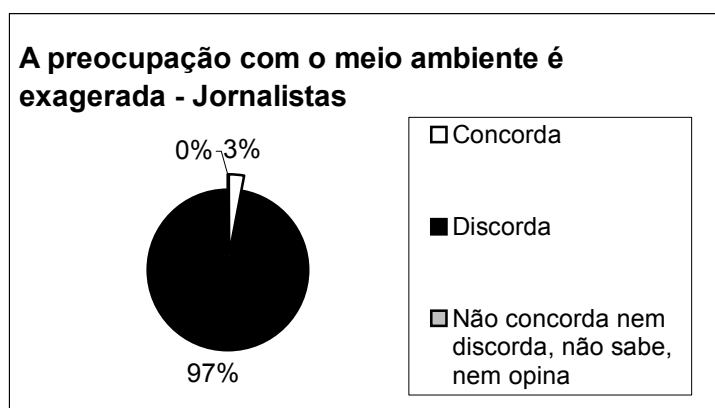
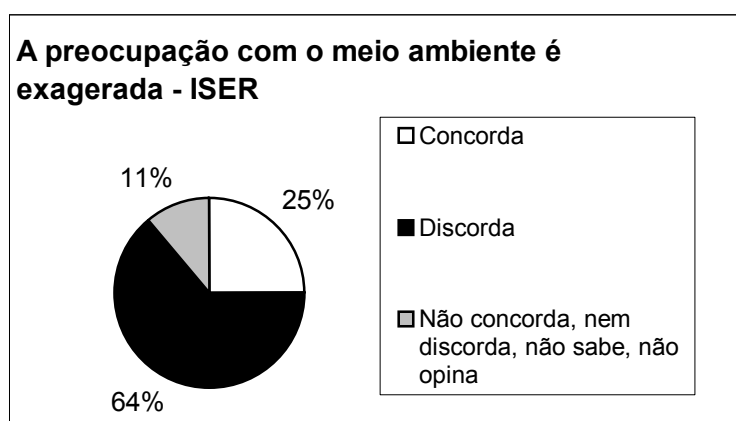


Gráfico 28 – A preocupação com o meio ambiente é exagerada - ISER

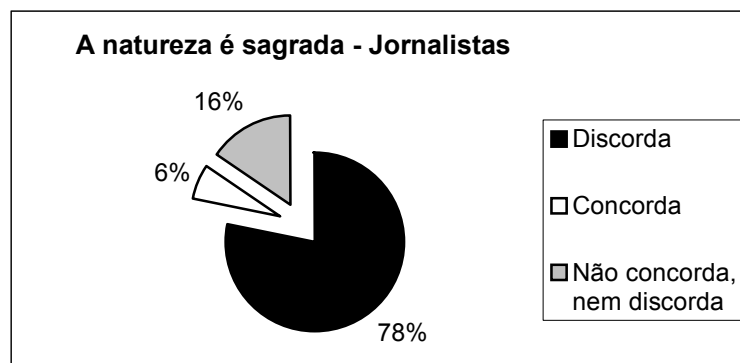


Quando confrontados com a afirmativa “O Brasil tem uma natureza tão rica que não precisa controlar a exploração de seus recursos naturais como outros países”, houve unanimidade entre os jornalistas: 100% discordaram. Já na pesquisa de opinião com a população, 57% discordaram e 31% concordaram, mostrando mais uma vez discrepância entre a opinião dos jornalistas e da população.

Em relação a frase “A natureza é sagrada e o homem não deve interferir nela” as respostas foram completamente antagônicas. Enquanto que 78% dos jornalistas discordam dessa afirmativa (Gráfico 31), 67% da população concordam com ela. Ou seja, a população cada vez mais (o percentual aumentou entre os anos de 1992, 1997 e 2001) vê a natureza de forma sacralizada e permanece entre a sociedade em geral a concepção de meio ambiente como fauna e flora. Já os profissionais de imprensa têm um olhar mais

pragmático sobre a questão e acreditam que a natureza pode ser usada pelo homem de forma sustentável.

Gráfico 29 – A natureza é sagrada - jornalistas



Mais uma disparidade na afirmativa “O crescimento econômico deve ter prioridade sobre o meio ambiente”. Enquanto que 66% dos jornalistas discordam da frase (Gráfico 32), apenas 31% da população têm o mesmo ponto de vista (Gráfico 33). Dentre a população, 32% concordaram com o termo, enquanto nenhum jornalista (0%) optou por essa resposta, demonstrando uma boa consciência por parte dos profissionais de mídia impressa no que diz respeito a relação economia X meio ambiente. As práticas desenvolvimentistas, no modelo mais comum adotado pelo país, são potencialmente degradantes do meio ambiente. Os jornalistas apostam que é possível optar por um novo modelo, baseado no desenvolvimento sustentável, conforme será mostrado na análise representacional das entrevistas.

Gráfico 30 – O crescimento econômico deve ter prioridade - jornalistas

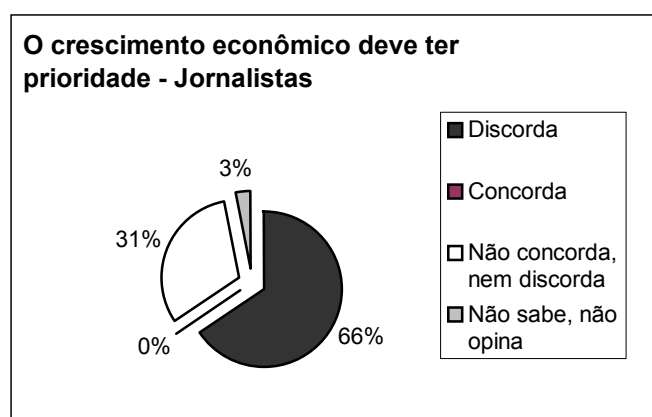
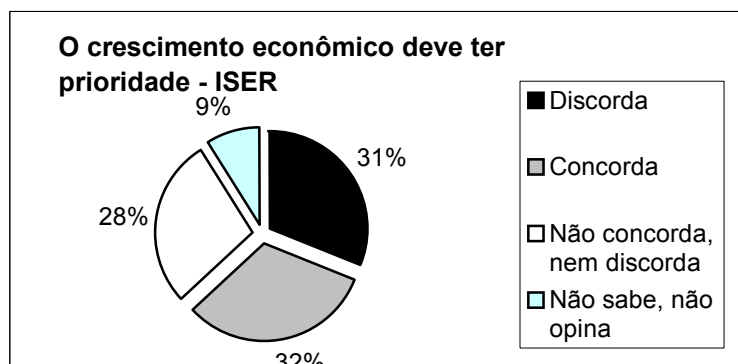
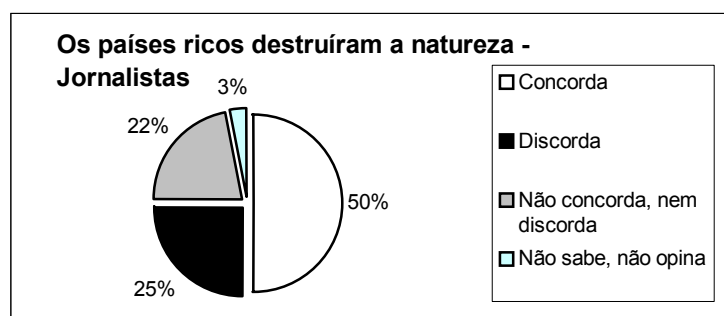


Gráfico 31 – O crescimento econômico deve ter prioridade - ISER



Já no tópico “Os países ricos são os principais responsáveis pela atual destruição da natureza”, os índices são mais próximos. Enquanto que 61% da população concordam com a afirmativa, segundo a pesquisa do Iser (CRESPO, 2002, pág. 10), 50% dos jornalistas adotam a mesma posição. No entanto, dentre os jornalistas, 25% discordam enquanto que 22% não concordam, nem discordam, demonstrando um alto índice de dúvida sobre a questão (Gráfico 34).

Gráfico 32 – Os países ricos destruíram a natureza - jornalistas



Neste bloco de perguntas, a pesquisa procurou verificar quais são os maiores problemas ambientais na opinião dos jornalistas, e se coincidem com os problemas apontados pela população, na pesquisa do Iser. Esta parte foi realizada por meio de perguntas abertas e as questões foram divididas em problemas ambientais da cidade, do país e do planeta. A pesquisa do Iser não levantou os problemas ambientais da cidade, mas do bairro. No entanto, como ambos são problemas urbanos, em geral faremos o comparativo entre eles.

Os resultados nesse item foram bastante semelhantes. Os três maiores problemas apresentados tanto pelos jornalistas, quanto pela população, foram a poluição de rios, lagos e outras fontes de água, a poluição do ar e a falta de saneamento (Tabela 5). O que significa que realmente são os problemas mais vivenciados por todas as parcelas da

população, em nível regional. Já em quarto lugar, os jornalistas apontam o crescimento desordenado das cidades como um grande problema, especialmente as favelas, enquanto que a população, na pesquisa do Iser, indica o desmatamento de florestas nesta colocação (que para os jornalistas fica em quinto lugar). Entre outros problemas citados pelos jornalistas surgem a falta de fiscalização (nos parques e nas indústrias), a falta de educação ambiental, a falta de política pública para a pasta, a poluição industrial, a poluição sonora e a pobreza. Apesar de a amostragem contar com profissionais de diferentes cidades (Rio, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Belém, Porto Velho e Salvador), os problemas indicados foram recorrentes, o que significa que as problemáticas ambientais urbanas são muito semelhantes. Claro que houve uma indicação de maior poluição do ar para a cidade de São Paulo, por exemplo, um caso bastante específico.

Tabela 5 – Os maiores problemas de sua cidade – jornalistas

Problemas	Percentual de indicações
Poluição dos rios, lagos e fontes d'água	25%
Destruição da Amazônia	15%
Poluição do ar	11%
Saneamento	10%
Crescimento desordenado das cidades	10%
Desmatamento	9%
Lixo	8%
Outros temas	12%

Quando o problema ambiental é de ordem nacional, a população aponta o desmatamento de florestas como o maior problema (49%), seguido da poluição de rios, lagos e outras fontes de água (29%) e da poluição do ar (15%).(CRESPO, 2002, pág. 5) Já os jornalistas colocam em primeiro plano a destruição da Amazônia (17%), citando questões como avanço da fronteira agrícola da soja no norte do Mato Grosso, falta de política sustentável para a região Amazônica como um todo e uso desordenado dos recursos da floresta, sem fiscalização. Apesar do tema Amazônia incorporar vários outros como desmatamento, falta de política ambiental e de fiscalização, por exemplo, como ele foi muito citado pelos jornalistas resolveu-se dar um tratamento separado para ele. Em seguida os jornalistas apontam o desmatamento, a poluição de rios, lagos e fontes d'água e o crescimento desordenado das cidades como grandes problemas ambientais do país. Apesar de não aparecerem exatamente na mesma ordem, os problemas citados tanto pela população, quanto pelos jornalistas, são bem semelhantes (Tabela 6).

Dentre outros problemas do país, os jornalistas citaram a falta de fiscalização, a questão da biossegurança (especialmente os transgênicos), a poluição industrial, a falta de educação ambiental, a pobreza, a pesca predatória, a falta de política ambiental e a questão energética (que pode se tornar um grande problema se não for cuidado desde agora).

Tabela 6 – Os maiores problemas ambientais do país – jornalistas

Problemas	Percentual de indicações
Destruição da Amazônia	18%
Desmatamento	16%
Poluição dos rios, lagos e fontes d'água	13%
Crescimento desordenado das cidades	11%
Saneamento	9%
Poluição do ar	8%
Uso desordenado da biodiversidade	6%
Lixo	5%
Outros temas	14%

Tratando agora dos problemas de ordem global, para a população os três maiores são o desmatamento de florestas/ queimadas (55%), poluição do ar (54%), seguido pela poluição dos rios, lagos e outras fontes de água (51%). Já para os jornalistas, a questão das mudanças climáticas aparece em primeiro lugar (18%), seguida pela poluição das águas (17%), pela destruição das florestas (9%) e pela poluição do ar (9%) (Tabela 7). Dentre os outros problemas ambientais os jornalistas citam a poluição, a fome, o uso desordenado da biodiversidade, a energia, a pobreza, a pesca predatória, a superpopulação e a biossegurança. Neste tópico os jornalistas apresentaram dificuldades em identificar os problemas globais, alguns não citaram três problemas e outros preferiram não citar problema algum por se sentirem ignorantes no assunto.

Tabela 7 – Os maiores problemas ambientais do planeta – jornalistas

Problemas	Percentual de indicações
Mudanças climáticas	22%
Poluição dos rios, lagos e fontes d'água	22%
Destruição das Florestas	12%
Poluição do ar	9%
Lixo	8%
Crescimento desordenado das cidades	6%
Outros	21%

É interessante notar que vários jornalistas citaram questões que tradicionalmente

seriam categorizadas como de ordem social, como a fome, a pobreza, a superpopulação, a AIDS, enquanto problemas ambientais. Isso demonstra que a representação que pelo menos parte desse grupo faz sobre a natureza inclui o homem, numa perspectiva socioambiental. Isso fica muito claro num depoimento de uma das jornalistas:

O homem faz parte da natureza e faz parte do meio ambiente. Essas campanhas são muito elitizadas, o homem pode morrer de fome, mas o mico-leão não pode acabar...”
(O Globo, em entrevista para a autora)

Este bloco de perguntas mostrou que os jornalistas que atuam na grande imprensa, mesmo não sendo especialistas no assunto apresentam um olhar bastante diferente da população como um todo. Enquanto esta tem uma visão mais romântica do meio ambiente, os profissionais da mídia mostraram uma postura mais utilitária, sem deixar de lado a preocupação com o futuro do planeta.

5.2 Análise representacional (resultados qualitativos)

A análise de avaliação (ou representacional) tem por finalidade medir atitudes do locutor quanto aos objetos de que fala (pessoas, coisas, acontecimentos). Seu pressuposto é de que a linguagem representa e reflete quem a utiliza. Portanto, podemos nos contentar com os indicadores explícitos na comunicação para fazer inferências a respeito do emissor. (MINAYO, 1999, pág. 206)

Buscando compreender o que os jornalistas pensam sobre a questão ambiental, sobre o meio ambiente na mídia, como é sua rotina de produção de notícias, e qual conteúdo ecológico que estão publicando, essa pesquisa submeteu os dados das entrevistas com os profissionais (principalmente) e as notícias publicadas por eles a uma análise representacional (também chamada de avaliativa).

Segundo MINAYO (1999), a atitude é a matriz que produz um juízo de valor e o conceito básico da análise avaliativa é a atitude.

A análise avaliativa consistiria em encontrar as bases destas atitudes por trás da dispersão das manifestações verbais. É semelhante à análise temática enquanto separa o texto em unidades de significação. Seu objetivo porém é específico: atém-se somente à carga avaliativa das unidades de significação tomadas em conta, em termos de direção e de intensidade dos juízos selecionados (BARDIN: 1979; OSGOOD: 1959, citado por MINAYO, 1999, pág. 206)

Quais os juízos de valores que estão por trás de uma reportagem ambiental? Essa é a questão essencial do tópico.

5.2.1 Dos jornais

Nesta etapa, fez-se um recorte na amostragem geral (239 registros), selecionando apenas as notícias que foram produzidas pelos jornalistas que participaram das entrevistas, totalizando 63 notícias (todas dessa fase foram textos jornalísticos que aqui chamaremos de notícia). Destas, 30 são de O Globo, 11 da Folha de São Paulo e 22 do jornal Estado de São Paulo. Foram utilizadas quatro unidades de significação na análise: concepção de meio ambiente e transversalidade, antropocêntrico X biocêntrico, Geopolítica Ambiental e Global X Local.

Concepção de meio ambiente e transversalidade

Procurou-se, nesse item, verificar se os textos apresentavam o meio ambiente enquanto elementos da natureza (flora e fauna) ou se a abordagem foi feita de forma sistêmica, incluindo o homem e suas relações com a natureza. Além disso, verificou-se se os problemas ambientais foram mostrados tendo relação com os problemas sociais e econômicos.

Uma grande parte das notícias não deixa claro conceito algum sobre a questão ambiental, são textos extremamente factuais, que relatam algum ocorrido de forma muito simples e sem detalhes que possam sugerir alguma inferência. Na tese de doutorado “O que o Brasileiro pensa da Ecologia” (LEITÃO FILHO, 1996, pág. 184) ao se trabalhar com recortes de jornais da cobertura ambiental no período da Eco-92 chegou-se a uma constatação semelhante:

(...) as matérias coletadas na imprensa a respeito da ecologia ou do meio ambiente apenas muito raramente abordam esses temas a partir de sua angulação filosófica, ou religiosa, ou ética, características de um debate mais aprofundado. O material coletado trata-se mais de um noticiário de fatos e dados que, sem dúvida, são reveladores dessas posturas e valores, mas não de modo direto e sim indireto e superficial. (LEITÃO FILHO, 1996, pág. 184)

No que diz respeito à transversalidade, a maioria das notícias apresentou a questão ambiental tendo uma relação direta com aspectos sociais e econômicos em nossa sociedade. Algumas mostram claramente que a degradação ambiental tem reflexos nas questões econômicas, sociais e ambientais propriamente ditas.

Quando isso acontece os problemas são grandes. "Organismos transportados na água de lastro causam três tipos de impacto", explica Fernandes. "O primeiro é ecológico, porque as espécies invasoras podem eliminar as locais. O segundo é de saúde pública, já que a água de lastro pode transportar microorganismos que causam doenças, como o vibrião da cólera. Há ainda o impacto econômico, como causado pelo mexilhão dourado, que está aumentando o custo do abastecimento de água de Porto Alegre, onde está se incrustando nas tubulações. (E.S.¹⁴, Navios de carga levam “passageiros” indesejáveis que ameaçam ecossistemas, Estado de São Paulo, 12/04/2004, Geral, pág. A7)

No entanto, são muitas ainda (cerca de 35%) que apresentam o meio ambiente

¹⁴ Para preservar a identidade do jornalista, tanto nas citações de notícias quanto nas referências a trechos das entrevistas serão colocadas apenas as iniciais do nome do repórter.

enquanto matas e preservação de animais. Mostram a natureza, suas formas de vida e seus processos de forma idílica.

É irresistível. A cor forte e o perfume são ao mesmo tempo um convite e uma armadilha. O vôo leva o inseto a um mergulho na poça d'água que se forma dentro da orquídea Sapato de Vênus. Com as asas molhadas, não pode voar e tem de subir por uma escadinha formada por pêlos da planta. Pronto: a flor garantiu a polinização. (*M.M*, No Botânico, mil orquídeas e bromélias, Estado de São Paulo, 01/05/2004, Cidades, Lazer, pág. C5)

Muitas delas (cerca de 30%) mostraram o meio ambiente sendo afetado pelas ações humanas. Apresentam o homem como degradador do meio, como algo externo, que não faz parte dela, que apenas a destrói. Mostra o modelo de desenvolvimento implementado pela sociedade como destruidor dos recursos naturais. Essa destruição acaba retornando e afetando a população como um todo, como é o caso da poluição urbana e dos rios e lagoas, que afeta diretamente um dos gêneros de primeira necessidade das populações: a água.

Por um lado, mostra o potencial de degradação de um modelo de urbanização e desenvolvimento que já causou estragos praticamente insuperáveis nos recursos hídricos da Grande São Paulo, mas continua a se espalhar principalmente pelo interior do estado. (*M.V*, Qualidade da água de SP piorou em 2003, Folha de São Paulo, 21/04/04, Cotidiano, pág. C5).

A natureza enquanto mãe-poderosa, que um dia pode querer o que é seu de volta e se vingar dos homens, também é uma idéia recorrente em algumas das notícias clipadas. Há, em alguns casos, uma mistura de natureza e religiosidade, como se esta fosse um ente sagrado. A natureza também é mostrada como bela e poderosa.

Repórteres do Globo estiveram em Atafona e observaram bares e hotéis destruídos. Nos muros, a inscrição 'O apocalipse chegou' é um sinal de que, para a comunidade, trata-se da ira divina. Dizem os antigos pescadores que o mar avançou depois que construíram a Capela Nossa Senhora dos Navegantes de costas para o oceano. (*T.B*, A guerra do Paraíba do Sul com o Mar, O Globo, 16/04/2004, Rio, pág. 25)

Algumas, no entanto, apresentam um lado mais positivo, mostrando o homem e o seu compromisso com a preservação do meio ambiente. O homem como parte deste meio e, portanto, responsável por ele. Essa boa relação pode ser demonstrada com o uso sustentável, uma forma de tirar da natureza sua sobrevivência sem destruí-la.

Antropocêntrico x biocêntrico

Neste item o objetivo foi perceber de forma mais clara como é apresentada a relação homem/natureza. Se o homem aparece como dominador (enfoque antropocêntrico), a natureza como um ser superior, intocável (enfoque biocêntrico/preservacionista), ou a possibilidade do homem utilizar a natureza de forma ordenada e manejada (conservacionismo).

Em quase nenhum registro foi verificada a idéia de homem como dominador da natureza, ele aparece como aquele que a degrada, mas não como dominante. A maioria demonstra um enfoque biocêntrico, onde o homem depende da natureza para sobreviver, muitas vezes vive em harmonia com ela, mas a natureza está acima dele (apesar de ser destruída pelo homem).

Dona Maria do Carmo sempre tirou o peixe do almoço, lavou roupa e descansou da rotina doméstica à beira do rio Paraíba do Sul. Mas, ultimamente, anda preocupada. É que a água, diz ela, rareou demais e o esgoto, antes um pinga na imensidão, tomou conta das margens. Maria, moradora de uma favela de Campos, tem apenas intuição ribeirinha, mas chegou à mesma conclusão que os estudiosos do Laboratório de Hidrologia da Coppe/UFRJ: o Paraíba corre risco iminente de colapso e o Estado do Rio, de ficar sem água para beber ainda este ano. (*T.B., Paraíba do Sul agoniza sufocado em esgoto, O Globo, 11/04/2004, Rio, pág. 24*)

Flocos de algas aparecem até no meio da represa, onde pescadores como Valmir dos Santos Rosa, de 40 anos, ganham a vida. (*T.B., Teste mostra que água do Funil mata cobaias, O Globo, 14/04/2004, Rio, pág. 23*)

Algumas notícias apontaram a possibilidade de uso sustentável dos recursos naturais, mostrando exemplos que já estão acontecendo.

Geopolítica ambiental

Verificar como os eixos globais norte e sul são tratados pelas notícias selecionadas foi o objetivo desse item, especialmente se alguma trazia a questão da internacionalização da Amazônia. Verificou também se há algum registro (positivo ou negativo) sobre a cooperação financeira de mecanismos internacionais para o meio ambiente e conflitos no âmbito internacional.

Quase 100% das notícias produzidas pelos jornalistas entrevistados não faziam relação nenhuma em termos de geopolítica ambiental. Isso é reflexo do fato de que a

maioria delas aborda temáticas locais.

Apenas uma cita a atuação de ativistas de uma ONG internacional na Amazônia, mas que são apresentados de forma positiva, como defensores da mata. No texto eles criticam atuação de uma multinacional americana que não traz benefícios para a região.

Global X local

As questões ambientais mundiais possuem dimensões regionais, que implicam em responsabilidades dos setores dirigentes do país e da sociedade nos problemas locais. Cerca de 85% das notícias não fazem referência alguma sobre essa relação, pois os assuntos centrais dos textos são situações locais, do cotidiano, ou algum acontecimento específico.

Em termos locais, uma das notícias mostra que por meio dos veículos de comunicação a população pode pressionar o poder público a tomar atitudes.

As denúncias de que dezenas de animais passam fome e vivem em condições precárias em um depósito da prefeitura indignou entidades de defesa dos animais e levou a Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa do Rio a abrir uma investigação para apurar quem são os responsáveis pelos maus-tratos. (A.G.,Alerj apura maus-tratos a animais no Rio, O Globo, 16/04/2004, Rio, pág. 25).

Vários textos perdem a oportunidade de fazer uma análise mais ampla dos temas abordados, que em muitas das vezes possui uma interface global.

5.2.2 Das entrevistas com os jornalistas

A maior parte das entrevistas com os jornalistas foi submetida à análise representacional, com o objetivo de perceber na fala desses profissionais idéias pré-concebidas relativas às temáticas ambientais, além de obter informações sobre o percurso que uma notícia ambiental faz dentro do jornal (utilizando como exemplo as notícias clipadas) e o processo produtivo das notícias. O objetivo principal foi captar juízos de valores sobre cada um dos tópicos. Para preservar a identidade dos profissionais, as citações aqui transcritas serão referenciadas apenas pelo veículo ao qual o jornalista pertence.

A) CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE

Neste bloco, construído por perguntas abertas e não induzidas, buscou-se perceber a opinião dos jornalistas sobre assuntos recorrentes na área ambiental e quais as

concepções que estão por trás desses depoimentos.

Quando perguntados “Para você, o que é meio ambiente?”, a maioria dos entrevistados apresentou o tema como sendo o espaço que integra homem e natureza, como o tudo, demonstrando uma visão sistêmica. Apresentaram uma postura de que o homem deve conviver melhor com a natureza, mas ela não é intocável, há formas de utilizá-la sem destruir. A maioria dos depoimentos inclui o espaço urbano como parte da natureza, diferentemente da população como um todo, como mostrou a pesquisa do Iser (CRESPO, 2002). Demonstraram também uma relação de dependência do homem para com os recursos naturais, que são finitos e por isso devem ser preservados. Essas visões podem ser comprovadas nos depoimentos a seguir:

“Para mim é viver me paz com a natureza sem destruir ela e sem deixar que ela destrua a gente. Saber usar sem acabar com tudo. Eu não tenho uma visão romântica da natureza intocada não.” (L.H., Jornal O Globo)

“Definiria como o conjunto... Não vejo como uma defesa única e exclusiva das florestas e riquezas naturais. Acho que falamos de uma coisa da qual a gente não tinha noção ate meados do séc passado, integração entre o homem e resto do planeta e a consciência da finitude dos recursos naturais. É a conquista mais importante dessa discussão. O homem se vendo como parte e com a consciência de que os recursos são finitos. A gente tem que ser ver como parte desse todo, fui criada com aquela concepção de filme de Tarzã... onde a natureza devia ser derrubada porque nós somos superiores a ela, seres de outra categoria e a gente mudou isso...” (C.G.,Jornal O Globo)

“Acho que tem gente que pensa só em floresta, em mato, para mim é minha vida cotidiana, o ambiente em que ando, onde trabalho, onde vou dormir, por isso penso em poluição sonora, penso na minha cidade”. (D.G., Jornal Estado de São Paulo)

“Essa definição clássica, tudo que envolve a questão das matas, dos rios, a própria questão do homem. Nós aqui na Amazônia vivemos mais a questão, pouco a interpretamos. Para o homem da Amazônia o meio ambiente é o rio, as margens do igarapé, onde ele constrói a casa, a palafita, caça, tira a madeira... Não tem uma vivência intelectualizada do que é... Mas se pergunta se ele vai cortar a árvore na medida certa ou se vai cortar demais ele vai saber te dizer... Procuro me integrar essa cultura para poder entendê-la. Assim passo minha vivência do homem da Amazônia... É a degradação do meio ambiente, o peixe que ele não pega mais ou está envenenado...” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

“A primeira idéia é aquela mais estereotipada de natureza,

biodiversidade... Mas vejo a questão ambiental na cidade, no urbanismo... tenho uma visão mais profunda, mais conhecimento de causa do ambiente na área urbana, na vida urbana”. (I.P., Jornal Estado de São Paulo)

Entretanto, alguns poucos entrevistados (cerca de 20%), ainda possuem uma concepção tradicional de meio ambiente, entendendo o termo como sinônimo de fauna e flora.

“Para mim é fauna, flora... acho que é o estado físico mesmo.” (J.D., Jornal Estado de São Paulo)

“Meio ambiente é assim... é tudo que existe e não foi tocado pelo homem ainda.” (N.S., Jornal Estado de São Paulo)

A idéia de ecologia, que para muitos significa a mesma coisa que meio ambiente, foi motivo de outra pergunta aos entrevistados. Ao ser questionada sobre o assunto, a maioria relacionou a palavra à ciência que estuda o meio ambiente, à preservação de áreas verdes e florestas, à defesa da natureza, vista como sinônimo de fauna e flora, como pode ser verificado nos depoimentos abaixo:

“A ciência que estuda as interações entre meios físicos, bióticos. Vejo mais como a ciência que estuda a questão biológica do ambiente. Apesar de existir ecologia humana, e urbana, para mim é a ciência que estuda o ambiente de uma forma geral. Agora tem também a ciência ambiental, que junta a questão sociológica também, que a ecologia não dava conta.” (M.V., Jornal Folha de São Paulo)

“Aí sim, ecologia eu penso mais como uma coisa verde, preservação da natureza, preservação do verde.” (L.F., Jornal O Globo)

“Talvez seja algo relacionado à preservação de espaços ambientais, florestas, mata atlântica, vejo por esse lado. Preservação e estado. Não sei se é bem isso. Acho que não se aplica à cidade, não sei.” (D.G., Jornal Estado de São Paulo)

Alguns, entretanto, ressaltaram a importância da integração homem/natureza ao falar de ecologia. Destacaram a importância da ecologia humana e da exploração sustentável dos recursos naturais, para melhoria da qualidade de vida das populações.

“Para o homem da Amazônia a ecologia já existia antes de ser conceitual. Integração harmônica do homem com a natureza. Aqui nos interessa a ecologia humana. O que o homem sofre com toda essa degradação e o que está em volta. Ele é afetado por tudo, pela degradação, pelos cientistas que vêm de fora fazer pesquisas aqui... (...) Vivemos numa região que é vista pelo resto do Brasil como um ar ecológico. Mas não nos sentimos assim, nos sentimos parte dela. Faz parte dessa ecologia humana, dessa integração do

homem com a floresta... ele é parte integrante, o homem urbano, mas ignora. O homem do campo acha que saímos da cidade para destruir o que é dele. Aqui estamos na visão do colonizado e do colonizador.” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

“O ideal é que fosse entendida como exploração sustentável de reservas naturais, não é simplesmente deixar intacta. Acho que deve olhar que existem pessoas que dependem da economia, de utilizar os recursos de forma a estimular a sinergia entre homem e natureza, o verde.” (L.R.S., Jornal Folha de São Paulo)

Uma observação interessante, apresentada por alguns entrevistados, é o preconceito que a mídia ainda mantém com a palavra ecologia, relacionada, em alguns momentos, aos “ecochatos” e aos movimentos ambientalistas mais radicais, como pode ser verificado a seguir. No entanto, eles reconhecem que esse não é o real significado do termo.

“Sei lá, acho que era para ser uma coisa legal. Acho que é uma área de conhecimento da Biologia, uma área de estudo. Mas por essa coisa de modismo virou uma prática de discurso meio chata. Tenho um pouco de preconceito. Um discurso mais ecológico panfletário, virou os ecochatos... Em vez de ser esclarecedor, se tornou limitador... Virou um discurso do não pode. Gosto mais dos conceitos mais novos. Vai ter que mexer na natureza mesmo, a questão agora é saber como mexer.” (T.D., Jornal Folha de São Paulo)

“Para mim a palavra ficou muito marcada pela militância da década de 80, os famosos ecochatos. Apareciam defendendo um golfinho morto e não pensavam nas pessoas (e milhões delas estavam morrendo). Ficou relacionada a isso. Sei que não é isso o conceito. Essa militância nos mostrava apenas como agressores e algo à parte disso.” (C.G., Jornal O Globo)

Relação do meio ambiente com a política e a economia

Para verificar se meio ambiente é percebido de uma forma integrada com outras áreas, ponto fundamental para uma compreensão sistêmica da questão, foi perguntado sobre a relação do meio ambiente com a política e a economia. Todos os entrevistados afirmaram que há uma relação entre meio ambiente e política, e apenas um disse não ver relação entre meio ambiente e economia, resultado que demonstra que quase 100% dos jornalistas pesquisados vêem a questão de forma transdisciplinar.

Essa relação, no entanto, é vista por alguns de forma positiva e por outros de forma negativa. Entretanto, todos concordam que é fundamental ter políticas públicas bem definidas para o setor para garantia da proteção dos recursos naturais. O poder público é o

grande responsável pela definição de políticas para a área, como pode ser visto nos depoimentos a seguir.

“Total. Acho que se as políticas públicas não pensarem em meio ambiente as coisas desandam. Aqui está tendo uma discussão sobre o plano diretor da cidade, se isso tivesse sido pensado antes poderia ter evitado muita coisa. O projeto Tietê é totalmente política, quantos fizeram obras e o rio continuava morto. Ele está longe de ser saudável, mas já melhorou muito”. (B.S., *Jornal Estado de São Paulo*)

“Tenho uma visão mais política inclusive que ambiental. Tenho alguma politização. Acho que a questão está muito dependente de ações de poder público, de políticas públicas fundamentalmente. Depende de ações governamentais. Depende de uma postura do governo, que prioridade dão ao tema ou não. É um setor muito sensível a ações do setor público, mais que outros setores.” (I.P., *Jornal Estado de São Paulo*)

“Por meio das políticas públicas para o meio ambiente é que você vai ter maior preservação, instituir práticas de desenvolvimento sustentável, que agredam menos. Tudo passa pela política, passa por uma discussão de formulação de leis, convencimento de parlamentares, congresso, até pelas câmaras municipais, como foi o caso do rodízio de automóveis em São Paulo.” (J.D., *Jornal Folha de São Paulo*)

“Existe uma relação porque se meio ambiente e essa rede natural que nos engloba ele é prejudicado pela ação do homem, pela nossa presença, pelo crescimento das cidades, das sociedades, para que esse equilíbrio não acabe com o homem está relacionado com isso a política deveria ser consciente disso.” (J.D.C., *Jornal O Globo*)

Alguns ressaltaram a importância das políticas internacionais para a garantia dos acordos entre os países e melhoria da situação ambiental global. Destacaram também a importância de encontros internacionais como a Eco-92, para ampliar o debate e estabelecer contratos entre os países.

“Vemos pela questão do Protocolo de Quioto que fez água porque não foi assinado pelos EUA, por questões políticas.” (E.O. *Jornal Folha de São Paulo*)

A política é sempre um jogo de interesses, na opinião da maioria dos jornalistas entrevistados, e assim como em outras áreas, a política ambiental também passa por essa situação, para o bem e para o mal. Os jornalistas ressaltaram que há vários tipos de políticos: os que acreditam que a questão ambiental é um entrave ao desenvolvimento; os que querem tirar vantagens da situação, já que ela está na pauta global, e ganhar mais

votos com isso, usando o tem como trampolim político; os que são corrompidos pelos lobbies de grandes multinacionais e, ainda; os que buscam a melhoria do meio ambiente no país, por meio de uma política séria para a área.

“A cobertura da gente é, sobretudo, do poder. Atrás de cada coisa vemos interesses políticos, os lobbies. Na área de meio ambiente também há muito lobby. É uma área de exercício da política também. Fiz matéria sobre pneus, por exemplo, de reciclagem, e teve um lobbie incrível, tem uma organização pesada, ONGs de um lado, do outro lado Monsanto, por exemplo.” (M.S., Jornal Folha de São Paulo)

“Hoje o assunto está muito em debate, as pessoas estão começando a se preocupar com esgotamento de recursos, então os políticos que oferecer propostas para a questão vai ganhar mais voto.” (L.F., Jornal O Globo)

Houve quem ressaltasse a questão da corrupção dos órgãos ambientais como um reflexo da atual postura política para o tema em muitos locais. Em um dos casos, o jornalista contou a pressão direta que sofreu por estar fazendo uma reportagem que denunciava um empreendimento irregular, de grande impacto ambiental, como relatado a seguir:

“Os próprios órgãos, que deveriam ser técnicos, como a Feema e o Ibama, têm suas políticas internas associadas à política do governo. O aspecto técnico está em segundo plano há muito tempo. Apressam ou atrasam licenciamentos, são mais rígidos ou menos com alguns empreendimentos em função disso, e muitas vezes os presidentes estão envolvidos com atividades que tem impacto ambiental, empreendimentos criminosos, existe envolvimento sim. Aconteceu recentemente que o presidente de um órgão ambiental entrou em contato com empreiteira porque soube que eu estava fazendo uma matéria sobre o empreendimento irregular dele, aí ele veio ao jornal (a empreiteira) e fez um grande lobby para tentar evitar a publicação da matéria. O próprio cara disse para mim que soube via presidente do órgão. Esse presidente, por acaso, é réu num processo junto com esse empreendedor, por ter licenciado indevidamente o empreendimento. Deixou de ser órgão técnico há muito tempo, o próprio sucateamento do órgão é fruto”. da grande infiltração política.” (T.B., Jornal O Globo)

“A política é prejudicial ao meio ambiente porque em várias ações, casos que já acompanhei de degradação, sempre havia políticos protegendo aqueles que degradam. Existem poucas experiências boas de políticas de proteção ao meio ambiente. Uma das exceções é Rio das Ostras, no estado do Rio, está fazendo um trabalho bonito nessa área.” (P.R.A., Jornal O Globo)

Alguns jornalistas, entretanto, se mostraram otimistas com a atual situação da política ambiental, apesar de reconhecer que ainda há problemas. Vários elogiaram a atuação da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e condenaram as posturas que o presidente Luís Inácio Lula da Silva vêm tomando em relação ao tema.

“Acho que avançamos nesse sentido, embora haja muito problema. Vimos que tem uma ideologia por trás de tudo que se pensava a cerca de desenvolvimento. (...) Quando penso em política, penso em desenvolvimento e em articulações que são feitas para que possa contentar todos os segmentos. Fico muito assustada com isso tudo. Vi o pessoal que fez o programa do PT para a Amazônia, triste com a posição do Lula, com essa virada de posição. Sabemos que não se precisa fazer estudo de impacto para gasoduto, temos vários exemplos mundiais e todo mundo sabe os impactos que causam. Tem um exemplo aqui bem perto, na Bolívia. É preciso discutir isso, rever compromissos. Em termos internacionais também é ruim, a opinião pública toda ficará contra o país, sem dúvida.” (C.G., Jornal O Globo)

“Estamos vivendo um momento em que estão sendo redefinidas as políticas de meio ambiente. Sobre a Amazônia, passamos décadas falando que não poderia tocar, que era o pulmão do mundo e coisa e tal. Agora vejo que os próprios órgãos governamentais mudaram isso, estão construindo uma política extrativista, que seja mais sustentável, mais correto, que possibilite o crescimento e não a destruição. Isso avançou por ter pessoas estratégicas definindo, pensando a questão. Vejo muita coisa positiva acontecendo, um repensar da política ambiental, menos ingênua, menos purista...mais inteligente.” (T.D., Jornal Folha de São Paulo)

Ao falar sobre meio ambiente e economia, a maioria dos entrevistados ressaltaram que há uma relação direta, e que hoje não se pode mais voltar atrás em relação a isso: as empresas necessariamente devem considerar a questão ambiental em sua gestão. Vários ressaltaram que o Brasil tem um grande potencial para exploração dos recursos naturais de forma sustentável, como a questão da biodiversidade na Amazônia, mas ainda está atrasado neste assunto e por isso acaba perdendo oportunidades para empresas estrangeiras de biotecnologia. Entretanto, alguns ressaltaram que ainda há um lado muito cruel nessa relação ambiente X economia, que muitas vezes provoca não apenas a degradação ambiental, mas a degradação das próprias condições de vida dos homens, como pode ser visto no relato abaixo:

“Ao longo da BR163 o ritmo da extração madeireira é assustador, assustador mesmo. O Brasil ainda não despertou para isso porque hoje traz outro discurso, o do avanço para

plantio da soja, junto vem a grilagem de terras, a posse da terra e a expulsão do caboclo... Economicamente o estado não se desenvolve porque atrás dela, da atividade madeireira, tem muito trabalho escravo. Os trabalhadores são recrutados nas frentes atraídos por um bom salário, por melhoria de vida e por progresso. São recrutados no Maranhão, Piauí, Alagoas. Não difere da escravidão do Brasil colônia. Métodos modernos de escravidão no meio da mata... É uma relação perversa da mistura da política com atividade econômica.” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

O meio ambiente com um produto que pode gerar divisas para o país, se utilizado de forma sustentável, foi várias vezes apontado pelos entrevistados, que em sua maioria são a favor da exploração racional dos recursos. Neste item, reforçam a idéia de um meio ambiente que precisa estar em integração com o homem, contrapondo a visão de natureza intocável.

“Quando comecei a estudar achava que a economia só servia para ferrar com o meio ambiente, hoje acho que é o contrário. Estão totalmente ligados. Você nunca vai conseguir construir uma gestão ambiental adequada se não considerar as variáveis econômicas, porque senão se torna sonho, utopia, totalmente inviável. Acho que vai desde uma forma de estimular economicamente a preservação, punir economicamente a degradação com multas, estabelecer valores econômicos para o que é possível. A questão está totalmente ligada à economia. Tenho visão cética. Acho que Educação Ambiental é importante, mas o que é decisivo para a gestão adequada do ambiente é conseguir adequar as questões econômicas e políticas.” (M.V., Jornal Folha de São Paulo)

“Não precisa estar ligada à economia no sentido de degradação. O grande desafio é este: conciliar atividades econômicas sem degradação. Não pode ser uma coisa nem outra. Precisa de um meio termo, é o desafio. Por isso depende de ação política. Depende de uma ação clara para garantir o equilíbrio.” (I.P., Jornal Estado de São Paulo)

“Acho que o meio ambiente pode ser um produto econômico, mas estamos atrasados em relação a isso, as pessoas não descobriram esse filão ainda. Acho que temos um ambiente natural maravilhoso aqui no estado que é pouco explorado pelo ecoturismo, por exemplo. Existe um movimento chamado Caminhadas Populares, promovido pela Associação de Turismo Rural que tem futuro bonito, os estrangeiros estão encantados pelas nossas riquezas.” (P.R.A., Jornal O Globo)

O uso da biodiversidade enquanto uma grande saída econômica para o país foi destaque em vários depoimentos.

“O Protocolo de Quioto, por exemplo, é um reflexo da questão econômica. Aqui no Brasil tem outra coisa relacionada à economia, falta muita informação sobre a questão da biodiversidade que temos na Amazônia. Poderia se feito uma exploração sustentável, exploração do potencial de biodiversidade.” (*E.O.*, Jornal Folha de São Paulo)

“São extremamente ligadas, como a política. O caráter de potencial econômico da biodiversidade brasileira é uma ponte para a preservação. Se encaramos a biodiversidade como algo viável economicamente, se reconhecemos esse potencial econômico, você cria um canal para a preservação de fato. Explorar de maneira inteligente. Se sai do modelo antigo, extrativista, e parte-se para a novas tecnologias. Se encaramos a biodiversidade como algo que pode gerar negócios, é um caminho para a conservação. Encarar o potencial econômico é bom, não é ruim. Nesse modelo anterior a visão era de não poder tocar.” (*T.D.*, Jornal Estado de São Paulo)

Alguns depoimentos destacaram a relação direta que a economia tem com a população em geral (especialmente as populações tradicionais), que muitas vezes dependem dela para sua sobrevivência. Ressaltaram que a degradação ambiental acaba atingindo diretamente o cotidiano das pessoas, gerando perdas econômicas e de qualidade de vida.

“A pesca, por exemplo, é muito prejudicada com a degradação, se não tiver controle daqui a pouco não tem mais alternativa. Na Lagoa Rodrigo de Freitas às vezes os pescadores ficam sem trabalhar. Em Saquarema também ficaram com a atividade prejudicada por conta da poluição.” (*C.C.*, Jornal O Globo)

“O bairro de Sepetiba, que tem uma praia que atualmente é lodo puro, completamente poluída, contava com umas 30 lojas que eram abastecidas pelo próprio turismo que freqüentava o local. Sobreviviam do truísmo, que por conta da superdegradação desapareceu... Existem outros milhões de caso desse tipo. Os custos ambientais da exploração indevida dos recursos são muitos altos. Economicamente falando, perdemos muito dinheiro por ter, por exemplo, a Baía de Guanabara poluída, mas as pessoas não enxergam dessa maneira.” (*T.B.*, Jornal O Globo)

Para aprofundar um pouco mais na compreensão que os jornalistas têm sobre o tema, a pesquisa questionou sobre alguns temas recorrentes na área ambiental, na atualidade, como desenvolvimento sustentável, transgênicos, biodiversidade, aquecimento global, agenda 21, entre outros.

Desenvolvimento sustentável

Ao serem questionados sobre “O que você entende por desenvolvimento sustentável?”, a maioria relacionou à questão econômica (talvez por ser o tema da pergunta anterior) afirmando ser uma forma de produzir sem destruir, de explorar os recursos naturais sem esgotá-lo. Vários, entretanto, afirmaram que ainda está muito longe de ser alcançado, que é uma utopia que deve ser perseguida mas que ainda há muito caminho a trilhar. Alguns, inclusive, questionaram a sua viabilidade afirmando ser impossível alcançá-lo. Outros acreditam ser a saída para a humanidade.

“Explorar o meio ambiente de maneira que não se acabe com ele, porque os recursos são finitos. Isso pode ser feito em qualquer nível, na sua vida, numa empresa, dá para fazer qualquer coisa dessa forma... É você controlar a extração dos recursos de maneira que não se esgotem, senão daqui há algumas gerações não teremos mais nada, não teremos mais como tirar o sustento dali.” (D.G., Jornal Estado de São Paulo)

“Deveríamos aplicar no projeto de país, de qualquer estado, deveria estar pautado nisso. Explorar os recursos naturais sem esgotá-los. É uma preocupação que deveria estar em tudo.” (E.S., Jornal Estado de São Paulo)

Interessante notar que vários relacionaram o tema à questão da Amazônia (usando-a como exemplo), como se o desenvolvimento sustentável fosse pertinente apenas a esta região, e não fosse uma política ampla para o futuro do planeta.

“Essa seria a grande saída para a Amazônia, mas infelizmente não passa de um grande discurso dos ecologistas de plantão e movimentos ambientalistas. Na prática não se materializa. Serve para dourar a pílula de um discurso político, dos progressistas...(...) Para os madeireiros locais é impensável o desenvolvimento sustentável. Fazem um aproveitamento utilitarista. Quando você derruba uma árvore vêm mais 26 espécies que cai junto... chamados filhotes da árvore. Com o manejo se reduz isso a 6/7 espécies. Mas isso interessa economicamente para os que têm visão predatória da Amazônia?” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

Alguns se disseram desacreditados em relação ao tema, afirmando que é apenas um discurso, que é impossível atingi-lo.

“Não sei muito, acho que essas coisas ficam só no discurso.” (M.M., Estado de São Paulo)

“Para mim é um discurso que parou na Rio-92. Esporadicamente algumas empresas fazem alguma coisa. Não vejo uma iniciativa mais firme por parte do governo.” (L.F., Folha de São Paulo)

Outros, entretanto (a maioria), se mostraram mais otimistas com o assunto, apontando sim suas dificuldades, mas afirmando que o desenvolvimento sustentável é a única saída para a humanidade e precisa ser perseguido.

“Acho que é uma utopia a ser perseguida. Estou muita influenciada pelo Zuenir da Veiga. Ele tem a tese que o desenvolvimento era uma utopia da séc XX e não foi alcançado. O desenvolvimento sustentável é a utopia do séc XXI. Mas não temos muito pra onde correr, é um conceito muito vago que banalizou muito. Não significa nada hoje. Temos que ver como vamos conseguir crescer de forma que se tenha uma qualidade de vida razoável. Senão não adianta, não podemos sustentar isso a qualquer preço...” (M.V., Jornal Folha de São Paulo)

“Acho a grande solução. Se chegar no conceito final, na grande idéia dentro dessa discussão toda. A partir do momento em que se pensa em desenvolvimento sustentável, se pensa em soluções econômicas, sociais, de inclusão das populações locais, é trabalhar com a natureza, e não contra ela.” (T.D., Jornal Folha de São Paulo)

Outro ponto interessante a ser destacado em relação ao tema desenvolvimento sustentável é que alguns apresentaram a questão como algo que inclui desde o local até o global, ou seja, atinge situações e atitudes cotidianas, e vai até posições e ações internacionais, visando a sustentabilidade do planeta como um todo.

Transgênicos

Em relação ao tema transgênicos, percebe-se uma postura relativamente favorável à sua liberação no Brasil nas falas dos entrevistados, apesar de a maioria afirmar não ter ainda uma opinião formada sobre o assunto. Isso ratifica a postura da mídia com o assunto, que tem mostrado uma tendência também favorável, como pode ser confirmado nos textos objeto de estudo dessa pesquisa.

Muitos se disseram pouco informados sobre a questão e preferiram não aprofundar o depoimento, outros demonstraram a falta de informação em suas falas. A grande maioria sabe que transgênicos são produtos geneticamente modificados, mas relacionam o assunto apenas com a questão da soja, com a Monsanto e com a atitude “radical” por parte de algumas ONGs, segundo eles, sem no entanto apresentar argumentos mais detalhados sobre o tema. Houve um depoimento declarado de que o tema nas redações dos jornais é quase que unanimemente aprovado, como pode ser conferido abaixo:

“Vou falar baixo aqui senão vou apanhar. Acho que existe um preconceito para quem não se rende ao assunto...” (...)

Quando falo para os colegas aqui que queria ter mais informação antes de sair consumindo as pessoas quase me batem, dizem que transgênicos são muito bons etc e tal.” (B.S., Jornal Estado de São Paulo)

“Acho que vieram para ficar, e são inevitáveis, não adianta protestar, não adianta evitar. Tem que se criar normas e regulamentos para que não venham em prejuízo da sociedade, tem que vir para melhorar a vida das pessoas, não criar problemas. Acho que vão mais ajudar que prejudicar.” (E.S., Jornal Estado de São Paulo)

Para alguns a discussão está restrita aos grandes centros urbanos, ainda não chegou no interior do país ou nos estados fora o eixo sul-sudeste, como mostra o depoimento a seguir:

“Aqui fui perguntar para um caboclo se a soja dele era natural ou era transgênica... Ele disse, que diabo é isso? É uma nova praga? Essa discussão ainda não chegou aqui, acho até que ainda não chegou no Brasil, ainda não existe uma definição se fazem bem ou não à saúde...” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

Muitos ressaltaram que há mais uma discussão ideológica sobre o tema (especialmente por parte das Ongs), do que baseada em pesquisas, até porque não há ainda muito estudo sobre o assunto, segundo os entrevistados.

“A ciência ainda não tem uma posição final. Na minha opinião pessoal, deveria autorizar e informar o consumidor se ele quer ou não. Não há informação, não há pesquisa de impacto ambiental, tem que ter transparência... acho que os pesquisadores me parecem consistentes, como os da Embrapa. Não é só dizer que o Brasil estará fora, mas com cuidado. Sem Tabu, tem que pesquisar. Tem que ter uma discussão mais seria do que tem acontecido. Não ficaram claro os interesses das Ongs que lutam contra.” (M.S., Jornal Folha de São Paulo)

Alguns, entretanto, acreditam que justamente pela falta de estudo há que se tomar cuidado.

“Vejo apenas como um leitor. A maioria dos meus amigos é favorável aos transgênicos, mais eu sou bastante cético. Acho que tem que ter mais pesquisa para saber se é nocivo à saúde e ao meio ambiente. Me preocupa mais a questão da saúde, embora saiba da preocupação ambiental. Penso muito no aspecto de saúde e economia, empresas multinacionais criando monopólios, como no caso da soja transgênica. Opinião bem leiga.” (I.P., Jornal Estado de São Paulo)

Para alguns, foi errada a forma como foi conduzida essa discussão na sociedade, especialmente por parte da mídia, que espetacularizou o assunto.

“A mídia trata as coisas meio como espetáculo.. acho que foi isso que aconteceu com os transgênicos. Os macrobióticos, por exemplo, comem muita soja e a maioria da soja aqui no Brasil é transgênica. Fiz uma opção, meio afetiva, de não ser contra os transgênicos. Honestamente, não se deve ter essa divisão de a favor ou contra. Já ouvi algo sobre clonagem de plantas. A gente já come banana clonada e a mídia não deu essa atenção toda. Acho que houve um carnaval muito grande com o assunto transgênicos, um espetáculo mesmo.” (T.D.,Jornal Folha de São Paulo)

A falta de informação sobre o tema ficou realmente comprovada na fala de alguns jornalistas, como nos depoimentos abaixo:

“É a transformação de matérias primas para servirem melhor a alimentação, modificação as células do alimento. Sou radicalmente contra, porque com isso você vai alterar todo um ciclo alimentar”. (P.F.,Jornal O Globo)

“Acredito que seja algo que a gente já visualizou ao longo dos anos da evolução humana e o homem se adapta as suas necessidades. Antes veio o melhoramento genético, as misturas de espécies, como a laranja lima. Acho que é o que tende a uma evolução, responder a uma necessidade”. (L.R.S., Jornal Folha de São Paulo)

Aquecimento global

Também no tema aquecimento global há muita falta de informação por parte dos jornalistas, muitos, inclusive, reconheceram isso e preferiram não falar sobre o assunto. Na percepção dos entrevistados o tema está relacionado com o efeito estufa, com mudanças climáticas, com o aumento da temperatura na Terra e com o protocolo de Kyoto (acordo internacional assinado em 1997 que estabelece cotas de redução de emissão de gases poluentes para os países signatários, considerado uma das maiores causas do aquecimento global). O futuro catastrófico do planeta foi a preocupação apresentada pela maioria dos entrevistados.

“É uma preocupação porque recentemente ouvi que o ciclone que atingiu o sul do país tem a ver com isso, a preocupação é que o aquecimento gera isso. Lá no sul a temperatura está aumentando e é um risco para o futuro. Coisas que não estavam acontecendo no país começam a acontecer. No futuro podem gerar desgraças”. (M.M., Jornal Estado de São Paulo)

Vários relacionaram a atual situação de poluição atmosférica e de mudança na

temperatura da cidade de São Paulo com o tema, usando-a como exemplo.

“É o que estamos vivendo em São Paulo hoje, não é primavera ainda e há uma massa de poluição em volta da cidade. Ajuda a provocar o aquecimento global. Cidades como São Paulo produzem mais poluente se influenciam no aquecimento, com o escapamento de carro, indústrias, sem contar que uma cidade concretada como essa incide mais calor do que uma que tenha mais verde”. (B.S., Jornal Estado de São Paulo)

“Estava pensando nisso hoje. São Paulo está super seca, a névoa está cada dia mais cinza, é muito perceptível, dá desgosto de ver”. (I.P., Jornal Estado de São Paulo)

Apenas um entrevistado citou a questão dos créditos de carbono¹⁵, apontando a questão como uma saída interessante para o Brasil tirar vantagem econômica disso, pelo seu grande potencial.

“Acho muito legal essa história das trocas, dos créditos de carbono, acho uma saída muito inteligente para a questão”. (C.G., Jornal O Globo)

Biodiversidade

Sobre a pergunta “O que você entende por biodiversidade?”, a maioria dos entrevistados se restringiu a dizer que é a variedade de espécies que há no planeta, definição correta, mas que não deixa claro as inúmeras questões ecológicas, econômicas, sociais e políticas que estão em torno do tema. Muitos reconheceram que não possuíam informações sobre o assunto.

De uma forma geral, o tema foi mais abordado pelo seu aspecto econômico, através do uso sustentável, da exploração industrial da biodiversidade, da questão das patentes, que sob o ponto de vista ambiental. Não houve uma citação sequer sobre o problema de perda de biodiversidade, sobre espécies ameaçadas de extinção, áreas protegidas ou algo do gênero, reforçando a visão mais utilitária que os jornalistas vêm apresentando na maioria dos tópicos.

“Na verdade aqui tem se falado muito ultimamente que a regulamentação da lei de patentes ia colocar um fim na biopirataria. Tenho presenciado grupos de cientistas estrangeiros, que vem com esse disfarce. Os verdadeiros cientistas são poucos. O verdadeiro objetivo é identificar

¹⁵ O Protocolo de Kyoto permite que aqueles que têm mais créditos de Carbono (ou seja, os que poluem menos) vendam o seu excedente aos países mais poluidores, que estão com a cota extrapolada. Esses créditos podem ser obtidos pelo sequestro de carbono da atmosfera, possível através do reflorestamento, dentre outras formas. O país tem grande potencial pois possui muitas florestas e áreas para serem reflorestadas.

espécies não catalogadas e fazer o contrabando genético. Vem em camuflagem de pesquisador científico. Às vezes trabalham para a Bayer... e outras desse porte. Denunciei um caso da Extracta... Estavam pesquisando a biodiversidade, mas financiavam a biopirataria. Aproveitavam até pesquisadores brasileiros...” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

“É um conceitinho que gosto muito. Entendo, na minha rasteira percepção, que é esse conjunto todo de flora e fauna, toda a gama de espécies que o Brasil tem. Considerando a biodiversidade acho que somos um país imbatível. Essa história do biodiesel por exemplo, temos milhões de possibilidades. Se a gente pega isso como um conceito de potencial econômico, o Brasil pode ser o primeiro em muitas coisas. Precisamos reeducar o olhar... Se agente conseguisse olhar de uma forma mais potencial, poderíamos sair na frente em muita coisa. Só para biodiesel temos dendê, soja, milho, canola, girassol, um monte de coisa. Enquanto lá fora eles ficam tentando tirar combustível de esgoto...” (T.D., Jornal Folha de São Paulo)

Poucos conseguiram fazer uma análise mais aprofundada sobre o tema, como no depoimento abaixo:

“Acho que a biodiversidade é o grande trunfo do futuro para o Brasil. Acho que o país está perdendo o trem dessa história. Não consegue perceber isso. Quando você lê algo sobre desenvolvimento sustentável percebe que o uso correto dos conhecimentos tradicionais, o aproveitamento sustentável das nossas riquezas biológicas, é o grande trunfo. Tudo que existe de novo em ternos de química, de remédios, está na biodiversidade, o Brasil é um país megadiverso. Acho que os outros países megadiversos também são países pobres, não têm uma visão econômica saudável disso e perdem tempo como o Brasil. O país não regula e permite que patentes sejam roubadas, não tem controle sobre como isso está sendo explorado. É um tesouro que não sabemos explorar bem.” (M.V., Jornal Folha de São Paulo)

Eco-92 e Agenda 21

Na percepção dos entrevistados, a Eco-92 foi um evento histórico, que serviu para colocar na pauta da sociedade a questão ambiental, mas que não conseguiu tirar do papel os acordos assinados. Essa foi a visão (quase unânime) apresentada pelos jornalistas que participaram da pesquisa, sendo que muitos, na época do evento, eram novos e sequer tinham completado a faculdade. Dos 32 entrevistados, apenas cinco cobriram o evento.

“Não sei se ficou resultado concreto, vejo que não mudou muita coisa. Aumentou a consciência, mas esta aí o Protocolo de Quioto que não é ratificado, os países não estão

fazendo nada. Valeu no sentido de conscientização.” (E.S., *Jornal Estado de São Paulo*)

“Foi a primeira tentativa de se tratar o tema de maneira global, de forma objetiva, a partir do estabelecimento de metas. Na reunião que rolou 10 anos depois foi verificado que as metas estavam longe de serem alcançadas. Mas valeu mesmo assim. Foi o primeiro esforço global e conjunto. Aquela coisa, vamos fazer algo pelo planeta que ele está indo embora.” (E.O., *Jornal Folha de São Paulo*)

“Foi muito bacana para mostrar que é possível colocar o mundo inteiro para discutir um assunto de interesse de todos. Acho que foi o primeiro grande momento onde os cientistas puderem mostrar tudo o que vinham discutindo para o povão, para a população em geral”. (L.H., *Jornal O Globo*)

Para muitos, de acordo com os depoimentos, foi a primeira vez que o tema estava sendo discutido de forma ampla, com a participação de tantas nações. O que não é verdade, de fato, pois já havia ocorrido a famosa Conferência da ONU de 1972, como já apresentado nesta pesquisa. Essa percepção é reflexo de que, realmente, foi a primeira vez que o tema alcançou uma visibilidade grande na sociedade.

“Foi um bom marco para iniciar essas discussões, colocou na pauta mundial uma nova questão, uma nova ordem mundial. Antes tinha apenas divisão entre blocos (capitalista e comunista) e depois da queda do muro, das quebra da URSS temos uma nova agenda. Um novo marco na história.” (L.R.S., *Jornal Folha de São Paulo*)

“Mesmo uma pessoa que nem sabe o que foi o encontro, hoje sabe o que é reciclagem, sabe o que é poluição, tem alguma noção dos problemas ambientais, mesmo que dentro de uma visão distorcida. Isso é um avanço.” (M.V., *Jornal Folha de São Paulo*)

No que diz respeito à Agenda 21, um dos principais documentos oriundos da Eco-92, que trata de um conjunto de princípios em busca de uma sociedade sustentável, a grande maioria dos entrevistados apresentou completa ignorância sobre o documento. No máximo afirmam que foi um texto aprovado na Rio-92, mas não fazem idéia de seu conteúdo ou de como anda sua implementação. Poucos foram os que apresentaram uma informação um pouco mais consistente sobre o tema, demonstrando que realmente não há um trabalho de divulgação das ações da Agenda 21. Na opinião deles, é um ótimo protocolo de intenções, mas que até o momento não foi colocado em prática.

“Trata-se um protocolo de intenções com metas sobre a

preservação ambiental”. (*E.O.*, Jornal Folha de São Paulo)

“Puxando pro lado de questões urbanas, costume cobrir lixo e acabo caindo na questão da reciclagem, que está na Agenda 21... Não sei todos os pontos da agenda... Não tenho tanta informação, mas tenho a sensação, como cidadão, que se avança a passos tímidos. Se avança mais por iniciativa da sociedade civil que do poder público, embora existam algumas políticas, embora seja pauta dos governos, são posturas tímidas e pouco visíveis.” (*I.P.*, Jornal Estado de São Paulo)

“Acho que é uma grande carta de intenções e como tal é maravilhosa. Mas acho que tem que ser construída na prática, precisa ser uma agenda política, tem que deixar de ser “a agenda 21” para ser “a agenda”. Deve estar em todas as agendas dos administradores, das empresas... Essa história de MMA, de Secretaria de Meio Ambiente... Tenho uma visão holística, acho que tem que ser colocado na prática em tudo. É um documento importante, como um plano diretor é importante para uma cidade, que traça diretrizes, mas tem que se tentar colocar esses conceitos na prática. A Agenda 21 do Estado de São Paulo é maravilhosa, mas não acontece na prática ainda.” (*M.V.*, Jornal Folha de São Paulo)

Na opinião de alguns dos entrevistados, a grande dificuldade para sua implementação é o fato de ser burocrática e fragmentada, ou seja, cada setor, cada bairro, cada cidade, cada país, ter sua própria Agenda 21. O que é justificável pelo fato de que ela propõe ações de caráter local.

“Escrevo basicamente para empresários, e uma vez fiz uma matéria que precisei pesquisar sobre Agenda 21. Uma das coisas que agente sugeria era que o empresário discutisse agenda 21 dentro da empresa. Eu dei esse conselho na matéria, mas fiquei com uma pulga atrás da orelha porque existem várias agendas 21, da cidade, do país, do bairro,... acho muito fragmentado isso... muito confuso. Acho que se pegasse uns 10 pontos básicos e se trabalhasse nisso de forma mais massificada, tipo os 10 direitos da infância, daria mais resultado. Acho que é um documento difícil de digerir”. (*T.D.*, Jornal Folha de São Paulo)

“Era muito grande, burocrática, e se enrolou nas próprias pernas. Virou uma boa carta de intenções, mas de boas intenções o inferno está cheio. Não houve empenho político, de nenhum governo. Acabou encolhida pelo gigantismo dela. Não vejo nada implementado, muita discussão para nada.” (*A.L.A.*, Jornal O Globo)

As questões ambientais ajudam ou atrapalham?

Uma outra pergunta colocada para os jornalistas foi se “As questões ambientais ajudam ou atrapalham o desenvolvimento do Brasil”, no intuito de apreender se esses profissionais vêem o meio ambiente com um empecilho ao desenvolvimento. Ao contrário do enfoque que a imprensa vem apresentando, todos os jornalistas afirmaram que não atrapalham, que é uma questão hoje colocada na sociedade e que não há como desconsiderar essa variável se o objetivo for garantir alguma qualidade de vida para as futuras gerações.

“Se não fossem as questões ambientais o parque do Ibirapuera teria sido todo cimentado, o Tietê canalizado. O Rodoanel teria passado no meio da Cantareira. Acho que foi um dos temas mais importantes nos últimos 20 anos, no passado não tinha essa preocupação e vimos o que aconteceu”. (B.S., Jornal Estado de São Paulo)

A grande maioria sugere a busca de um consenso, de um meio termo entre a preservação e o uso dos recursos naturais. Vários sugeriram que se o país souber aproveitar o potencial de recursos naturais que tem (como no caso da biodiversidade e do ecoturismo), pode ganhar muito com a questão ambiental, financeiramente inclusive.

“Existe uma coisa preconceituosa de achar que o meio ambiente é um empecilho, e não uma prerrogativa fundamental para isso. (...) Percebo que ainda há muito preconceito, as discussões são muito radicais, falta buscar consenso”. (estado)

“Não adianta destruir uma área sendo que gastará o dobro de anos para recupera-la, se isso for possível. Quando se faz um planejamento econômico tem que se prever a questão ambiental. Também não se pode fazer aquela coisa de bater o pé para atravancar o processo. Precisa de um meio termo”. (I.P., Jornal Folha de São Paulo)

“Com certeza ajudam, não pode esgotar o que temos de riqueza porque não é só agente que vive aqui. Temos que pensar em nossos filhos, netos, bisnetos. Não dá para esgotar os recursos atuais, é uma visão de muito curto prazo, muito egoísta”. (L.R.S., Jornal Folha de São Paulo)

Acho que esta questão está na ordem do dia e não dá para pensar mais no desenvolvimento sem pensar na questão ambiental. Mas também não pode ser um empecilho. Tem que ceder um pouco. Não adianta ter natureza preservada e uma massa faminta, sem ter o que vestir. Acho que tem que conciliar as duas coisas. Precisa de muita vontade política para que isso aconteça. (P.P., Jornal O Globo)

Alguns destacaram que o problema maior está na falta de estrutura dos órgãos

ambientais e na falta de prioridade dada ao assunto pelos órgãos públicos, o que acaba gerando insatisfação em setores como o empresariado.

“O Brasil é que está atrasando o Brasil. Se não tem funcionário para fiscalizar não é culpa do meio ambiente.”
(M.V., Jornal Folha de São Paulo)

O papel dos ambientalistas foi relatado como algo positivo e fundamental na conservação do meio ambiente.

Se não houver pressão dos ambientalistas, que estão atentos para a questão, vira a casa da mãe Joana. Não tem país que resista. Acho fundamental fazer pressão. Não dá para deixar por conta de empresário, que querem só aumentar a lucratividade... Tem que barrar mesmo. (P.P., Jornal O Globo)

Disposição para a colaboração

Para finalizar o tópico “Concepção de meio ambiente” a pesquisa procurou observar se os jornalistas, em sua vida pessoal, fora das redações, atuavam pela questão ambiental de alguma forma. Se já havia, por exemplo, participado de algum movimento de bairro ou ambientalista; se carregavam as teorias apresentadas por eles para suas práticas cotidianas.

Do total de entrevistados, 66% afirmou nunca ter se envolvido em movimento algum, e os motivos apresentados foram falta de tempo (a vida de jornalista é muito corrida, com grande dedicação ao trabalho), falta de interesse no assunto e falta de interesse por movimentos em geral. Vários ressaltaram que não acha “ético” um jornalista, que busca a isenção nos assuntos que cobre, defender uma causa ou outra. Afirmaram que essa postura “não pega bem” para esse tipo de profissional.

“Acho que não faz parte do meu papel. A partir do momento que entro na questão passional fica muito pessoal e pode influenciar no meu trabalho. Meu objetivo é relatar coisas, fatos”. (L.C., Jornal Folha de São Paulo)

“Jamais faria isso porque acharia antiético. Se eu cubro, eu nunca faria isso senão eu perderia a neutralidade. Sou contra jornalistas que se engajam nesses movimentos, não sou de tomar partido. Senão deixa de ser jornalista e passa a ser militante. Eu tenho que dar subsídio para as pessoas formarem sua própria opinião e não dar a informação já defendendo um certo ângulo”. (A.L.A., Jornal O Globo)

Alguns (34%), entretanto, compreendendo o seu papel enquanto cidadãos e co-responsáveis pela qualidade do ambiente onde vivem, já participaram de movimentos em

prol da causa ou simplesmente, atuam de forma individual com ações cotidianas de preservação do meio ambiente, como demonstra os depoimentos abaixo:

“Participo no meu prédio de um programa de reciclagem, mas não sou ativista em nada” (*B.S.*, Jornal Estado de São Paulo)

“Tento tomar algumas posturas individuais mínimas, separar lixo em casa, não jogar lixo na rua, embora o cigarro seja um vilão nessa hora... Não tenho uma participação ativa, tento fazer minha parte pessoalmente”. (*I.P.*, Jornal Estado de São Paulo)

“Fundei, em 1977, com o professor Carlos Sampaio, o MDA, Movimento de Defesa da Amazônia, no Amapá... Éramos vistos como subversivos. Quem ousava criar um movimento desse era considerado comunista, que estava lutando contra os interesse do Brasil. Lutamos contra o projeto Jarí, que faliu e hoje a empresa ainda quer reivindicar. Fomos vigiados pelo SNI e fichados. Eu nunca fui preso, mas o Mariano foi. (...) Tenho promovido palestras. Gosto muito de falar para estudantes. Aí é que está a mudança de atitude”. (*C.M.*, Jornal Estado de São Paulo)

“Moro numa área em Brasília que é privilegiada e a gente vem se organizando para não haver desmatamento, tem mananciais. Mas sem muito engajamento porque não tenho tempo. Andamos plantando umas mudinhas de árvore por lá. Até gostaria...” (*M.S.*, Jornal Folha de São Paulo)

“Ajudei a fundar o PV, tenho profunda simpatia pelo tema. Já viajei com o Greenpeace, nos EUA, e sempre ajudo o WWF, acho que eles fazem um trabalho fantástico... O Greenpeace também é fantástico, são muito corajosos, nem com 18 anos eu tinha essa coragem...” (*P.F.*, Jornal O Globo)

“Sou ambientalista. Tenho dois orgulhos na minha vida: em 2001 recebi o Prêmio Crea de Meio Ambiente pelo trabalho pela causa; outro orgulho foi a criação do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, que tem 22 km de litoral. Esse local é estudado por mais de 100 cientistas do mundo todo. (...) Sou jornalista ambiental. Uma mania que tenho é plantar uma árvore em todos os locais que vou. Oficialmente não participo de nenhum movimento, mas tenho me envolvido muita com a APA do Pau Brasil, em Cabo Frio e Búzios, um dos locais mais lindos do nosso estado”. (*P.R.A.*, Jornal O Globo)

B) PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS

O objetivo desse tópico foi perceber o quanto o processo de produção dos jornais diários podem interferir na qualidade do material publicado, especialmente das notícias

sobre meio ambiente.

A primeira questão levantada foi sobre o tempo que jornalista dispõe para produzir uma notícia. Os entrevistados categorizaram as notícias em diárias (as que são publicadas diariamente) e semanais (as que saem em cadernos especiais, uma vez por semana). Todos ressaltaram que o tempo de produção de uma notícia é muito relativo, depende do assunto, da urgência, das fontes, enfim, de uma série de fatores. O jornalista pode ter apenas uma hora para produzir um texto, como pode ter um mês para uma reportagem especial. Entretanto, a maioria deles afirmou que tem entre três e cinco horas para produzir uma notícia diária, em média, e de 3 a 5 dias para elaborar uma reportagem semanal.

“Varia muito. Temos aquelas pro mesmo dia, que chamamos de originárias. Varia da importância do assunto, do tamanho que vão dar para ela.” (*E.O.*, Jornal Folha de São Paulo)

“Depende, não é um relógio... uma vez saí pela manhã para fazer matéria sobre as lagoas da Barra e só voltei à noite, depende do meu retorno (de achar as pessoas, da hora que volto). Posso ter de 3 horas a dois dias, até 20 minutos. Tem dias que nada dá certo, tem dias que tudo se encaixa...” (*P.F.*, Jornal O Globo)

Nas editorias de Ciência a produção diária mostrou ser mais intensa, segundo os depoimentos, porque eles trabalham com muita tradução de textos de agências de notícia internacionais e de revistas científicas como a *Nature*, ou a *Science*, as quais eles têm acesso privilegiado, um dia antes das revistas serem publicadas.

Considerando que as notícias sobre meio ambiente, por serem mais especializadas, deveriam demandar um tempo maior para sua produção, a tendência é realmente serem produzidas notícias sem muito aprofundamento, porque não há tempo para isso. Principalmente se considerarmos que o número de notícias semanais produzidas por mais da metade dos jornalistas pesquisados fica numa média 7 ou mais (podendo chegar a 20!), segundo a pesquisa. O que demonstra que é comum o jornalista ter mais de uma pauta para produzir no mesmo dia.

Em relação ao tópico “Você costuma fazer pesquisa antes das entrevistas, para escrever as matérias?”, a grande maioria (85%) declarou que faz pesquisa sobre o tema de sua pauta sim. O que é um excelente indicador. Os recursos mais utilizados pelos jornalistas atualmente são a Internet (45%), seguida do banco de dados do próprio jornal (33%), das fontes (14%) e dos livros (8%) (Gráfico 33).

Gráfico 33 – Faz pesquisa antes das entrevistas?

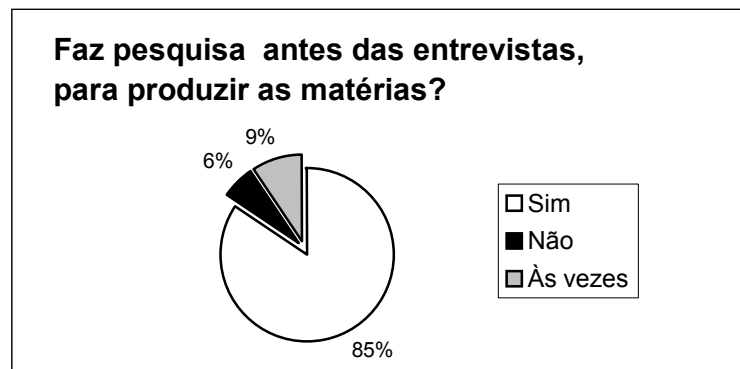
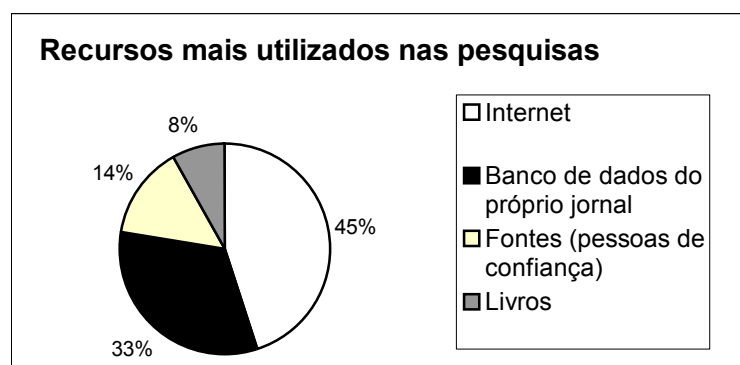


Gráfico 34 – Recursos mais utilizados nas pesquisas



Apesar de a maioria declarar que faz pesquisa antes de sair para uma entrevista, os jornalistas se queixam que nem sempre conseguem se dedicar com profundidade ao tema como gostariam. Além disso, vários afirmaram que não sabem como é exercer a profissão antes do advento da Internet, como mostra o relato a seguir:

“Sim, faço pesquisa, nem sempre é como eu gostaria. Acabo sendo setorista e adquirimos conhecimento. Sobre reciclagem, por exemplo, como já fiz várias matérias e acabei tendo algum conhecimento do assunto. Sou da geração que não sabe ser repórter sem internet. Tem o arquivo do jornal também, só que lá você pega a informação já dilapidada, baseada no que outro jornalista fez”. (*I.P.*, Jornal Estado de São Paulo)

Os que afirmaram não fazer pesquisa alegam a falta de tempo como fator principal. Como relatado por alguns estudiosos (citados nessa pesquisa), e comprovado nas falas dos profissionais de imprensa, a mídia vive hoje em função da exigüidade do tempo, o que favorece à produção de notícias preponderantemente factuais e menos educativas, o que representa uma perda muito grande para o jornalismo ambiental.

C) NOTÍCIAS SOBRE O MEIO AMBIENTE

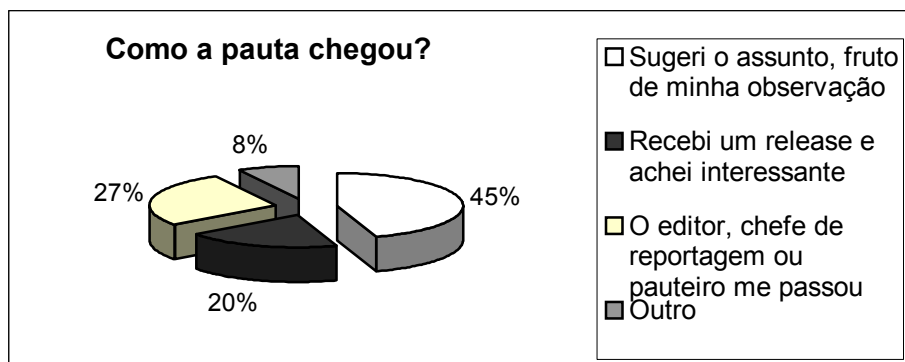
Os jornalistas foram questionados especificamente sobre as notícias produzidas por eles que foram objeto de estudo desta pesquisa. O objetivo foi verificar qual o caminho que as notícias sobre meio ambiente tem percorrido dentro da redação dos jornais diários, qual a via de acesso aos jornais, se são alteradas após o jornalista produzi-la e quem elabora os títulos dessas notícias, se os próprios jornalistas ou não.

Além disso, no bloco seguinte, buscou-se captar a opinião dos entrevistados sobre as notícias de meio ambiente de uma forma geral, quais as temáticas que deveriam ser mais publicadas, se o tema deveria ter uma editoria específica e quais são as principais fontes de informação.

Como surgiu a pauta?

A maioria das pautas ambientais estudadas (65%) chegou à redação através do próprio jornalista, seja porque o próprio sugeriu o assunto, fruto de sua observação pessoal, ou porque ele recebeu um release e achou interessante. Apenas 35% chegaram pelo editor ou por outra via (suíte, um colega pegou a pauta, mas não concluiu...). Isso demonstra que as pautas ambientais surgem a partir de um interesse particular dos jornalistas, na maioria das vezes, e não por uma política do veículo para cobertura do tema (Gráfico 35).

Gráfico 35 – Como a pauta chegou?



Alguns relatos sobre como essas notícias foram produzidas são interessantes de analisar. No depoimento abaixo o jornalista deixa claro como é importante o contato direto com os jornalistas por parte daqueles que atuam na área ambiental, se querem divulgar a causa. Importante também é a insistência, entrar em contato sempre que tiver alguma notícia e não desistir se ela não for publicada.

“Foi a matéria que teve maior retorno de leitores nesses meus 8 anos em jornais (Animais morrem de fome em canis na

prefeitura). Foi a que mais recebeu cartas nesse ano – é um fenômeno incrível essa historia de falar de maus-tratos a animais, principalmente cachorro. É um assunto que tem um super retorno. Muitas cartas de repúdio e tudo mais. E ela não foi a matéria mais importante que eu fiz até hoje, se é que possível criar escala de importância. Veio da ONG Fala Bicho, que me fornece muitas pautas. A Sheila Moura, presidente, me passou essa matéria. Ela tinha passado para um outro jornalista e não teve retorno. Voltou a me procurar, achei que tinha fôlego, era uma história importante. Consegui um inquérito policial e tínhamos material suficiente. É o tipo de fonte que me oferece 20 matérias por mês e eu aproveito uma, quando muito. O conceito de notícia é muito difícil de mensurar, tem que ter *feeling...*” (A.G., Jornal O Globo)

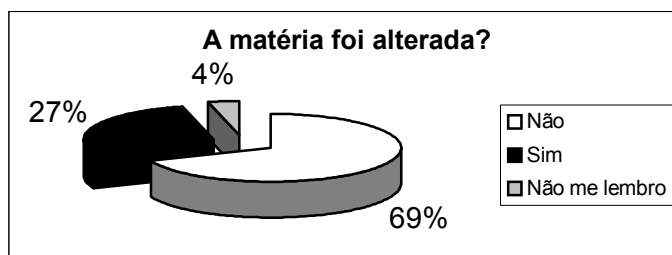
Vários foram os depoimentos que afirmaram que a pauta foi passada por uma fonte de informação de seu conhecimento. Entretanto, algumas vezes pode ocorrer uma situação singular do jornalista estar em contato com a questão pessoalmente, como no relato abaixo:

“Num final de semana fui fazer uma caminhada para conhecer uma estátua de Vinícius de Moraes que inauguraram em Itapuã. Vi um monte de índios, vi dois espanhóis falando de um *site* para índio. No dia seguinte vi uma pequena nota no jornal local sobre o assunto. Aí voltei lá e conversei com eles. O jornal gostou e resolveu fazer para capa do caderno de informática. Passaram essa sugestão para a rede de correspondentes de todo o país para pegar outras experiências do gênero.” (L.F., Jornal Folha de São Paulo)

A notícia foi alterada?

Quando perguntados se a notícia foi alterada ou se foi publicada conforme redigida pelo repórter, 69% afirmaram que não foi alterada, que saiu da forma como foi feita, enquanto que 27% afirmaram que o texto foi alterado e 4% não se lembrava (Gráfico 36). Dentre os que tiveram seus textos alterados, a grande maioria alegou que não houve mudança de conteúdo, mas apenas alguns ajustes pequenos no texto.

Gráfico 36 – A notícia foi alterada?



O atual procedimento de fechamento da edição, onde o repórter já redige o texto dentro da moldura (diagramação) onde será publicada a notícia, no espaço destinado pelo editor, talvez seja um dos fatores que favoreçam a não-alteração dos textos jornalísticos. O jornalista já produz o texto sabendo qual o espaço que será destinado para ele. Em suas declarações, a maioria dos entrevistados fez questão de serem enfáticos ao afirmar que os textos não foram e normalmente não são alterados pelo editor ou quaisquer outras instâncias do jornal, como se essa atitude significasse uma espécie de censura, atitude altamente recriminada pelos profissionais de comunicação. Isso pode ser percebido no depoimento abaixo:

“Isso faz a minha relação ser de respeito com o Estado. Eles raramente mexem na minha matéria. Quando fazem eles ligar para perguntar se podem alterar. Nunca cortam o lead”.
(C.M., Jornal Estado de São Paulo)

“Já escrevemos direto na forma, isso raramente acontece”.
(L.H., Jornal O Globo)

“Isso é uma lenda. Só alteram quando a matéria esta tecnicamente ruim”. (E.S.,Jornal Estado de São Paulo)

Entretanto, alguns depoimentos demonstram que ainda há alteração nas notícias, mesmo que essas tenham que ser feitas pelo próprio repórter, por falta de espaço, ou muitas vezes o jornal quer chamar mais atenção para o título e acaba distorcendo o sentido do texto.

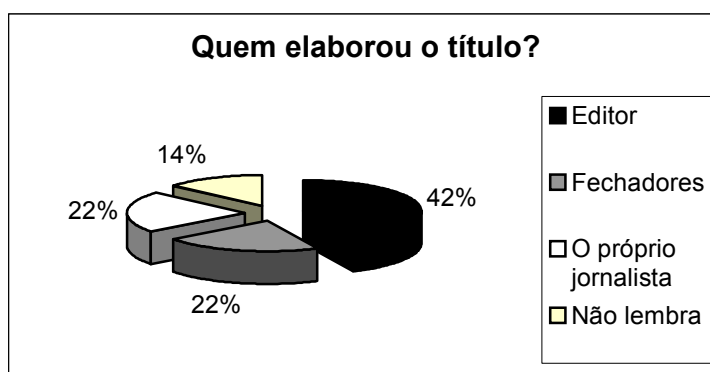
“Quando a matéria saiu, eu não estava muito tempo no jornal, não tinha total noção da quantidade de texto que eu teria. Passamos quando a matéria rende, aqui no bairros geralmente temos meia página. Pedi quatro altas e acabou sendo pouco. Foi tratado de forma superficial, tinha muito mais material para colocar. Eu mesma tive que cortar escrevendo no espaço determinado. Foi erro meu de avaliação. Às vezes a gente pede mais espaço mas o jornal chega pequeno. Às vezes ficamos tolhidas pelos anúncios.”
(J.D.C., Jornal O Globo)

“Lembro que deixei a matéria pronta, o texto estourando um pouco, e aí sempre o redator lê e muda algumas coisas. Antes de eu sair o lide estava totalmente errado, aí a gente mudou novamente, houve uma interpretação que não era correta e voltou o sentido original mas de uma forma mais alarmista. Não fui eu que coloquei daquele jeito.... Teoricamente não precisaria ter mais olhado, olhei por acaso... Fiquei muito assustada com isso... Ele me chamou antes de ir embora e tinha perdido o sentido original.... ia sair distorcido.”
(J.D.C., Jornal O Globo)

Quem fez os títulos?

Os títulos das notícias produzidas pelos jornalistas alvo desta pesquisa em sua maioria foram elaborados pelo editor do jornal (42%). O próprio repórter foi responsável pelo título em 22% das ocorrências, juntamente com os fechadores do jornal (22%) (Gráfico 37). Isso significa que em pelo menos 64% dos casos desta pesquisa não foram os jornalistas, aqueles que mais conhecem o assunto da reportagem por terem feito a apuração e produzido o próprio texto, que elaboraram o título.

Gráfico 37 – Quem elaborou o título?



De acordo com um dos jornalistas entrevistados, os fechadores são os antigos copydesk, eles fecham em equipe o jornal e põem título nas notícias, que depois passarão pelo editor. Muitos afirmaram, entretanto, que os jornalistas sempre sugerem algum título, sendo que algumas vezes ele é aprovado pelo editor e outras não. Em alguns casos é necessário mudar o título por conta de uma alteração no espaço da notícia.

“Normalmente sou eu. Sempre sugiro. Quando eles mudam costumam me perguntar se ficou bom. Mesmo assim fico sempre atenta ao título que vão dar para não sair besteira”.
(M.V., Jornal Folha de São Paulo)

Para os jornalistas que trabalham em sucursais fica mais difícil controlar e acompanhar o fechamento do jornal, por estarem longe.

“Eu tinha sugerido Pecuaristas vêem MST e ambiente como risco ao setor” (saiu Criador de zebu critica MST e política ambiental). (P.P., Jornal Folha de São Paulo)

Que tipo de assunto deveria ter mais ênfase?

Que tipo de notícia sobre meio ambiente você acha que os jornais deveriam dar mais ênfase, foi outra pergunta feita neste tópico. Essa pergunta foi feita de forma dirigida, apresentando as seguintes possibilidades: sobre experiências inovadoras, sucessos de

projetos ambientais etc..., iniciativas que demonstrem preocupação com o meio ambiente; sobre desastres e problemas ambientais; sobre conflitos socioambientais; ou outro. A maioria dos entrevistados escolheu a primeira opção (56%), afirmando que gostariam que os jornais dessem mais ênfase a experiências bem sucedidas na área. Eles reconhecem, entretanto, que hoje há destaque para os desastres.

“Estou cansada de notícia ruim, até como leitora de jornais. Só denunciando e não apresentando soluções não leva a nada. Quando se mostra bom exemplo aquilo pode bater na cabeça de alguém, pode despertar...” (L.H., Jornal O Globo)

“Essa coisa de desastre já fazemos automaticamente, falta a tal da boa notícia, que nunca damos. É o caso do armazenamento de chuva, acho a iniciativa genial. Acho muito legal e não damos ênfase. Acho que por um lado tem-se ainda o preconceito com a ecologia e a maior parte das vezes desconhecimento sobre o tema”. (C.G., Jornal O Globo)

“Acho que desastres são pauta factual, vão dar na medida que forem acontecendo. Conflitos os jornais já incluíram na pauta. Soluções criativas seriam interessantes. Temos que lembrar, no entanto, que o jornal é um produto, tem responsabilidade social, mas tem que ser agradável e tem que vender. Saber conciliar isso é difícil com o tema meio ambiente”. (A.G., Jornal O Globo)

Em segundo lugar (23%) os jornalistas gostariam de noticiar os conflitos socioambientais e por último os desastres (16%). Alguns, no entanto, acham que os três tipos de notícia deveriam aparecer no jornal (5%).

“Todas têm que ter ênfase, desde que seja notícia. Não há o que priorizar. Tem que analisar do ponto de vista jornalístico e da sociedade”. (E.S., Jornal Estado de São Paulo)

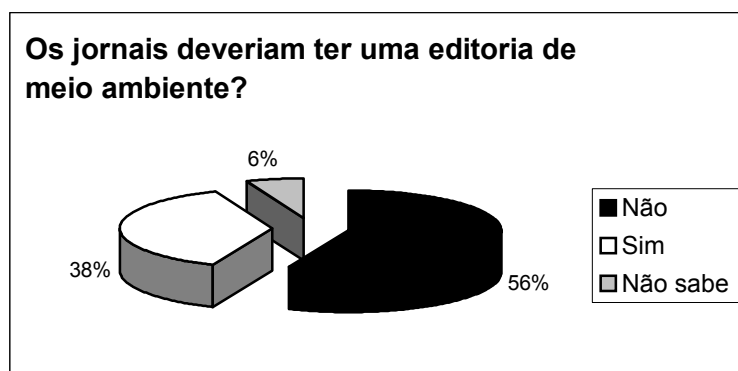
“Num plano ideal, que não existe, seria sobre justiça ambiental, para que esse público, que tem pouca voz, que sofre mais que a gente com a degradação ambiental, seja ouvido. O jornal vende mais com desastres, não há mistério nisso. O leitor se interessa mais por tudo que é agudo”. (T.B., Jornal O Globo)

“Na verdade tem que se dar ênfase a tudo. Confesso que tenho ressalva a dar ênfase a iniciativas porque existe muito marketing em cima disso. Quando uma iniciativa é muito legal, acho que tem que dar. Desastre é factual mesmo, é do dia. Por isso acho que o mais importante são conflitos, e não apenas mostrar o lado negativo, mas mostrar como é possível resolver. É possível fazer isso em grande escala, replicar? Não só focando no conflito em si”. (M.V., Jornal Folha de São Paulo)

O tema merece uma editoria específica?

Uma questão que divide os jornalistas ambientais é se os jornais deveriam ter uma editoria específica para meio ambiente. Entre os que defende está o argumento de que só assim o tema teria um espaço cativo e profissionais especializados para essa cobertura; entre os que são contra, prepondera a idéia de que meio ambiente é um assunto transdisciplinar, que deveria ser tratado adequadamente por quase todas as editorias por ter uma forte interface com assuntos como economia, política, cultura... Dentre os jornalistas pesquisados também permanece a dúvida, sendo que 56% são desfavoráveis à criação de uma editoria de meio ambiente, enquanto que 38% apóiam e 6% não sabem se vale a pena (Gráfico 38).

Gráfico 38 – Os jornais deveriam ter uma editoria de meio ambiente?



O depoimento daqueles que defendem é que assunto é muito importante, que há espaço para o tema na grande mídia e que, inclusive, os jornais já estão caminhando para isso. Afirmam, também, que principalmente os jornais locais poderiam dar maior ênfase ao assunto, abrigando uma editoria. Alguns, apesar de defenderem, são mais realistas e acreditam que não há interesse por parte dos donos dos jornais.

“Sim deveria. Porque além de ser assunto muito importante está muito em pauta, tem que ter atenção especial, sob pena de perder algo importante”. (L.F., Jornal O Globo)

“Poderia até ter, mas não há como. No jornal que trabalho não há interesse. Também não justifica ter profissionais só para isso. Acho que é até uma idéia interessante, mas não funciona na prática. Acaba ficando na geral mesmo”. (D.G., Jornal Estado de São Paulo)

“Acredito que sim, se não uma editoria, um setor pelo menos. Acho que seria bom para despertar consciência ecológica entre os setores. Meio ambiente hoje é feito por pessoas que gostam, não é um setor do jornal. Em geral são os jornalistas que possuem um interesse pessoal”. (P.R.A.,

Jornal O Globo)

“Acho que é o futuro, caminhamos para isso. Aqui tem uma coisa um pouco assim, a Ciência fala sobre meio ambiente também. Aqui na Rio eu sou o setorista. Aqui estamos avançando, o caminho esse”. (T.B., Jornal O Globo)

“Há muito tempo acho que sim. Tem assunto para isso. Acho que não vai ser tão denso como economia, mas dá pelo menos uma página diariamente. Tem editoria para ciência, cidade, política, cultura, porque não ter para meio ambiente. Principalmente os jornais locais, onde você vive, deveriam ter uma editoria própria. O dia, o extra... Já passou da hora de ter”. (L.F., Jornal Folha de São Paulo)

Dentre os que não apóiam há posturas céticas, que afirmam que o tema não é de interesse da população como um todo, que não vende jornal, que não seria um bom investimento para os veículos e que os jornalistas acham o tema chato. Por outro lado, há os que acreditam que melhor que uma editoria própria seria cada editoria ter especialistas em meio ambiente, trabalhando de forma integrada com os demais assuntos.

“No nosso caso não é necessário porque temos espaço para o tema em várias editorias. Depende do veículo. Seria uma estrutura a mais que de repente ficaria ociosa, pensando bem acho que não é necessário”. (E.S., Jornal Estado de São Paulo)

“Ainda trabalhamos muito com o factual e não teria tanto assunto para justificar uma equipe. Talvez uma coluna semanal ou duas vezes por semana já fosse suficiente”. (M.E.A., Jornal O Globo)

“Aqui temos profissionais específicos. Acho que sou a favor do produto, acho que só deve ter uma editoria própria se for uma demanda dos leitores. O jornal tem cumprido seu papel de forma bem razoável. O jornal tem que ter boa leitura, tem que ter notícia, tem que ser legal...Tem interesse privado mesmo, é uma empresa. O jornalista ainda acha chato matéria de meio ambiente, pode até dizer que não, mas acha”. (A.G., Jornal O Globo)

“Tendo a achar que não. Acho que o meio ambiente deveria ter um espaço cativo, em cada editoria. Uma boa matéria por semana, pelo menos. Não uma editoria específica. Acho que cairíamos no erro de desvincular o meio ambiente de outros assuntos...” (M.V., Jornal Folha de São Paulo)

“Acho que não, precisa sim ter bons setoristas. Acho que faz parte de tudo, no fim das contas. No mundo ideal a editoria de economia poderia ter alguém que tivesse um conhecimento mais profundo sobre uso sustentável, pelo viés econômico. Aqui em cidade temos uma demanda que é

suprida por vários repórteres interessados em certos temas ambientais”. (I.P., Jornal Estado de São Paulo)

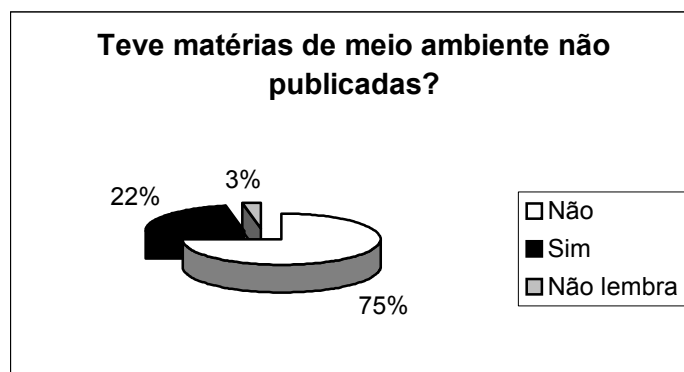
“Os grandes jornais já pensaram nisso. Uma vez certo editor me disse que ‘Árvore não vende jornal’. Então eu disse a ele: te coloco embaixo de uma na hora que um madeireiro estiver cortando e vamos ver se vende”. (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

“Acho que não. Na verdade meio ambiente deveria estar em todas as coisas, em negócios, em cultura, em cidades... Talvez uma editoria restringisse. Mas deveria ser fortalecido, deveria ter alguém mais antenado com meio ambiente em todas as editorias... Mas nunca vai ter isso. Cada vez mais está se reduzindo o número de jornalistas na redação”. (T.D., Jornal Folha de São Paulo)

Teve notícias não publicadas?

Outra questão levantada foi se os entrevistados já haviam tido alguma notícia de meio ambiente não publicada pelo jornal (alguma matéria que “caiu”) e qual o motivo alegado para tal. Do total, 75% afirmaram que não tiveram notícias não publicadas, enquanto que 22% já passaram pela situação (Gráfico 39).

Gráfico 39 – Teve notícias de meio ambiente não-publicadas?



A maioria fez questão de ressaltar que esse não é um hábito dos jornais. Quando o repórter sai para fazer uma reportagem ele já sabe que haverá espaço para ela, segundo os entrevistados. Quando as notícias caem, segundo eles, é por falta de espaço, ou porque ocorreu algo muito mais importante no dia que tomou o lugar, ou ainda porque a notícia não estava boa.

“O que acontece é que posso fazer uma matéria pensando em meia página, principalmente para as colunas diárias, e ter uma desgraça grande naquele dia, uma chacina, mais importante, e o espaço ficar reduzido. Na verdade, a matéria sobre meio ambiente não deixa de ser um respiro no meio do noticiário, aquela coisa da plantinha verde, para equilibrar a edição e não só mostrar desgraça”. (L.F., Jornal O Globo)

“Não há censura ao assunto. Às vezes cai ou porque não é boa, ou por falta de espaço. Em geral os editores gostam, se for uma boa matéria. Há dez anos era mais difícil emplacar uma matéria sobre meio ambiente, ninguém queria”. (A.G., Jornal O Globo)

No entanto, alguns jornalistas afirmaram ter notícias cortadas por afetar interesses publicitários ou locais.

“Fiz uma vez um levantamento sobre a Sudam, sobre desvio etc e tal, projetos que degradaram... Fiz um levantamento mostrando o prejuízo que tinham causado às populações nesses locais, mortes, poluição, doença, mostrando o prejuízo social, que era maior que o econômico. Os editores entenderam que aquilo tinha repercussão negativa junto aos anunciantes e não publicaram. (...) Tenho várias histórias do tempo da ditadura.” (C.M., Jornal Estado de São Paulo)

“Sempre o motivo é mesmo. Eles alegam falta de espaço. Eles dizem que não censuram nada. Às vezes eles dizem que não saiu porque não se ouviu o outro lado, como no acidente da Petrobrás... Por outro lado, tem vezes que a matéria não sai e vai para a agência, e acaba saindo em jornais menores, que compram material da agência”. (L.F., Jornal Folha de São Paulo)

Quais as principais fontes?

Para os jornalistas entrevistados as melhores fontes para as notícias que envolvem a questão ambiental são as Ongs (36%) que, segundo eles estão mais próximas da causa ecológica e são mais isentas que as empresas ou órgãos públicos, que muitas vezes têm interesses diretos na questão. Em segundo lugar aparecem empatados as Universidades (23%) e os órgãos públicos (23%) (Gráfico 40).

Tabela 8 – Quais as principais fontes para as notícias de meio ambiente?

Principais fontes para os jornalistas	Percentual
ONGs	36%
Universidades	23%
Órgãos Públicos	23%
Ambientalistas	8%
Sociedade Civil	6%
Fontes internacionais	2%
Empresa	2%

Vários ressaltaram que é fundamental ouvir quem está diretamente ligado à questão, como as ONGs, os ambientalistas ou a sociedade civil, que muitas vezes sobrevive

daquilo.

“As principais fontes são as pessoas que estão onde a notícia está. Tendemos a fazer jornalismo de gabinete, mas as melhores matérias são feitas in loco, com as pessoas que estão no local, percebendo a mudança do meio ambiente”. (*A.G.*, *Jornal O Globo*)

“Vejo se a fonte tem interesse direto no assunto, se não tiver envolvimento direto passo a ter mais confiança... Às vezes numa matéria faço até com quatro fontes diferentes, uma mesma informação, com interesses diferentes... Normalmente os jornalistas só usam duas, uma a favor e uma contra. Dá mais trabalho, mais é sempre gratificante. Uso muito as ONGs. Tenho um dossiê aqui das Ongs da Amazônia, tem uns pilantras aqui que não uso como fonte, vou naqueles que tem um trabalho sério. Gosto muito do Greenpeace. É uma fonte valiosa de informação”. (*C.M.*, *Jornal Estado de São Paulo*)

“As pessoas que vivem daquilo (por exemplo, pescadores etc..) são as principais fontes a serem ouvidas. Elas estão no lugar, os caras da Lagoa sempre me ligam quando está para acontecer alguma mortandade de peixes, eles sabem tudo. Ouço também Governo (é uma fonte oficial), empresas e universidades (versão técnica). Não gosto de burocratas”. (*P.F.*, *Jornal O Globo*)

“ONGs, grande parte das pautas ambientais vem delas; algumas vezes vêm de universidades; o deputado Carlos Minc – muita coisa que cobrimos vem dele para a gente, ele é uma pauta ambulante”. (*M.E.A.*, *Jornal O Globo*)

Alguns afirmaram que não há opção por uma fonte específica, depende do assunto, da notícia, das circunstâncias.

“Ouço desde lá na ponta, personagens, as indústrias, o governo. Acho que não tem fonte principal, tento ouvir todos”. (*M.S.*, *Folha de São Paulo*)

Um caso a parte: a série sobre o rio Paraíba do Sul

Um dos exemplos mais interessantes do período em que foi realizada a pesquisa foi a série de oito reportagens publicadas pelo jornal O Globo sobre a situação do Rio Paraíba do Sul. A série foi de um domingo a outro. Começou com grande foto na capa e com reportagem de duas páginas, mostrando a situação crítica em que este rio, fundamental para o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro, se encontra. A cada dia eles enfocavam um aspecto da situação e faziam referência à série, falando das que foram publicadas e chamando para a notícia do dia seguinte. Sempre com notícias de grande destaque (no

mínimo meia página), infográficos e grandes fotos.

Segundo o jornalista que produziu a série, setorista da área de meio ambiente de sua editoria, as informações foram reunidas ao longo do tempo com fontes dele, e culminou com uma viagem de uma semana descendo o rio.

“Fomos reunindo uma série de informação sobre o rio, que eu apurei, por conta própria, com fontes minhas. A idéia era fazer uma grande reportagem, quando viajei para descer o Paraíba todo, desde quando entra no estado até desembocar no mar. A viagem rendeu muita coisa. Tinha muito material interessante, de entrevistas locais”. (T.B., Jornal O Globo)

Foi a primeira série na área ambiental produzida pelo jornal, segundo o repórter. O assunto foi focado pelos seus aspectos sociais, econômicos, políticos e ambientais, de uma forma muito completa. Só uma série de várias reportagens seria capaz de cobrir um assunto com tamanha profundidade. Isso seria impossível em uma notícia pequena. Outro aspecto interessante é o fato de prender o leitor para a edição do próximo dia.

“Quando voltei conversei com meu editor e ele achou interessante fazer a série. Umas quatro vezes por ano o jornal faz uma série sobre algum tema. Na área ambiental não me lembro de outra, acho que foi a primeira. Alguns assuntos aqui acabaram se transformando em série. O vazamento da Empresa Cataguases, como o jornal fez todos os dias acabou se tornando uma série, mas não foi trabalhada como a do Paraíba do Sul, foi provocada por uma notícia factual”. (T.B., Jornal O Globo)

Uma informação importante dada pelo jornalista é que o editor dele é sensível à questão ambiental e isso facilitou muito a aprovação da pauta e o grande espaço que foi destinado a ela.

“O meu editor tem muita ligação com o jornalismo ambiental, editou Globo Ecologia muito tempo, tem visão privilegiada em relação a outros editores de geral”. (T.B., Jornal O Globo)

Um exemplo a ser seguido, mas que infelizmente só ocorreu em virtude do interesse pessoal do repórter pelo tema recursos hídricos e pela simpatia de seu editor pela questão.

5.3 Cruzando dados: entrevistas X textos publicados

Este capítulo tem como objetivo analisar se a compreensão dos jornalistas sobre a questão ambiental reflete-se nas notícias produzidas pelos mesmos. Para tal foi feita uma

análise representacional livre entre os depoimentos dos jornalistas e o tópico referente à análise das notícias produzidas pelos mesmos.

Em relação à forma como a natureza é apresentada, as falas dos entrevistados deixam claro um olhar sistêmico, que situa o homem como parte da natureza, que a degrada e ao mesmo tempo depende dela para sua sobrevivência. As notícias produzidas por eles, em sua maioria são de cunho factual e não deixam claro nenhum conceito de meio ambiente. Algumas mostram a relação do tema com aspectos econômicos, sociais e ambientais da vida urbana, principalmente. Isso demonstra que os jornalistas são mais holísticos em suas falas que nos textos produzidos. Entretanto, isso pode ser apenas um reflexo do modo de fazer jornalístico, que em busca de uma suposta subjetividade prioriza as notícias e textos mais factuais.

Cerca de 35% das notícias produzidas por eles apresentam a natureza enquanto fauna e flora, enquanto preservação do verde e dos animais. Nos depoimentos dos jornalistas, entretanto, a grande maioria afirmou que não vê a causa ambiental como uma questão de árvore e bicho, o que não se reflete na produção dos mesmos. Há uma tendência mais positiva nas falas dos jornalistas que em seus textos sobre a questão ambiental, enfatizando, em sua grande maioria, o lado da degradação, da destruição.

Há, porém, tanto na fala dos jornalistas, quanto nos textos por eles redigidos, um enfoque biocêntrico, onde a natureza é vista como algo que deve ser preservado para o bem da humanidade. O homem vem atuando sobre ela como grande degradador.

A esperança que alguns entrevistados demonstraram em torno da atual política ambiental do país não se reflete em nenhum momento nas notícias clipadas, que dão ênfase aos aspectos negativos da política ambiental e em relação aos governos.

A grande ênfase em aspectos locais (em detrimento dos globais) aparece tanto na fala dos entrevistados, quanto em seus textos. São poucas as notícias estudadas que fazem uma relação com os aspectos globais da questão ambiental. Da mesma forma, os jornalistas ao exemplificarem as questões abordadas citam, em sua maioria, situações de seu cotidiano, de sua vivência enquanto repórter que tem uma atuação em nível local. A problemática ambiental, entretanto, deve interagir nos dois níveis, como ficou registrado na frase mais famosa da Agenda 21: pensar globalmente, agir localmente.

A idéia de calamidade, de que o planeta está caminhando para uma situação irreversível, é outro ponto que aparece com força tanto na fala dos jornalistas, quanto nos

textos. Há também inferências sobre a natureza ser poderosa e vingativa. Algumas notícias indicam que a natureza deve voltar para “buscar o que o homem lhe tomou”, idéia também representada em alguns depoimentos.

Em um dos depoimentos sobre o item biodiversidade, um jornalista afirma que o Cerrado é considerado um bioma com poucas espécies. Informação completamente equivocada, mas que deixa transparecer o preconceito e a falsa idéia que se têm de que o Cerrado e a Caatinga não são ambientes naturais que merecem proteção. De certa forma essa idéia se reflete também nas notícias, as quais várias citam os biomas Amazônia e Mata Atlântica e pouquíssimas tratam dos biomas em questão.

Em relação às fontes de informação, na opinião dos jornalistas as que deveriam ser mais consultadas são as ONGs (36%), as universidades (23%) e os órgãos públicos (23%). Este dado não se reflete nas notícias publicadas, onde em primeiro lugar aparecem os órgãos e instituições públicas (32%) e em segundo, empatados, a sociedade civil (11%) e os movimentos sociais e ONGs (11%). Ou seja, há uma grande diferença entre o que eles gostariam de fazer e o que ocorre, de fato, na prática diária da redação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comparada com uma indústria química, por exemplo, a imprensa é pouco poluente. Jornais, revistas, TVs, rádios e sites agredem o meio ambiente mais com a produção de lixo doméstico do que com substâncias tóxicas. Lixo (aquilo que se rejeita ou descarta), porém, não é feito só de matéria física. Engloba também material intelectual, informações e desinformações. Diariamente, vão para o esgoto grandes idéias para reportagens aprofundadas, sérias e inteligíveis sobre o meio ambiente – temática vasta que afeta narinas, bocas, olhos, ouvidos, pele e inteligências. Há também as matérias que vão par ao ar e se afogam no raso por falta de oxigenação (VILAS BOAS, 2004, pág. 7)

Verificar qual o argumento preponderante sobre a questão ambiental difundido nos jornais impressos em termos de argumentos econômicos, científicos, sociais, socioambientais e ecológicos utilizados foi um dos principais objetivos dessa pesquisa. Numa linguagem como a de Vilas Boas (2004), teve como intuito conferir se há produção de lixo intelectual e qual a sua intensidade. A partir da análise do material coletado pôde-se concluir que há uma carência enorme de uma produção jornalística mais aprofundada na área de meio ambiente, mais educativa, que incentive a construção de conceitos voltados para a sustentabilidade, voltados para a percepção do homem com parte da natureza, logo, responsável por ela. Há uma grande produção de lixo jornalístico sim, no momento em que a mídia enfoca apenas o aspecto factual das notícias ambientais. Após seu consumo (após sua leitura), não tem mais valor, serve apenas ao descarte, ou “para embrulhar peixe”.

A pesquisa mostrou, também, que há carência de formação na área ambiental por parte dos jornalistas, e isso pode ser um grande indicador para o enfoque da produção apresentada por esses profissionais. Aponta, também, para uma necessidade de maior oferta de cursos na área (assim como existem vários cursos de economia e direito para jornalistas, por exemplo) e para a introdução do tema ainda nas escolas de comunicação, mesmo que enquanto uma disciplina eletiva, com o objetivo de formar uma nova geração de jornalistas-cidadãos. Recentemente, na lista de discussão na internet da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental um dos participantes pediu sugestões de cursos, pois estava interessado em cursar algum. Foram pouquíssimas as indicações. O espaço está aberto, há interesse por parte dos profissionais (cerca de metade dos entrevistados demonstraram interesse em realizar cursos na área), basta agora as instituições ou profissionais

especializados (que já possuem uma bagagem) se organizarem para tal tarefa.

A sensibilização dos profissionais de mídia para participarem de redes interativas pode ser outro caminho interessante na busca da capacitação profissional e da ampliação do horizonte temático em meio ambiente. Dentre os entrevistados nesta pesquisa apenas um faz parte da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, e não por acaso as respostas mais aprofundadas e consistentes sobre o tema vieram deste jornalista. Em redes como esta é possível debater assuntos que estão na ordem do dia, ouvir diferentes opiniões e olhares sobre os temas, obter informações mais aprofundadas por parte de profissionais que já cobriram o assunto ou que têm mais conhecimento e, ainda, obter indicações de confiáveis fontes de informação.

Ficou claro que além de uma desinformação muito grande sobre determinados assuntos (especialmente quando eles começam a avançar a fronteira do biológico, como os temas aquecimento global e biodiversidade, por exemplo), há também profissionais falando muita besteira. O fato de não ter conhecimento sobre algum tema não é desmerecimento algum (todos somos leigos em muitas coisas), e muitos profissionais foram bastante sinceros ao preferir não responder tópicos sobre os quais não tinham informações. Entretanto, alguns tentavam responder, mesmo navegando num mar desconhecido para eles. Daí surgiram frases absurdas como “o pantanal tem a maior biodiversidade do planeta” ou “o cerrado tem poucas espécies”.

O tema em que os jornalistas demonstraram maior desinformação foi a Agenda 21. Impressiona como um dos principais documentos da Eco-92 consegue passar despercebido para a grande maioria dos profissionais de imprensa que costumam cobrir notícias sobre meio ambiente. Quase ninguém sabe qual o destino dado ao documento, se há ações para implementá-lo ou não. Por outro lado, isso demonstra que não há uma política pública consistente de divulgação das ações ambientais, visto que o governo é o principal responsável por sua implementação. Poderia ser feito um bom trabalho de conscientização da mídia para o tema. Em 2004 o Ministério do Meio Ambiente criou um Grupo de Trabalho de Comunicação Ambiental, para justamente ampliar a discussão sobre o assunto com a sociedade civil organizada e estabelecer políticas para a área. Entretanto esse grupo até hoje não saiu do papel do diário oficial.

Olhando agora para o conteúdo das notícias publicadas, conclui-se que elas apresentam a natureza tendo uma relação direta com a sociedade, enfocando, porém, o

aspecto negativo dessa relação: a destruição ambiental afetando a vida das pessoas e a economia, responsável também por tragédias. O homem é apresentado sempre como o responsável por essa situação, o grande degradador. Não chega a se tratar de informações erradas, porque realmente o homem e seu estilo de vida são as principais causas da atual situação ambiental. Entretanto, outros fatores que envolvem essa trama não são abordados, nem de forma indireta, como, por exemplo, o fato de que há aspectos macroeconômicos do capitalismo que foge à ação do cidadão comum, forças econômicas mais fortes que age fortalecendo um estilo de vida consumista, que degrada o ambiente; ou ainda uma abordagem que mostre que o homem pode também ser o responsável pela recuperação do ambiente e pela preservação do que ainda resta. Neste prisma, as notícias apresentaram a relação homem X natureza com uma visão mais de interdependência, do que um sendo parte do outro (sendo um todo).

Muitos textos mostram a destruição da meio ambiente (pelo homem) afetando o modo de vida da população, como no caso da poluição das águas e do ar. Outros, entretanto, apresentam a natureza como poderosa, como a grande mãe, que deve ser protegida e preservada, mas que tem força suficiente para se vingar dos homens quando quiser, dando enfoque ao lado biocêntrico.

Ao verificar a concepção de meio ambiente para os jornalistas de mídia impressa e suas opiniões sobre assuntos correlatos a pesquisa concluiu que seus depoimentos mostram uma visão mais sistêmica sobre a questão do que seus textos. Diferente da opinião que a autora tinha sobre essa visão dos jornalistas, eles demonstraram ter um olhar amplo do assunto (mesmo que pouco aprofundado), percebendo que o homem é parte deste meio e que hoje a questão ambiental é inevitavelmente uma variável a ser considerada em todos os aspectos. Mostraram, também, a idéia de uso sustentável dos recursos naturais em suas falas, numa visão bastante utilitarista até. Esses profissionais percebem que não há como deixar a natureza intocável, o homem precisa dela, mas precisa também desenvolver formas de utilizá-la, garantindo sua permanência para as gerações futuras.

Em relação à quantidade de textos e tamanho, percebe-se que há bastante espaço destinado ao tema atualmente nos jornais, diferentemente do que alguns possam imaginar (apesar de haver um sentimento entre os jornalistas ambientais de que a mídia não dá espaço para o tema). O que é premente, entretanto, é uma mudança de enfoque no conteúdo.

O fato de a pesquisa ter englobado de uma forma mais genérica tanto jornalistas que costumam cobrir o tema, como outros que estavam pela primeira vez com uma pauta ambiental nas mãos foi enriquecedor para o trabalho, especialmente considerando que hoje as notícias sobre o assunto estão espalhadas pelas várias editorias dos jornais (como comprovou a pesquisa) e que qualquer profissional pode estar cobrindo a questão. Talvez se tivessem sido entrevistados apenas os setoristas de meio ambiente as repostas não seriam tão ricas e a pesquisa não teria cumprido a sua função.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ALBUQUERQUE, Afonso de. "O conceito de espetáculo político". **ECO** - Publicação da Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 1, n. 1, p. 9-27. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. "Crise ambiental, crise da modernidade: uma questão ética contemporânea". **ECO** - Publicação da Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 4, n.1, p.69-74. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

AMORIN, José Salomão D. "A questão ambiental e os desafios à comunicação". In DENCKER, Ada de Freitas Maneti & KUNSCH, Margarida Maria Khroling (orgs). **Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e Faculdade de Comunicação Social São Bernardo do Campo, Coleção Intercom n.5, 1996, Págs. 33-40.

ANDRADE, Thales de. "Cultura do espetáculo e estetização ao ambiente". **Ambiente e Sociedade**, publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam/Unicamp). Ano II, n. 3 e 4. Campinas, Unicamp, 1998/1999.

ARGOLO, José A. Alberto Dines, além do tempo jornalístico. In PAIVA, Raquel (org.). **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, págs. 9 -27.

BACCHETTA, Victor L. (coord.). **Ciudadania Planetaria: Temas y desafíos del periodismo ambiental**. Montevideo: International Federation of Environmental Journalists (IFEJ) y Fundación Friedrich Ebert, 2000.

_____. Perfil del periodista ambiental. **Sala de Prensa**, n. 42, abril 2002, año IV. Disponível em <<http://www.saladeprensa.org/art340.htm>>. Acessado em 08/09/2002.

_____. **Desafios del periodismo de investigación en América Latina**. Texto apresentado na mesa redonda "Antecedentes y propuestas para investigar temas de medio ambiente en América Latina", no encontro de jornalistas organizado pelo Instituto Prensa y Sociedad (IPYS), do Perú, em abril de 2004, em Buenos Aires. Disponível em <<http://www.redcalc.org/leer.php/10>>. Acesso em 27/08/2004.

BARBOUR, Ana Maria Alves. **Jornalismo Ambiental**. Monografia de graduação. Curso de Jornalismo, Faculdade de Comunicação e Filosofia. 2003

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Antonio Teixeira de. "Ecologia em revistas: análise de conteúdo das revistas *Veja* e *Isto É* nas décadas de 1970 a 1990". **Ciberlegenda**, Revista eletrônica do curso de mestrado em comunicação da Universidade Federal Fluminense, número 4. Niterói, UFF,

2001. Disponível em <<http://www.uff.br/mestcii/teixeira.htm>>. Acessado em 24/07/2004.

BAUER, Martin & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERNA, Vilmar. Educación ambiental y Ciudadanía. In BACCHETTA, Victor L. (coord.). **Ciudadania Planetaria: Temas y desafíos del periodismo ambiental**. Montevideo: International Federation of Environmental Journalists (IFEJ) y Fundación Friedrich Ebert, 2000, págs. 21-24.

BOURDIER, Pierre. **Bourdier desafia a mídia internacional**. Disponível em <http://www.rits.org.br/rets/edicoes_a/ed300500_2/re_editorial.cfm>. Acesso em 28/01/2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª edição. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

BRASIL, Sergio de Souza. A Internacionalização na produção das informações. In **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande, Letra Livre, 1997.

BURKETT, Paul. Marx and Nature: a Red and Green Perspective. **Journal of Economic History**. Disponível em <<http://www.columbia.edu/~lnp3/mydocs/ecology/burkett.htm>>. Acesso em 04/03/2002.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: navegando por um conceito e por uma prática**. Disponível em <<http://www.agricoma.com.br>>. Acesso em 11/10/2004.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves *et al.* Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações Rurais e Agroindustriais - Revista Eletrônica de Administração da UFLA**, Lavras, MG, volume 5, número 1, janeiro/junho de 2003. Disponível em <http://dae2.ufla.br/revista/2003_n1_a6.htm>. Acesso em 26/08/04.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. “Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21”. In TRIGUEIRO, André (coord). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 19-33.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

COIMBRA, Ana Albuquerque Queirós. **Investigação qualitativa: pressupostos epistemológicos de base, diferenças entre as metodologias qualitativas e quantitativas**. Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Bissaya

Barreto (Portugal). Disponível em <http://www.anaqueiros.com/spip/IMG/doc/TEXTO_1.doc>. Acesso em 13/01/2005.

CRESCO, Samira *et al.* **O que o brasileiro pensa do meio ambiente, do desenvolvimento e da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: MAST, ISER, MMA, MCT, 1998.

_____. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável**: pesquisa com lideranças. Rio de Janeiro: ISER e MMA, 2002.

_____. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável**: pesquisa nacional de opinião. Rio de Janeiro: ISER e MMA, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DUARTE, Lucia. “Ética ambiental e comunicação: considerações pragmáticas”. In: FREITAS, Ricardo Ferreira e LUCAS, Luciane (org). **Desafios contemporâneos em comunicação**: perspectivas de Relações Públicas. São Paulo: Summus, 2002. p. 139-159.

EISLER, Riane. **A deusa da natureza e da espiritualidade**: um manifesto ecológico. In: Todos os nomes da deusa. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ELHAJJI, Mohammed. Por um jornalismo auto-reflexivo. In PAIVA, Raquel (org.). **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, págs. 117-131.

ENCALADA, Marco A. La prensa y la conservación en las Galápagos. **Chasqui**, Quito, número 74, 2001. Disponível em <<http://chasqui.comunica.org/>>. Acesso em 08/09/2002.

EWERTON, Fernando. “Jornalismo, discurso, representação”. **ECO** - Publicação da Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 1, n. 1, p.29-41. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

GARCIA, Ricardo. **What is different about green news?** A reflection on environmental reporting. Reuters Foundation Programme at Oxford, July 2000.

GIACOMINI FILHO, Gino. **Ecopropaganda**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (dês) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2001, 8ª ed.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990, 10ª ed.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

KHAMMEL, Ali. “Vida longa para os jornais impressos”. **Pré textos**, revista eletrônica da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 1997. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/pretextos/khammel.html>>. Acesso em 12/01/2005.

LEIS, Héctor Ricardo. **O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização**. São Paulo, Gaia / Blumenau, Fundação Universidade de Blumenau, 1996.

LEITÃO FILHO, Pedro Wilson. **O que o brasileiro pensa da ecologia: a tese**. 1996. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

LOPES, Sonia Aguiar. Formação da cidadania: comunicação e informação da sociedade. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Cidadania e Meio Ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias**. Tradução de Guilherme João de Freitas e Teixeira. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MORAES, Dênis de. "A dialética das mídias Globais". In **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande, Letra Livre, 1997.

_____ (org). **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande, Letra Livre, 1997.

_____. **Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

MORETZSOHN, Sylvia. A lógica do jornalismo impresso na era do "tempo real". In **Sala de Prensa**, 24 Outubro 2000 Año III, Vol. 2. Disponível em <<http://www.saladeprensa.org/art159.htm>>. Acesso em 08/07/2004.

MOUSINHO, Patrícia et al. **Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais**. Rio de Janeiro: Thex Editora, 1999.

NELSON, Peter. 10 Dicas Práticas para Reportagens sobre Meio Ambiente. Brasília: WWF Brasil, 1994.

NETHER, Jairo Ivã. **Ecojornalismo impresso: análise do jornalismo ambiental em Porto Alegre**. 1998. Monografia de graduação - Universidade Luterana do Brasil / Centro de Educação, Ciências Humanas e Letras, Curso de Jornalismo. Disponível em <<http://www.jornalismoambiental.jor.br/monoeco>>. Acesso em 11/03/2004.

NETO, Antonio Fausto & Pinto, Milton José (orgs). **O indivíduo e as mídias - ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PAIVA, Raquel (org.). **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, págs. 117-131.

PAULA, Elaine et al. **Manual para elaboração e normalização para dissertações e teses**. Rio de Janeiro: Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI), UFRJ, Série Manuais de Procedimentos n.5, 2004.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

QUEIROZ, Ana Albuquerque. **Análise de conteúdo**. Disponível em <http://www.anaqueiros.com/img/doc/analises_dos_dados_texto_orientador_fev_2004-2.doc>. Acesso em 24/07/2004.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995.

REIGOTA, Marcos (org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar: pensando o ambiente humano**. Belo Horizonte: Rona, 1998.

RYGAARD, Cíntia. **Ascensão, declínio e retomada do verde na mídia**. 2002. Monografia de graduação. Disponível em <www.jornaldomeioambiente.com.br>. Acesso em 18/02/2004.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SODRÉ, Muniz. "O discurso da Neobarbárie". In **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande, Letra Livre, 1997.

_____. **Reiventando a cultura - a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, Vozes, 1996.

TRIGUEIRO, André (org.). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VAIA, Sandro. "**Vícios e virtudes do jornalismo Brasileiro**". Palestra proferida em 17 de maio de 1996 sobre o tema "A questão da mídia: vícios e virtudes do jornalismo brasileiro" dentro do seminário "A imprensa em Questão", promovido pelo Lbjor/Unicamp em parceria com a Fiesp. Disponível em <<http://www.igutenberg.org/analisis10.html>>. Acesso em 07/01/2005.

VERON, Eliséo. “L’analyse du ‘contrat de lecture: pour une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports presse”. In **Les médias, expériences, recherches actuelles, applications**. Paris: IREP, 1983.

VIEIRA, Lizt. **Ambiental, social, econômico: a trindade partida**. Disponível em <<http://www.liztvieira.pro.br>>. Acesso em 28/01/2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental: evolução e perspectivas**. Imprensa e Pantanal – Laboratório Ambiental de Jornalismo. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 29 a 31 de outubro de 1997. Disponível em <<http://www.ecoagencia.com.br>>. Acesso em 11/03/2004.

_____. **I Congresso de Ecojornalistas em Paris**. In AgirAzul n. 10, 1995. Disponível em <<http://www.agirazul.com.br/agirazul/AA10/roberto.htm>>. Acesso em 03/01/2005.

VIOLA, Eduardo e LEIS, Héctor. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia global viável. In: **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2001, 3ª ed. P. 134-160.

8. ANEXOS

8.1 Questionário utilizado nas entrevistas com os jornalistas

Programa de Pós-Graduação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ

Pesquisa: jornais e meio ambiente

Mestranda: Márcia Soares da Silva

Orientadora: Professora Priscila Kupperman

Questionário para jornalistas

1) Nome:

Jornal:

Editoria:

2) Dados pessoais

Idade:

Sexo:

Cidade em que reside:

Qual a sua formação superior?

Quando e onde se graduou?

Fez algum tipo de curso de atualização ou especialização profissional depois de formado?

Qual?

3) BLOCO 1: Formação do jornalista

1. Fez algum tipo de capacitação na área ambiental? Qual?
2. Caso negativo, gostaria de fazer? Por quê?
3. Já participou de algum evento sobre o tema (seminário, simpósio, workshop etc...)?
4. Você lê regularmente, ou já leu, livros sobre meio ambiente? Destacaria algum (ns)?
5. Lê ou consulta regularmente publicações ou sites especializados em meio ambiente? Quais?
6. Conhece a Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais (RBJA)? Caso positivo, faz parte?

4) BLOCO 2: Concepção de meio ambiente

PARTE 1

7. Para você o que é meio ambiente?
8. E ecologia?
9. Para você há alguma relação entre meio ambiente e política? Qual?
10. E entre meio ambiente e economia? Qual?

11. O que você entende por desenvolvimento sustentável?
12. O que você entende por transgênicos?
13. O que você entende por biodiversidade?
14. O que você entende por aquecimento global?
15. Na sua opinião, o que foi a Eco-92?
16. O que você entende por Agenda 21?
17. Na sua opinião, as questões ambientais ajudam ou atrapalham o desenvolvimento do Brasil?
18. Fora da redação, falando de sua vida pessoal, você participa (ou já participou) de algum movimento ambiental (ong, campanha etc...)? Em caso positivo, qual? Por quê? Em caso negativo, por quê não?

PARTE 2 (pesquisa o que o brasileiro pensa... – Iser/MMA)

19. Cite os três maiores problemas ambientais de sua cidade, na sua opinião?
20. Cite os três maiores problemas ambientais do Brasil, na sua opinião?
21. Cite os três maiores problemas ambientais do planeta, na sua opinião?
22. Estaria disposto a conviver com mais poluição se isso trouxesse mais emprego.
 - a. Concorda:
 - b. Discorda:
 - c. Não concorda, nem discorda:
 - d. Não sabe/ não opina sobre:
23. A preocupação com o meio ambiente no Brasil é exagerada.
 - e. Concorda
 - f. Discorda
 - g. Não concorda, nem discorda
 - h. Não sabe, não opina sobre
24. “O Brasil tem uma natureza tão rica que não precisa controlar a exploração de seus recursos naturais como outros países”.
 - i. Concorda
 - j. Discorda
 - k. Não concorda, nem discorda
 - l. Não sabe, não opina sobre
25. “A natureza é sagrada e o homem não deve interferir nela”
 - m. Concorda
 - n. Discorda
 - o. Não concorda, nem discorda
 - p. Não sabe, não opina sobre
26. “O crescimento econômico deve ter prioridade sobre o meio ambiente”
 - q. Concorda
 - r. Discorda
 - s. Não concorda, nem discorda
 - t. Não sabe, não opina sobre
27. “Os países ricos são os principais responsáveis pela atual destruição da natureza”
 - u. Concorda
 - v. Discorda
 - w. Não concorda, nem discorda

- x. Não sabe, não opina sobre

5) BLOCO 3: Processo de produção da notícia

PARTE 1: processo produtivo

28. Quanto tempo em média você tem para produzir uma notícia desde que a pauta é aprovada?
29. Quantas notícias, em média, você costuma escrever por semana?
30. Você costuma fazer pesquisa antes das entrevistas, para escrever as notícias?
31. Caso positivo (ou de vez em quando) que recursos mais utiliza para realizar essas pesquisas?
32. Caso negativo (ou de vez em quando), qual o motivo, em geral?

6) PARTE 2: avaliando notícias específicas

Considerando a (s) notícia (s): XXXXXXXXXX

33. Como chegou até você a pauta da (s) notícia (s) citada (s)?
 - a. Eu sugeri o assunto, fruto de minha observação pessoal
 - b. Recebi um release sobre o tema e achei interessante
 - c. O editor ou chefia de reportagem me passou a pauta
 - d. O pauteiro me passou
 - e. Outro:
34. A (s) notícia (s) foi (am) alterada (s) pelo editor? Caso positivo, que tipo de alteração foi feita? Qual a justificativa?
35. Quem elaborou o título da notícia?

7) PARTE 3: notícias de meio ambiente em geral

36. Que tipo de notícia sobre meio ambiente você acha que os jornais deveriam dar mais ênfase:
 - a. Sobre desastres e problemas ambientais
 - b. Sobre experiências inovadoras, sucessos de projetos ambientais, iniciativas que demonstrem preocupação com o meio ambiente.
 - c. Sobre conflitos socioambientais
 - d. Outro tipo:
37. Por quê?
38. Na sua opinião, o tema meio ambiente deveria ter uma editoria específica? Por quê?
39. Já teve notícias sobre meio ambiente não-publicadas? Qual o motivo alegado?
40. Na sua opinião, quais são as principais fontes para as notícias que envolvem a questão ambiental? Por quê?

8.2 Lista dos textos recortados dos jornais

Jornal O Globo				
OBS: Os textos com * foram produzidos pelos jornalistas entrevistados por essa pesquisa				
N.	Data	Título	Editoria	Pág.
1.	05/abr	Lucro verde: turismo e esportes dão a fazendeiros chance de recuperar parte da Mata Atlântica	Razão Social	12
2.	05/abr	Petrobras decide suspender oleoduto por terra	Economia	17
3.	05/abr	Ibama afirma que não impede obras	Economia	17
4.	05/abr	A ajuda ao meio ambiente que dá o maior pedal	Razão Social	15
5.	06/abr	Estado declara guerra à União com multa de R\$50 milhões ao Ibama *	Rio	13
6.	06/abr	INB sofreu vazamento de material radioativo	O País	8
7.	06/abr	Sem oleoduto, menos empregos	Economia	21
8.	06/abr	Canadá volta a permitir matança	Ciência e Vida	30
9.	07/abr	Projeto veta coleta de lixo (capa) / Lei aprovada na Alerj declara guerra ao barulho *	Rio	22
10.	07/abr	Os transgênicos voltam à pauta	Coluna – Tereza Cruvinel	2
11.	07/abr	Zôo: a polícia suspeita de seis funcionários	O país	13
12.	07/abr	Barcelona quer fim das touradas	O mundo	33
13.	07/abr	O mistério de Catarina	Opinião	7
14.	08/abr	Fábrica espalha mau cheiro em Santa Cruz *	Rio	21
15.	08/abr	Amazônia já perdeu 16% de suas florestas	Ciência e Vida	31
16.	08/abr	Sem refúgio, 600 espécies rumam para extinção *	Ciência e Vida	31
17.	08/abr	Groenlândia: degelo pode ser irreversível	Ciência e Vida	31
18.	08/abr	Em Chernobyl, os relógios não contam as horas	2º caderno – Cora Rónai	10
19.	08/abr	A praça é nossa, a conservação idem *	Zona Sul	10
20.	08/abr	Na Urca, população cuida de parque e de jardins vizinhos desde 1994 *	Zona Sul	12
21.	08/abr	Custo de conservação varia de R\$8 a R\$ 10 por metro quadrado *	Zona Sul	13
22.	08/abr	De chafarizes e parques a ilhas *	Zona Sul	13
23.	08/abr	Pernambuco com cheiro de Serra	Boa Viagem	10
24.	11/abr	Paraíba, rio que corre para a morte (capa)/Paraíba do Sul agoniza sufocado em esgoto *	Capa/Rio	24
25.	11/abr	Cataguazes ainda não tratou resíduos tóxicos *	Rio	24

26.	11/abr	Um novo símbolo da extinção/Mico mestiço ameaça a saúde da floresta/Primatas brasileiros *	Ciência e Vida	47
27.	12/abr	Peixes do Rio Paraíba têm deformações (capa) / As aberrações do fundo do Rio Paraíba do Sul *	Capa/ Rio	16
28.	13/abr	Micos-leões estão morrendo atropelados *	Rio	22
29.	13/abr	Sedes de 3 prefeituras poluem Paraíba do Sul	Rio	22
30.	14/abr	Teste mostra que água do Funil mata cobaias *	Rio	23
31.	15/abr	O camarão virou presença rara no Paraíba *	Rio	24
32.	15/abr	Animais passam fome em abrigo da prefeitura *	Rio	25
33.	15/abr	A natureza como parceira	Zona Sul	22
34.	15/abr	Mercado verde cada vez mais no azul	Zona Sul	23
35.	16/abr	A guerra do Paraíba do Sul com o mar *	Rio	25
36.	16/abr	Alerj apura maus-tratos a animais no Rio *	Rio	25
37.	17/abr	Prefeitura, Ibama e MP derrubam bangalôs na mata	Rio	20
38.	17/abr	Cobrança por uso de água alimenta polêmica *	Rio	29
39.	18/abr	A água nossa de cada dia por um fio/ do Paraíba às torneiras do Rio *	Rio	27
40.	18/abr	Viagem ao tempo dos barões do café *	Rio	36
41.	19/abr	Sem-terra invadem fazenda produtiva da Klabin	O país	15
42.	19/abr	Pássaros-lixeria: o retrato da poluição no Mar do Norte	Ciência e Vida	20
43.	20/abr	Prefeitura vai demolir 12 casas construídas na mata	Rio	14
44.	20/abr	Praias limpas, cardumes e piscinas naturais: é tempo de água roxa	Rio	20
45.	22/abr	Esqueceram da soberania nacional	Opinião	7
46.	22/abr	A guerra na floresta	Opinião	7
47.	22/abr	Proibida captura de tubarões e raias *	Rio	18
48.	22/abr	Oito praças da região serão reformadas	Zona Sul	3
49.	22/abr	Rota de especiarias no Jardim Botânico	Zona Sul	7
50.	22/abr	Em meio à savana, uma janela para a África	Boa Viagem	15
51.	23/abr	Captura de tubarões e de raias já está liberada	Rio	17
52.	25/abr	Garibaldi está mais antenado *	TV	17
53.	25/abr	Árvores podem ter, no máximo, 130 metros de altura, dizem cientistas	Ciência e Vida	42
54.	25/abr	Decreto vai regularizar garimpo em reservas	O país	15
55.	28/abr	O sumiço de Tony Blair do Campo de Santana *	Rio	17
56.	28/abr	Cápsula radioativa some nos saques à Poesi *	Rio	15
57.	28/abr	Exemplo bem-sucedido: projeto ajuda waimiris-atroaris a viver em paz na Amazônia *	O país	8
58.	29/abr	Os segredos das fotos de natureza	Zona Sul	12
59.	29/abr	Supernavegação: tartarugas não se perdem jamais	Ciência e Vida	39

60.	29/abr	Tijuca ganha nova área de preservação do patrimônio	Rio	19
61.	29/abr	Pepino Verde	Opinião	7
62.	30/abr	Lula poderá anunciar plano para o Paraíba	Rio	26
63.	01/mai	Transgênicos: Brasil testa segurança *	Ciência e Vida	39
64.	01/mai	Obras afastam temporariamente o perigo de vazamento tóxico na Ingá	Rio	23
65.	02/mai	Roteiro cultural e ecológico na Zona Oeste	Rio	35
66.	02/mai	Encontro de gerências do Ibama	Rio	33
67.	02/mai	Inventário de recursos naturais da Amazônia nunca foi usado pelo governo *	O país	19
68.	03/mai	União traz rio de volta à vida no norte de Minas	Razão Social	19
69.	03/mai	Concorrentes unidos por um mesmo interesse	Razão Social	11
70.	04/mai	Vazamento de resíduo tóxico atinge solo e rio em Caxias *	Rio	15
71.	04/mai	Greenpeace impede que navio atraque no Paraná	O país	8
72.	05/mai	Refinaria de óleo recebe multa de R\$ 500 mil	Rio	21

Jornal Folha de São Paulo

N.	Data	Título		
73.	05/abr	Ibama arrecada só 2% das multas aplicadas no país	Cotidiano	C4
74.	05/abr	Petrobras define impasse sobre o óleo para SP	Cotidiano	B6
75.	06/abr	Petrobras desiste de construir oleoduto até SP	Dinheiro	B5
76.	06/abr	Satélite radiografa as secas na Amazônia	Ciência	A4
77.	06/abr	Substância radioativa vaza em fábrica no Rio	Brasil	A5
78.	06/abr	Politização na gestão ambiental	Opinião	A3
79.	07/abr	Desmatamento em 2003 supera 21 mil km ² *	Ciência/capa	A14
80.	07/abr	Mato Grosso perde 18,58 mil Km ² de cerrado e de florestas tropicais	Ciência	A14
81.	08/abr	Brasil já derrubou 16,3% da Amazônia (capa)/Desmatamento na Amazônia cresce 2% *	Capa/Ciência	A16
82.	08/abr	Rede internacional de proteção à biodiversidade tem vários furos	Ciência	A16
83.	08/abr	Groenlândia pode perder todo o gelo em mil anos	Ciência	A16
84.	08/abr	Ministro libera R\$ 2 mi para fabricar inseto	Ciência	A16
85.	09/abr	Garimpo foi reativado por índios em 2003	Brasil	A8
86.	10/abr	Amazônia	Opinião	A2
87.	11/abr	Mais desgoverno na Amazônia	Mais	22
88.	11/abr	Páscoa, a vitória da vida	Opinião	A3
89.	12/abr	Mergulhos nas galés de Maragogi integra o turista à fauna marinha	Turismo	F4
90.	13/abr	Ambiente e economia	Editorial	A2
91.	13/abr	Sipam fará alertas contra desmatamento	Ciência	A13

92.	13/abr	Temporada de caça à foca envolve 12 mil no Canadá	Ambiente	A13
93.	13/abr	Conde desiste de propor muro	Cotidiano	C1
94.	15/abr	Falta de carros leva Polícia Ambiental a usar ônibus para atender demanda	Cotidiano	C4
95.	15/abr	Lei de biossegurança em discussão no Brasil	Fovest	2
96.	16/abr	Parlamento da Rússia pode vetar protocolo	Ciência	A14
97.	16/abr	Aumenta poluição por monóxido de carbono	Cotidiano	C4
98.	16/abr	Proliferação de planta em rio preocupa Cetesb	Cotidiano	C4
99.	17/abr	Caminho do mar é liberado para passeios	Cotidiano	C4
100.	17/abr	Florestas da América Latina perdem 470 mil km ² ao longo de uma década	Ciência	A14
101.	18/abr	Nestlé é proibida de explorar água em MG	Cotidiano	C5
102.	18/abr	Catarina, o fenômeno	Mais	14
103.	18/abr	Os transgênicos, o juiz e o ex-ministro	Mais	18
104.	19/abr	Anchieta inspira caminhada de 105 km	Turismo	F6
105.	19/abr	Aproveite o feriado para fazer trilhas	Turismo	F8
106.	20/abr	O muro da rocinha	Opinião	A2
107.	20/abr	A quem interessa?	Opinião	A3
108.	21/abr	Política e licenciamento ambiental	Opinião	A3
109.	21/abr	Qualidade da água de SP piorou em 2003 *	Cotidiano	C5
110.	21/abr	Poluição em Piracicaba preocupa	Cotidiano	C5
111.	21/abr	Grande SP apresentou melhora *	Cotidiano	C5
112.	22/abr	Professora transforma bituca em papel	Equilíbrio	9
113.	23/abr	Amazônia não é só santuário, diz Lula, ao defender gasoduto/Ibama diz que análise de obras está no prazo	Brasil	A4
114.	23/abr	Algas unicelulares dão pistas para a busca de terrenos com petróleo	Ciência	A16
115.	23/abr	Para Zôo e polícia, ajustes detonaram mortes	Cotidiano	C3
116.	23/abr	Controle de desaparecimento de animais começou apenas em 2001	Cotidiano	C1
117.	23/abr	Água melhora em Itanhaém; mar terá forte agitação na 2ª	Cotidiano	C2
118.	23/abr	Corte em contratos chegou a 1,4 milhão/ Envenenado, bicho pode ter sobrevivido um mês / Polícia vai pedir quebra de sigilo / Membros de gestões anteriores negam falhas	Cotidiano	C1
119.	24/abr	Rússia está mais perto de aprovar acordo de clima	Ciência	A15
120.	25/abr	Parque nacional corre risco de abandono	Cotidiano	C5
121.	25/abr	Índios exibem seu lado empreendedor *	Classif/Negocio	F3
122.	26/abr	Licença ambiental	Opinião	A2
123.	27/abr	Governo não fiscaliza transgênicos *	Dinheiro	B6

124.	28/abr	Justiça prorroga prazo para Nestlé paralisar exploração de poço em MG	Cotidiano	C3
125.	28/abr	Governo anuncia investimento de R\$ 400 mi para tratar água e esgoto *	Cotidiano	C3
126.	28/abr	Portal indígena critica ação de "brancos"/ energia solar leva internet à floresta *	Informática	F3
127.	30/abr	Inauguração cria só quatro empregos *	Brasil	A4
128.	30/abr	Aquífero possui nível elevado de metais em alguns pontos, diz estudo	Cotidiano	C5
129.	01/mai	Sob ameaça, bacalhaus amadurecem cedo	Ciência	A18
130.	02/mai	A morte anunciada do petróleo	Opinião	A3
131.	02/mai	Gigante desperto	Mais	14
132.	03/mai	Patagônia: via estreito de Magalhães (capa)/ Paisagem endurecida convida ao torpor	Turismo	F1
133.	04/mai	Criador de zebu critica MST e política ambiental *	Dinheiro	B10
134.	04/mai	Parque no Piauí espera patrocínio estatal *	Cotidiano	C2
135.	04/mai	Céu de chumbo (fotolegenda / capa)/ Cidade de SP tem camada de poluentes, mas qualidade do ar é considerada regular	Cotidiano	C2
136.	04/mai	Corte afeta projeto para catadores de lixo	Cotidiano	C4
137.	04/mai	Âncora ambiental	Capa	B10
138.	05/mai	Aparelho de US\$ 1 mi está parado há 6 anos	Ciência	A12
139.	05/mai	Depois de ser abandonado, jumento vai parar na mesa de estrangeiros	Cotidiano	C3

Jornal O Estado de São Paulo

140.	05/abr	Pomar: Villa-Lobos abre inscrição para o seu conselho	Cidade	C3
141.	05/abr	Petrobrás anuncia decisão sobre duto	Economia	B5
142.	06/abr	Petrobrás desiste de oleoduto Rio-São Paulo	Economia	B6
143.	06/abr	MT em um ano (capa) / Desmatamento em MT cresce 133% em 1 ano	Geral/capa	A11
144.	06/abr	Sistema por satélite mede água na floresta	Geral	A11
145.	06/abr	Biotecnologia: Ministros defendem interesses no Senado	Geral	A11
146.	06/abr	INB informa vazamento de material radioativo *	Nacional	A8
147.	06/abr	Novos roteiros entram na lista da Ambiental	Viagem	V12
148.	06/abr	O imperdível espetáculo das Cataratas do Iguaçu	Viagem	V6
149.	06/abr	Campo de desafios: muitas emoções pela frente	Viagem	V6
150.	06/abr	No parque da aves um mundo de diversidade	Viagem	V8
151.	07/abr	Biofábricas, uma nova perspectiva para a agricultura brasileira	Agronegócios	G5
152.	07/abr	Traficantes de aves ordenaram mortes no Zôo	Cidade	C1
153.	07/abr	Cancelamento de oleoduto frustra planos da Confab	Economia	B11

154.	07/abr	A raposa cuidando do galinheiro	Economia	B2
155.	07/abr	Metade da perda na Amazônia está em 25 municípios	Geral	A14
156.	08/abr	Tema: meio ambiente	Fórum	A2
157.	08/abr	Desmatamento é o segundo maior da história	Geral	A10 /11
158.	08/abr	Índices ainda preocupam, mas medidas agradam a ambientalistas *	Geral	A11
159.	08/abr	Projeto para a mata atlântica chega, enfim, ao senado	Brasil	A10
160.	08/abr	Animais do Zôo serão monitorados por chip	Cidades	C4
161.	10/abr	O homem e a Natureza	Espaço Aberto	A2
162.	12/abr	Navios de carga levam "passageiros" indesejáveis que ameaçam ecossistemas *	Geral	A7
163.	12/abr	Planta-símbolo do Pomar dá primeiros frutos	Cidade	C4
164.	14/abr	MST ameaça invadir reserva florestal	Nacional	A6
165.	14/abr	Rede de dados por satélite vai combater devastação da Amazônia	Geral	A12
166.	14/abr	Pesquisa aponta: menos empresas usam transgênicos	Geral	A12
167.	15/abr	Bush faz mal para todo o planeta	Geral	A14
168.	15/abr	Zoológico: justiça dá mais 30 dias para investigação	Cidade	C8
169.	17/abr	Juiz proíbe Rhodia de enviar lixo tóxico à BA	Cidades	C8
170.	17/abr	Amazônia: burocracia afeta exploração sustentável	Geral	A21
171.	17/abr	UE aplica novas regras sobre transgênicos	Geral	A21
172.	18/abr	Plátano, a cereja do outono em Campos	Cidades	C6
173.	18/abr	Campanha quer atrair visitantes ao zoológico *	Cidades	C6
174.	18/abr	Imprensa oficial marca parceria com ONGs	Caderno 2	D10
175.	18/abr	Mudanças de clima alarmam povos do Alasca	Geral	A17
176.	19/abr	O caminho do mar	Editorial	A3
177.	19/abr	CET testa fibra e material reciclado nas placas *	Cidades	C4
178.	20/abr	Lixo com destino incerto	Notas e Info	A3
179.	20/abr	Ibama quer alerta de riscos de espécies invasoras	Geral	A13
180.	20/abr	Inspirado na Polinésia e desenhado para se integrar à natureza	Viagem	V6/7
181.	20/abr	Dúvida: lavar o lixo ou poupar a água? *	Cidades	C5
182.	20/abr	Adubo tóxico de empresa falida pode ter vindo para São Paulo	Cidades	C5
183.	21/abr	Fibra de bromélia tem vantagens sobre o vidro *	Cidade	A18
184.	21/abr	Casais estréiam passeio no Caminho do Mar	Cidades	C5
185.	21/abr	É pouco, mas o cantareira está em seu nível mais alto em 7 meses *	Cidades	C5
186.	21/abr	Estiagem aumenta poluição de rios e represas *	Cidades	C6
187.	21/abr	Embrapa desenvolve batata transgênica	Supl. Agrícola	G11
188.	22/abr	Falta de verbas põe em risco sítios arqueológicos do PI *	Geral	A10
189.	22/abr	Piscinões espalham lixo na zona leste *	Cidades	C4

190.	23/abr	Pontos iluminados na floresta tropical	Geral	A11
191.	23/abr	Governo lança plano para conter proliferação do mexilhão dourado	Geral	A11
192.	24/abr	Fiscais do Ibama apreendem cobras e lagartos em Viracorpos *	Cidades	C3
193.	24/abr	Piscinões assoreados	Editorial	A3
194.	24/abr	Ibama resgata urso abandonado por circo em PE	Cidades	C3
195.	24/abr	Governo estuda forma jurídica para salvar parque no PI	Geral	A20
196.	25/abr	Preservação ambiental e gestão responsável exigem novos profissionais	Empregos	Capa
197.	25/abr	Amazônia, ONGs e desinformações	Notas e inf.	A3
198.	25/abr	Cena do dia: esquilo passeia pelas árvores do parque da Sabesp, no Horto Florestal, zona norte de São Paulo (fotolegenda)	Cidades	C2
199.	26/abr	Em SP, empresas confiscam soja de agricultores	Capa	
200.	26/abr	A qualidade da água	Notas e inf.	A3
201.	27/abr	Países lembram a catástrofe de Chernobyl	Geral	A15
202.	27/abr	Um dia de caminhada na Serra da Cantareira	Viagem	V8
203.	28/abr	Santos e Paranaguá	Esp. Aberto	G2
204.	29/abr	Jacaré demais faz RO liberar caça (capa)/Ibama deve permitir caça de jacarés em reserva de Rondônia *	Geral	A10
205.	29/abr	Cientistas da Nasa reafirmam processo de aquecimento global	Geral	A10
206.	29/abr	Shell começa a recuperar área contaminada	Cidades	C3
207.	30/abr	A palavra da ciência	Espaço aberto	A2
208.	30/abr	Dia de demissões na Serra da Capivara *	Patrimônio	A12
209.	30/abr	Onça-parda ataca animais na região de Sorocaba	Patrimônio	A12
210.	30/abr	Morre Maynard Smith	Ambiente	A12
211.	30/abr	Poços: ameaça à saúde e aos reservatórios *	Cidades	C4
212.	30/abr	Shell vai doar área após descontaminação	Cidades	C4
213.	01/mai	Governo fantoche de ONGs e lobbies	Espaço aberto	A2
214.	01/mai	Ameaça aos reservatórios	Notas e inf.	A3
215.	01/mai	Distriro em RO cresce com extração ilegal de madeira *	Geral	A19
216.	01/mai	Pesquisa revela novas espécies das profundezas	Geral/ambiente	A19
217.	01/mai	Governo vai liberar R\$ 601 mil para Serra da Capivara *	Geral/ambiente	A22
218.	01/mai	No Botânico, mil orquídeas e bromélias *	Cidades	C5
219.	01/mai	Recuperação animal (capa) / SOS Animais Silvestres *	Estadinho/capa	P4/5
220.	02/mai	Casa de taipa: sintonia entre homem e natureza	Negocios	C14
221.	02/mai	Governo ainda não tem política para a Amazônia (capa)/ Política ainda não saiu do papel	Nacional/capa	A12
222.	02/mai	Mato também pode dar dinheiro	Nacional	A13
223.	02/mai	Marinha teme pela segurança da Amazônia azul	Nacional	A11
224.	02/mai	Polícia apreende mais de 200 animais silvestres	Cidades	C8

225.	02/mai	Rotulagem de OGMs: quem pagará por isso?	Economia	B2
226.	03/mai	Floresta da Tasmânia, outro paraíso perdido	Geral	A10
227.	03/mai	Ativistas são presos em protesto no Pará *	Geral	A10
228.	03/mai	Projeto facilitará acesso de deficientes ao Villa-Lobos	Cidades	C4
229.	04/mai	O controle do aquífero	Notas e info.	A3
230.	04/mai	País terá nova política para preservar pau-brasil	Geral/ambiente	A10
231.	04/mai	Mortes de sagüis e soldado causam interdição de parque em Natal	Geral/ambiente	A10
232.	04/mai	Ataque de abelhas mata 2 turistas em Minas	Cidades	C4
233.	04/mai	Depois do pesadelo, a expectativa da retomada	Viagem	V4
234.	04/mai	Sete endereços indispensáveis para o lazer	Viagem	V10
235.	04/mai	Vale a pena esticar até Marajó, um rico santuário ecológico	Viagem	V11
236.	04/mai	História e ecologia em passeios por SP e Rio	Viagem	V12
237.	05/mai	Adote micos-leões por R\$ 15 mil/ano /Associação cria programa de adoção de micos *	Geral/capa	A13
238.	05/mai	Erosão é a maior causa de cheias no Pirajuçara *	Cidades	C4
239.	05/mai	Brasil perde com o avanço do milho GM no mundo	Supl. Agrícola	G15

8.3 Lista dos jornalistas entrevistados

N.	Jornal	Nome	Editoria
1.	O Globo	Alan Gripp	O país (cedido) / Rio
2.	O Globo	Ana Lucia Azevedo	Ciência e Vida
3.	O Globo	Ciça Guedes	O país
4.	O Globo	Cristiane de Cássia	Rio
5.	O Globo	Dimmi Amora	Rio
6.	O Globo	Júlia Dias Carneiro	Zona Sul / Rio
7.	O Globo	Letícia Helena	O país
8.	O Globo	Lílian Fernandes	Revista da TV
9.	O Globo	Maria Elisa Alves	Rio
10.	O Globo	Mônica Tavares	Sucursal Brasília
11.	O Globo	Patrícia Faria	Rio
12.	O Globo	Paulo Roberto Araújo	Rio
13.	O Globo	Roberta Jansen	Ciência e Vida
14.	O Globo	Tulio Brandão	Rio
15.	Folha	Eduardo de Oliveira	Agência Folha
16.	Folha	Julia Duailibi	Sucursal Brasília
17.	Folha	Luciana Constantino	Brasília/ Ciência
18.	Folha	Luiz Francisco	Sucursal Salvador
19.	Folha	Luiz Renato Strauss	Cotidiano
20.	Folha	Mariana Viveiros	Cotidiano
21.	Folha	Marta Salomon	Sucursal Brasília
22.	Folha	Paulo Peixoto	Agência Folha - BH
23.	Folha	Tatiana Diniz	Negócios/Empregos
24.	Estado	Bárbara Souza	Cidades
25.	Estado	Carlos Mendes	Sucursal Belém
26.	Estado	Clarissa Thomé	Rio / Nacional
27.	Estado	Daniel Gonzales	Cidades
28.	Estado	Etienne Jacinto	Estadinho
29.	Estado	Evanildo da Silveira	Geral
30.	Estado	Iuri Pitta	Cidades
31.	Estado	Mauro Mug	Cidades
32.	Estado	Nilton Salina	Sucursal Rondônia

8.4 Quem cobre meio ambiente no Brasil

Fonte: Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental – Março de 2004

1) Programas de Televisão

- . Biodiversidade Debate - TV Cultura de SP - www.biodiversidadebrasil.com.br
- . Globo Ecologia - www.futura.org.br/globoecologia
- . Repórter Eco - TV Cultura de SP - www.tvcultura.com.br/reportereco
- . Terra da Gente - EPTV/Globo - <http://eptv.globo.com/terradagente/>
- . Um pé de quê? - Regina Case/Canal Futura - www.futura.org.br

2) Comentaristas de Televisão

- . Washington Novaes - TV Cultura de SP

3) Programas de Rádio

- . CBN Ecologia - www.siga.org.br/radio.htm
- . Conexão Verde - www.ecopop.com.br (Rádio Viva Rio - Rio de Janeiro - RJ)
- . Guaíba Ecologia - www.radioguaiba.com.br (Rádio Guaíba - Rio Grande do Sul)
- . Natureza Viva - www.wwf.org.br (Rádio Nacional - Amazônia)
- . Sintonia da Terra - www.ecoagencia.com.br (Rádio da Universidade - Porto Alegre - RS)
- . Terra, Fogo, Mar e Ar - www.radioeldorado.com.br (Rádio Eldorado - São Paulo)

4) Comentaristas de Rádio

- . André Trigueiro - CBN (Mundo Sustentável) e Rádio Viva Rio (Conexão Verde)
- . Vilmar Berna, segundas, das 9:30 às 10h, na Rádio Carioca

5) Jornais Especializados

- . Folha do Meio Ambiente - www.folhadomeio.com.br
- . Jornal do Meio Ambiente - www.jornaldomeioambiente.com.br
- . Jornal Terramerica - www.terraamerica.com.br

6) Seções e cadernos fixos em Jornal

- . AN Verde - Página semanal em A Notícia - www.an.com.br - Joinville (SC)
- . Ciência e Meio Ambiente no Jornal do Commercio - jc.uol.com.br/jornal - Recife (PE)
- . Caderno mensal JB Ecológico - www.jb.com.br - Rio de Janeiro (RJ)
- . Caderno mensal do jornal O Informativo de Lajeado (RS) - www.informativo.com.br

7) Colunistas de Jornal

- . Carlos Tautz - coluna semanal no Pasquim 21 - www.opasquim21.com.br
- . Washington Novaes - coluna semanal no Estadão - www.estadao.com.br

8) Revistas Especializadas

- . Aguapé - www.redeaguape.org.br/revista.php
- . Caminhos da Terra - www.edpeixes.com.br
- . Eco21 - www.eco21.com.br
- . Ecologia e Desenvolvimento - www.uol.com.br/ecologia

- . Natureza & Conservação - www.fundacaoboticario.org.br
- . Senac Educação Ambiental - www.senac.br
- . Revista Meio Ambiente Industrial - www.meioambienteindustrial.com.br

9) Colunistas de Revista

- . Carlos Tautz - Coluna Verde da Revista Viração mensal - www.revistaviracao.com.br
- . Maria Zulmira de Souza - seção Ecologia da Revista Estilo Natural mensal - www.uol.com.br/simbolo

10) Saites com Notícias

- . Agência Fapesp - www.agencia.fapesp.br
- . Agência de Notícias Ambientais Ecopress - www.ecopress.org.br
- . Água Online - www.aguaonline.com.br
- . Ambiente Brasil - www.ambientebrasil.com.br
- . Ambiente Global - www.ambienteglobal.com.br
- . Ambiente Já - www.ambienteja.com.br
- . Ciência Hoje - www.uol.com.br/cienciahoje
- . Ciência e Meio Ambiente na Agência Estado - www.estadao.com.br/ciencia
- . ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico - www.comciencia.br
- . Diário Carioca - www.diariocarioca.com.br
- . EcoAgência - www.ecoagencia.com.br
- . Envolverde - www.envolverde.com.br
- . ECOinforme - Agência de Informação do Meio Ambiente - www.ecoinforme.com.br
- . Estação Vida - www.estacaovida.org.br
- . Informação e Diálogo na Sociedade Amazônica - www.amazonia.org.br
- . Jornal do Meio Ambiente Online - www.jornaldomeioambiente.com.br
- . Planeta Orgânico - www.planetaorganico.com.br
- . PNUD Brasil - www.pnud.org.br
- . Rios Vivos - www.riosvivos.org.br
- . Saneamento Básico - www.saneamentobasico.com.br
- . Século Diário - www.seculodiario.com

11) Saites de Ongs com Notícias

- . Associação Mineira de Defesa do Ambiente - www.amda.org.br
- . AS-PTA - www.aspta.org.br
- . Conservation International - www.conservation.org.br
- . Fundação SOS Mata Atlântica - www.sosmatatlantica.org.br
- . Greenpeace - www.greenpeace.org.br
- . Grupo Ambientalista da Bahia - www.gamba.org.br
- . Grupo de Trabalho Amazônico - www.gta.org.br
- . Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz - www.vitaecivilis.org.br
- . Instituto Socioambiental - www.socioambiental.org
- . Instituto Biodinâmico - www.ibd.com.br
- . Rede Brasileira de Educação Ambiental - www.rebea.org.br
- . Viva Rio - www.ecopop.com.br
- . Worldwatch Institute/UMA - www.wwiuma.org.br
- . WWF-Brasil - www.wwf.org.br

12) Saites governamentais com notícias

- . Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Pernambuco - www.cprh.pe.gov.br
- . Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental - www.cetesb.sp.gov.br
- . Governo do Acre - www.ac.gov.br
- . Embrapa Meio Ambiente - www.cnpma.embrapa.br
- . Fundação Estadual de Proteção Ambiental do RS - www.fepam.rs.gov.br
- . Ibama - www.ibama.gov.br
- . Ministério do Meio Ambiente - www.mma.gov.br

8.5 Documentos internacionais de referência na área ambiental

Acessos em 25/04/2005

Atos internacionais – Página do Ministério do Meio Ambiente que disponibiliza todos os atos internacionais (acordos, tratados, protocolos e convênios, dentre outros) assinados pelo Governo Brasileiro na área ambiental.

Link: http://www.mma.gov.br/?id_estrutura=2&id_menu=398&id_conteudo=90

Carta da Terra (1992) – Carta de declaração universal dos direitos ambientais, assinada por diversos setores da sociedade civil de todo o mundo na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Eco-92), no Rio de Janeiro.

Link: http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc

Convenção sobre a Diversidade Biológica (1992) – Convenção assinada por 175 países durante a Eco-92, incluindo o Brasil. Tem por objetivo promover a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos, mediante, inclusive, o acesso adequado aos recursos genéticos e a transferência adequada de tecnologias pertinentes, levando em conta todos os direitos sobre tais recursos e tecnologias, e mediante financiamento adequado.

Link para o site oficial: <http://www.biodiv.org>

Em Português: <http://www.mma.gov.br/port/sbf/chm/cdb/decreto.html>

Protocolo de Montreal sobre Substâncias que Destroem a Camada de Ozônio (1987) – Um dos primeiros documentos assinado no âmbito internacional com o objetivo de proteger a camada de ozônio. Previa a adoção de medidas para controlar as emissões globais de substâncias que destroem a camada.

Em Português: http://www.mma.gov.br/estruturas/ai/_arquivos/montrea.doc

Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (1992) – Adotada em maio de 1992, na sede da ONU em Nova York, após diversas negociações, a

Convenção tem como objetivo alcançar a estabilização das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera em um nível que impeça uma interferência antrópica perigosa no sistema climático. Esse nível deve ser alcançado num prazo suficiente que permita aos ecossistemas adaptarem-se naturalmente à mudança de clima, que assegure que a produção de alimentos não seja ameaçada e que permita ao desenvolvimento econômico prosseguir de maneira sustentável.

Link para o site oficial: <http://unfccc.int/>

Em português: <http://www.mct.gov.br/clima/convencao/texto.htm>

Protocolo de Quioto (1997) – O mais famoso tratado internacional sobre o clima, assinado em 1997, em Quioto (Japão), durante uma das conferências da ONU sobre o tema, tem por objetivo regular os níveis de concentração de gases de efeito estufa, de modo a evitar a ocorrência de mudanças climáticas a um nível que impediria o desenvolvimento econômico sustentável, ou comprometeria as iniciativas de produção de alimentos.

Em Português: http://www.mma.gov.br/estruturas/ai/_arquivos/quioto.pdf

Agenda 21 (1992) – A Agenda 21 é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Constitui-se na mais abrangente tentativa já realizada de orientar para um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI, cujo alicerce é a sinergia da sustentabilidade ambiental, social e econômica, perpassando em todas as suas ações propostas.

Em Português: http://www.mma.gov.br/?id_estrutura=18&id_conteudo=597

Convenção das Nações Unidas para Combate à Desertificação (1994) – Desertificação é a degradação da terra nas zonas áridas, semi-áridas e sub-úmidas secas resultantes de fatores diversos tais como as variações climáticas e as atividades humanas. A Convenção para Combate à Desertificação, como próprio nome afirma, tem por objetivo lutar contra a desertificação e mitigar os efeitos da seca nos países afetados, em particular a África, mediante a adoção de medidas eficazes.

Em Português: <http://desertificacao.cnrh-srh.gov.br/arquivos/Ccd.doc>

Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Internacional, especialmente como Habitat de Aves Aquáticas - RAMSAR (1971) – A Convenção tem como objetivo evitar a degradação das zonas úmidas e promover sua conservação, reconhecendo suas funções ecológicas fundamentais e seu valor econômico, cultural, científico e recreativo. O Brasil só ratificou essa Convenção em setembro de 1993, apesar de ser considerado o quarto país do mundo em superfície na Lista Ramsar, possuindo oito Zonas Úmidas consideradas Sítios de Importância Internacional, ou Sítios Ramsar.

Link para o site oficial: <http://www.ramsar.org/>

Em Português: <http://www.bdt.fat.org.br/sma/entendendo/indram>